UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

BRUNA MEIRA ZAPATA MORENO

Tornar-se máquina:
um estudo sobre a escola japonesa e brasileira no Japão

Versão corrigida

São Paulo
2019

BRUNA MEIRA ZAPATA MORENO

Tornar-se máquina:
um estudo sobre a escola japonesa e brasileira no Japão

Versão corrigida

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Amélia Luisa Damiani

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Mt

Moreno, Bruna
Tornar-se máquina: um estudo sobre a escola japonesa e brasileira no Japão / Bruna Moreno ; orientadora Amélia Luisa Damiani. - São Paulo, 2019.
144 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. Escola. 2. Educação . 3. Cotidiano. 4. Imigrante. I. Damiani, Amélia Luisa, orient. II. Título.

MORENO, Bruna. Tornar-se máquina: um estudo sobre a escola japonesa e brasileira no Japão. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Geografia Humana.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

À todos que lutam pela educação,

sobretudo,

em tempos tão sombrios.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/ TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Bruna Meira Zapata Moreno

Data da defesa: 17/12/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Amélia Luisa Damiani

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 14/02/2020

(Assinatura do (a) orientador (a)

Agradecimentos

Nesse período de praticamente isolamento social, é fácil perceber o quanto cada pessoa foi e é fundamental em minha vida. A dissertação que se segue não seria possível sem o suporte e carinho da minha família e de tantos queridos amigos.

Aos meus pais por terem sempre valorizado minha educação. À minha mãe, amor incondicional, por ter sempre acreditado em mim. Ao meu pai, por ter sempre apoiado minhas escolhas. Sem vocês, não haveria história para contar.

À minha amada vó, Dona Dora, que continua firme e forte na batalha de ver sua família feliz.

À minha querida irmã, Juju, única em tantos sentidos, de quem a saudade não cabe em mim.

À minha prima-irmã, Nana, companheira de vida, sem as nossas conversas e sonhos eu certamente não seria a mesma.

Aos meus sobrinhos Nathan e Nicolas, que trouxeram um novo sentido para a família, além de muito amor.

À Dalvinha querida, que sempre nos ensinou a esbanjar alegria.

Aos meus irmãos e primos, por fazerem da minha infância um lugar repleto de alegria.

Minha gratidão especial à minha orientadora, por toda paciência e sabedoria que, sem saber, me fez insistir na geografia. Obrigada por todo ensinamento nesses quase dez anos. Muito obrigada por achar flores, onde eu só via espinho. Acima de tudo, obrigada pela confiança e amizade.

Aos meus queridos amigos, em especial àqueles que nem a distância consegue esmorecer o sentimento de ternura e gratidão.

Aos meus companheiros de militância Gabs Neves Martins, Max Gimenes, Doug Miyamoto, Vivi Petri, Bruno Ranieri “Surfs”, Robertinha Costa, Fabi Marchetti, Matheus Lima “Matheuzão”, Vanessa Gravino, Claudinha Hernandes, entre tantos outros.

Aos queridos companheiros de geografia e de vida. Em especial, Bruno Natale “Necas” pela querida amizade e troca de ideia constante; à Talita Amaral, pela preciosa leitura e carinho eterno. Obrigada por fazerem parte dessa caminhada. Aos amados Túlio Candiotto, João Victor Pavesi, Ricardo Oliveira, Ju Camacho, Rafael Rodrigues, Marília Sossoloti, Caio Esquioga e Leidi Correia por me trazerem tantas lembranças queridas.

Aos companheiros de samba Monizi Guarnieri, Sarkis Alves, Rafael Dias Scarelli, e Breno Pacheco por tantos momentos memoráveis.

À todos os grupos que tive o privilégio de participar, em especial ao grupo de Marx do Labur, em especial ao padre Luciano pelo grande exemplo. Meus sinceros agradecimentos pelos queridos debates calorosos de sexta.

Por fim, mas não menos importante, às pessoas que conheci nessa nova jornada, mas que já fazem parte da minha vida.

À todos os professores de japonês que se dedicam voluntariamente na ajuda aos estrangeiros no Japão. Em especial às organizações de Tachikawa e Hachioji.

Aos novos queridos amigos, em especial Giulia, Toshi, Kengo e Mizuho. Aos queridos do japonês Em, Goy, Erik e Lourence. Obrigada pelas por me fazerem enxergar por outros ângulos, além de todas risadas.

Às todos os professores de Akiruno e de Yamanashi, com os quais eu tanto aprendi. Muita gratidão aos meus alunos, por me fazerem rir constantemente. Sem vocês, a vida no Japão não seria a mesma.

Por fim, mas não menos importante, à minha família japonesa que me acolheu como filha antes mesmo de me conhecer. Ao meu cunhado Daisuke Mitsui e minha concunhada Chihiro Mitsui. E em especial aos meus amados sogros, Noriko Mitsui e Eiichi Mitsui, sem os quais eu não consigo imaginar uma vida no Japão. Obrigada por todo cuidado e carinho. Esse escrito é em grande parte resultado de nossas conversas.

Ao meu grande amor, Kenji Mitsui, que me ensinou o que é companheirismo. Que mesmo sem entender o sentido de meus estudos, não poupou esforços em me ajudar nessa batalha que foi fazer essa pesquisa. Meu profundo agradecimento.

Sem vocês, meu caminho definitivamente não seria o mesmo, tampouco meus pensamentos e o escrito que se segue.

Um agradecimento especial à banca, Ricardo Baitz, Wataru Kikuchi e Eduardo Girotto. As correções, críticas e reflexões foram fundamentais para essa dissertação. Meus sinceros agradecimentos.

Agradeço à CAPES pela bolsa de mestrado que possibilitou que este trabalho fosse realizado, à Fapesp e CNPq pelo apoio à pesquisa.

Se a educação sozinha não transforma a sociedade,

sem ela tampouco a sociedade muda.

Paulo Freire

RESUMO

MORENO, Bruna. Tornar-se máquina: um estudo sobre a escola japonesa e brasileira no Japão. 2019. 144 f. Dissertação (mestrado em geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

O presente trabalho tem por objetivo entender a vida das crianças imigrantes no Japão. Para tal, a implicação em escolas japonesas e brasileiras no Japão se deu. Para compreender como os estrangeiros vão se tornando parte da máquina ou ficando à margem da sociedade esmiuçaremos o funcionamento da própria escola. Esse quebra-cabeça só pode ser desvendado se nos atentarmos à história e geografia, ao momento fundador do Estado e da escola e suas implicações, bem como às teorias sobre a estrutura social da sociedade japonesa. Assim conseguiremos nos aproximar das questões centrais, por exemplo, “o que a sociedade japonesa quer da escola”, “como a escola realmente é”, e “ como as crianças imigrantes vivem no meio dessas imposições”.

Palavras-chave: Escola, Educação, Cotidiano, Imigrante.

ABSTRACT

MORENO, Bruna. Become machine: a study about Japanese and Brazilian school in Japan. 2019. 144 f. Dissertação (mestrado em geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

The present work aims to understand the lives of immigrant children in Japan. To this end, the involvement in Japanese and Brazilian schools in Japan took place. In order to understand how foreigners are becoming part of the machine or staying on the margins of society, we will scrutinize the functioning of the school itself. This puzzle can only be solved if we pay attention to history and geography, the founding moment of the State and the school and its implications, as well as theories about the social structure of Japanese society. In this way, we will be able to approach the central questions, for example, "what does Japanese society want from school", "how school really is", and "how immigrant children live in the middle of these impositions".

Keywords: School, Education, Daily life, Immigrant.

Sumário

1. Introdução 11

2. Japão: uma aproximação 18
2.1 Modo de produção asiático
2.2 Miscelânea Geo-histórica
2.3 A modernização do Japão
2.4 A estrutura Social: entre a casa e a corporação

3. A instituição da Educação 43
3.1 A Instituição
3.2 O nascimento de uma sociedade baseada na escrita
3.3 O Decreto Imperial sobre a Educação
3.4 A Escola durante e após a 2º GM

4. A Escola japonesa 61
4.1 A escola pública
4.2 Uma cidade de fronteiras: Akiruno
4.3 A vida escolar
4.4 A vida japonesa no Japão

5. A Escola brasileira 79
5.1 A migração: o movimento entre Japão e Brasil
5.2 Uma cidade de entrada: Minami-arupusu
5.3 A vida escolar
5.4 A vida brasileira no Japão

6. Diário de Campo 101
6.1 Primeira parte: primeiras impressões
6.2 Segunda parte: as escolas japonesas
6.3 Terceira parte: as escolas brasileiras

7. Considerações Finais 100

Referências..... 135
ANEXOS..... 142

1. Introdução

Esse escrito nasce em um período de catástrofe para a sociedade brasileira. A crise na educação já era anunciada, mas nem por um segundo imaginávamos que chegaríamos ao ponto em que chegamos. O que nos acompanha não é mais somente a crise estrutural do sistema que vivemos, mas o desmantelamento generalizado da educação pública. Ainda há muito chão por vir, mas as consequências dessa destruição já são sentidas. Cabe advertir que essa dissertação nasce perante muita angustia, mas também no aprendizado de que os períodos de crise são momentos privilegiados, pois podemos pensar o problema em sua essência. O intuito desse estudo é acima de tudo o de pensar a escola. Para fugirmos um pouco do que já foi aos nossos olhos tão naturalizado estudaremos as escolas no Japão.

Os contextos sociais entre o Brasil e o Japão diferem exponencialmente, o que não torna impossível algumas semelhanças, principalmente na imposição do trabalho e do mundo das mercadorias. De certa forma, podemos afirmar que mesmo com diferenças brutais, a luta nas duas sociedades tem sido pela sobrevivência. A sociedade japonesa, porém, nos permite vislumbrar um passo a mais: a robotização da vida. Não é só o vício nos *smartphones* e nas telas do computadores que se generalizaram pelo mundo de uma forma quase que absoluta; não é só fazer parte do maquinário; não é só aceitar a naturalização do trabalho abstrato, assalariado; não é só concordar com a mais-valia; não é só encarar o capitalismo como religião como Weber já havia elucidado[1]. Para além de tudo isso, é se trabalhar incessantemente para fazer parte desse maquinário, para se encaixar. É, em parte, destituir-se enquanto ser humano. Processo esse que é mundial, mas carrega diferenças substanciais.

Esse servilismo voluntário - já bastante estudado pelas Ciências Sociais - pode ser explicado pela alienação. As sociedades de um modo geral têm aceito a naturalização do trabalho abstrato. Porém, na sociedade japonesa parece haver uma aceitação ainda maior. O "empenho" demasiado, ou o servilismo voluntário se preferir, é ensinado, leia-se forçado, desde pequeno. A educação, em casa e na escola, serve para treinar a criança a aceitar a dura realidade do trabalho marcado por longas jornadas, submissão total ao chefe e à toda hierarquia presente em aparentemente qualquer lugar e situação no Japão. Desde pequenas são estimuladas a darem o seu melhor em qualquer situação, inclusive nas impossíveis. A expressão g*anbattê* que significa "dê o seu melhor", ou

[1] Segundo Benjamin: "O capitalismo deve ser visto como religião, isto é, o capitalismo está essencialmente a serviço da resolução das mesmas preocupações, aflições e inquietações que outrora as assim chamadas religiões quiseram oferecer resposta. (...) a estrutura religiosa do capitalismo, que não é só uma formação condicionada pela religião, como pensou Weber, mas um fenômeno essencialmente religioso" (BENJAMIN, 2015, p. 21).

simplesmente “persista”, é constantemente utilizada, talvez só seja menos utilizada que as palavras *hai*, que significa “sim”, e *sumimasen*, que por sua vez seria traduzido como “com licença, me desculpe, me perdoe”, carregando também o sentindo de agradecimento, utilizado principalmente em resposta à uma gentileza. Essa mentalidade fortalece a vida enquanto parte do maquinário. Como consequência de um mundo onde há o elogio eloquente do trabalho e da disciplina, há inúmeras mortes por excesso de trabalho, conhecidos por *karôshi* 過労死[2], mesmo que a exaustão pelo trabalho não seja uma exclusividade japonesa, muito menos uma novidade na história da humanidade.

Tal rígida estrutura social traz também outras consequências, como por exemplo a elevada taxa de suicídio no Japão[3]. Esse antigo problema se renova na sociedade moderna japonesa, se configurando ainda hoje com uma grande questão social, principalmente pelo elevado número entre adolescentes e jovens. Segundo Raul Vaneigem, “o comportamento suicida se inscreve na lógica de um sistema que tira seu proveito do esgotamento gradual da natureza terrestre e da natureza humana” (VANEIGEM, 2002, p. 13). Portanto, o suicídio não é um problema individual.

Se tornar máquina não ocorre do dia para a noite. É necessário um contínuo processo de aceitação da ideologia para que as pessoas vivam a sociedade do trabalho em sua potência máxima. E esse processo de desumanização certamente passa pela escola. Portanto, a escola pode nos ajudar a compreender como a sociedade tem caminhando. Além disso, estudar essa fase da vida implica também na convicção de que “a infância permanece uma experiência insuperável, quaisquer que sejam os esforços que façamos para dela sair.”[4] Essa insuperabilidade não é vivida apenas dramaticamente, é insuperável também pelo sentido que damos às nossas vidas, trazendo implicações que permanecerão conosco. Por fim, para além de ser um momento crucial na formação dos indivíduos, é também prenhe de possibilidades; ou como afirma Hannah Arendt (1961), é a fase em que nós, enquanto professores, devemos compartilhar o mundo que estamos para que assim a criança cresça e possa trazer o novo, ou seja, nascer pela segunda vez, só que dessa vez para o mundo.

As escolas no Japão foram possíveis de serem analisadas por minha experiência enquanto assistente de inglês em escolas públicas japonesas na metrópole de Tóquio e como voluntária em

---

[2] 過: exagerar, exceder, ir além, erro. 労: trabalho, agradecimento, recompensa, labuta, problema. 死: morte, falecer.

[3] Em 2012 foram registrados 804.000 suicídios no mundo, dos quais 29.442 aconteceram no Japão, e 11.821 no Brasil. Em números brutos, o Japão fica em 5º lugar, atrás da Índia (258.075), China (120.730), EUA (43.361), e Rússia (31.997). No Japão, a taxa de suicídio era de 18,8 a cada 100.000 habitantes, e em 2012 passou para 18,5, com uma redução de apenas 1,9% (Fonte: Organização Mundial da Saúde).

[4] Lourau, 2004, p. 18.

uma escola particular brasileira em Yamanashi. Tal experiência enriqueceu extraordinariamente o meu estudo e me permitiu vislumbrar uma gama de novas questões. Para analisarmos as escolas por onde passei, utilizaremos alguns métodos e conceitos que nos ajudarão nessa empreitada. O primeiro deles é o de escola-lugar. Isso quer dizer que a escola não é isolada da sociedade em que está circunscrita, da história e da geografia, dos conflitos, das mudanças, das relações práticas sócio-espaciais (GIROTTO, 2009). Estudar a escola em um país socialmente tão distinto do nosso é também tentar entender a universalidade desse processo, e obviamente, a singularidade e particularidade de cada caso. Embora nos atentaremos apenas para as escolas no Japão, o intuito final é que esse estudo nos permita pensar em como a escola funciona em uma realidade diferente da nossa, sempre com a tentativa de não cairmos em uma generalização romantizada.

Outro conceito fundamental se deu a partir da concordância com a ideia de que a ciência não é neutra. Portanto, o diário de campo será compartilhado por acreditarmos que assim o leitor terá a chance de pensar o cotidiano em que esse escrito se deu. Uma vez que o diário, além de demonstrar de onde falo, também versará sobre minhas impressões, reflexões, meus erros, bem como meu próprio processo de me perceber enquanto imigrante no Japão, porque por mais óbvio que isso possa parecer, às vezes demora para cair a ficha. Não quero com isso generalizar minha experiência, muito menos ditá-la enquanto verdade, mas levantar alguns pontos, encantos, choques, prazeres e tristezas desse processo. Segundo Ricardo Baitz, "nem todos estão dispostos a arcar com o peso de suas próprias verdades" (2006, p. 31), pois há uma repulsa em compartilhar as partes mais íntimas da pesquisa, bem como demonstrar a inclusão do próprio pesquisador nessa jornada. A cientificidade exige que sejamos neutros, sem questionar que essa "neutralidade" foi quase que exclusivamente construída por homens brancos, pertencentes à uma elite, ou pelo menos à uma classe média por quase toda história. A partir da criação deste Um como modelo, há uma institucionalização onde todos os Outros são instituídos apenas enquanto fora do modelo, do "padrão", do "normal". Simone de Beauvoir (1970) afirma que a cultura masculina identificou as mulheres com a esfera do corpo, ao mesmo tempo que reservava aos homens o privilégio da desincorporação, de uma entidade não corpórea. Portanto, faz-se necessário dizer que ainda hoje, a ciência tem como pressupostos científicos uma visão basicamente masculina, branca, pertencente à uma classe social, sem falar no eurocentrismo também nela impregnada.

Esse é um dos motivos para utilizarmos o método de implicação. Segundo Hess (2004), seria um método de intervenção, fazendo com que o jogo social seja manifesto. Ou seja, podemos analisar as múltiplas partes presentes nesse jogo, mesmo as que são normalmente ocultas. Além

disso, o método permite que o analista se situe, se implique, seja verdadeiro com a sua atuação, ou pelo menos, o tente. Ou como diria o próprio Lourau:

> A implicação deseja pôr fim às ilusões e imposturas da 'neutralidade' analítica, herdadas da psicanálise e, de modo mais geral, de um cientificismo ultrapassado, esquecido de que, para o 'novo espírito científico', o observador já está implicado no campo da observação, de que sua intervenção modifica o objeto de estudo, transforma-o. Mesmo quando o esquece, o analista é sempre, pelo simples fato de sua presença, um elemento de campo (Lourau, 2004, pp. 82,83).

Há uma outra importante teoria por detrás da implicação: o estudo do cotidiano. Para Henri Lefebvre (1991), o cotidiano é o nível de análise do real, é a possibilidade de colocar o acento no social, como nível mediador entre o econômico e o político. O vivido compreende não só o corpo e a subjetividade, mas também a vivência social e a coletiva. Já a representação é a mediação, a relação, uma eterna condição de presença e ausência. As representações tomam o lugar das coisas, preenchem os vazios. É verdade que podem ser carregadas de alienações e fantasias, mas são as únicas que conseguem mediar com o objeto faltante. E mesmo que o sabotamento da vida aconteça na rotina do cotidiano, é lá também que o descontentamento, a insatisfação e a angústia ganham forma; é lá que do "insignificante" pode nascer o inusitado.

> O cotidiano torna-se objeto de todos os cuidados: domínio de organização, espaço-tempo de auto-regulação voluntária e planificada. Bem cuidado, ele tende a construir um sistema com um bloqueio próprio (produção-consumo-produção). Ao se delinear as necessidades, procura-se prevê-las; encurrala-se o desejo. Isso substituiria as auto-regulações espontâneas e cegas do período de concorrência. A cotidianidade se tornaria assim, a curto prazo, o sistema único, o sistema perfeito, dissimulados sob os outros que o pensamento sistemático e a ação estruturante visam. Nesse sentido, a cotidianidade seria o principal produto da sociedade dita organizada, ou de consumo dirigida, assim como a sua moldura, a Modernidade. Se o círculo não consegue fechar-se, não é por falta de vontade nem de inteligência estratégica: é porque 'alguma coisa' de irredutível se opõe (LEFEBVRE, 1991, p. 82).

A vida carrega, portanto, sempre esse quê de irredutível; não sendo tecida somente de alienação, embora essa possa se dar de forma avassaladora. Porém, há sempre algo que mesmo a força da sociedade de consumo dirigida não consegue quebrar. Há em cada vida sempre algo de singular. Há sempre uma pujança do vivido como Alexandre Rocha belamente escreveu:

> Enquanto lugar, a intimidade e a intensidade do vivido impera, não somente enquanto imediatice, mas também como fruição. Não é uma questão estética, moral ou ética. A vida é mais que estas possibilidades de interpretação das práticas existentes. É pujante, além do espetáculo. Ao mesmo tempo, prenhe de alienações, também explicita as contradições na crítica ao modo de produção (ROCHA, 2007, p. 185).

Essa infinitude presente em cada indivíduo nos permite pensar que os caminhos não estão esgotados. Ainda é possível pensar o que queremos de nossas vidas, escolas, sociedades, cidades, países, etc. David Harvey (2013) afirma que o direito de mudar a cidade "não é um direito abstrato, mas sim um direito inerente às nossas práticas diárias, quer estejamos cientes disso ou não"[5]. O autor considera também que há um movimento dialético nesse processo, já que a cidade se refaz independentemente das "circunstâncias urbanas" que queremos, ou escolhemos. Esse direito de mudar a cidade, vem acompanhado também do direito de mudar o espaço, a história, a sociedade, e porque não a escola? E aí é que a utopia é fundamental para pensarmos o mundo que queremos e não simplesmente concordarmos com o que está posto.

Utopia parece algo distante, um sonho, uma não realidade, mas sem essa, não há força, nem movimento; só estagnação, ou como podemos observar recentemente no Brasil, retrocesso brutal. Harvey (2013) afirma que ao refazer a cidade, podemos refazer a nós mesmos, pois refazer a cidade — implicando a sociedade e o espaço — pode significar um processo de mudança de um conjunto que pode ter a potência de "mudar a vida", uma vez que deveríamos pensar a cidade de acordo com nossos desejos, e não o seu contrário, como vem acontecendo de forma quase que universal. Para Lefebvre (2006), mudar a vida está intimamente relacionado com a produção de um espaço apropriado, pois se uma revolução não é capaz de produzir um espaço novo, ela fracassa. Portanto, a subversão do espaço é passagem obrigatória para uma outra sociedade. Nesse espaço novo, a escola também certamente não poderia ser a mesma.

Advertência: linguagem

A linguagem pode parecer um dos atos humanos mais naturais. No entanto, não há linguagem sem sociedade, ou um alguém para receptar a mensagem. A linguagem é estruturante do pensamento, da ação, do cotidiano. Segundo Lacan (2011), quando a criança se reconhece no espelho, é o momento em que ele se entende enquanto todo, e é assim que ele entra na linguagem. É esta passagem necessária, segundo a psicanálise, para que a criança se entenda enquanto ego-ideal, e não mais uma extensão de sua mãe. Ao mesmo tempo, é este mesmo processo que o faz perceber que nem sequer o seu nome é exatamente seu, que o mundo já era mundo muito antes dele chegar. Ou uma descoberta ainda mais terrível para a sua formação e igualmente fundamental: de que a reciprocidade do desejo não é necessariamente verdadeira. A falta faz com que o ideal do ego seja esmorecido. Além da fala, há toda uma estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica

[5] HARVEY, 2013, p. 29.

descobre no inconsciente. Lacan afirma que a impossibilidade da realização de um objeto de desejo é necessária para que a estrutura metonímica do desejo siga o que ele chama de um "curso assintótico", ou seja, é a linha que se curva em direção à linha que se quer encontrar, mas nunca alcança.

> Achar como explicação a experiência da comunidade não resolverá, pois a comunidade toma como experiência que tem dimensão essencial na tradição que instaura esse discurso. A tradição portanto funda as estruturas elementares da cultura. Essa estrutura revela uma ordenação da troca (ainda que inconsciente, é inconcebível fora das permutações que autoriza a linguagem). (…) Daí resulta que a dualidade etnográfica da natureza e da cultura, está em vias de ser substituída por uma concepção ternária - natureza, sociedade e cultura- da condição humana, cujo último termo seria possivelmente redutível à linguagem, ou seja, ao que distinguem essencialmente a sociedade humana das sociedades naturais (Lacan, 2011, p. 226).

Para o autor, o ato de denominação levaria então o aprendizado pelo sujeito *infans* de sua língua materna. A tradição estaria profundamente entrelaçada com a cultura, que por sua vez tem a linguagem como propulsora da sociedade humana, se diferindo das sociedades naturais. A relação entre o significado e o significante carregaria uma relação dialética, uma vez que é na cadeia de significante que o sentido insiste, pois o significante não representa somente o significado. O significado antecipa muitas vezes o que está por ser dito, muitas vezes sem mesmo que seja dito inteiramente.

Todas as línguas desenvolvem um tipo de simbologia, mas não deixa de ser interessante a conservação de uma escrita ligada à representação do mundo. O processo de deciframento da língua japonesa nos ajudou muito na compreensão dessa sociedade, por isso será compartilhado. Lefebvre (2006), ao se referir à China, afirma que há uma possibilidade que os ideogramas "contenham indissoluvelmente uma presença da ordem do mundo (espaço-tempo) e uma apreensão do espaço-tempo concreto (prático-social) nos quais se desenvolvem os simbolismos, se compõem as obras de arte, se constroem os edifícios, templos e palácios" (LEFEBVRE, 2006, p. 38). Esse ideograma descrito é o kanji, sendo também utilizado pela língua japonesa. Porém, há uma diferença, enquanto que na língua chinesa houve uma simplificação dos ideogramas; a simplificação escolhida pelo Japão foi o acréscimo de dois alfabetos. Portanto, língua japonesa é composta por 3 sistemas de escrita: o hiragana [ひらがな] (composto de 46 letras básicas) podendo ser usado para escrever qualquer palavra em japonês; o katakana [カタカナ] (composto pelas mesmas 46 letras básicas, mas com a função de representar palavras estrangeiras, nomes de estrangeiros e onomatopéias) e o kanji [漢字] que são os caracteres chineses (cada kanji representa uma ideia e pode possuir duas ou

mais leituras). Tanto o hiragana quanto o katakana são alfabetos silábicos, exceção feita às vogais "a, e, i, o, u" e à consoante "n". Os termos que considero importantes serão escritos na língua japonesa, e serão acompanhados da leitura no sistema Hepburn (representação gráfica dos sons do kanji), mas, seguiremos o modelo utilizado por Kikuchi (2012), uma versão "aportuguesada" do sistema, para que leitura em português flua com mais facilidade. Além disso, alguns termos serão seguidos da tradução e dos significados de cada kanji individualmente. Todos os kanjis foram consultados no dicionário online "*disho*", cujo o endereço eletrônico está na bibliografia.

Por fim, mas não menos importante, utilizaremos alguns trechos das redações dos alunos do colégio brasileiro que serão claramente identificados, mas não citarei os autores para preservar a imagem deles. Manterei os trechos exatamente como foram escritos. Além disso, há uma tentativa de conectar o estudo ao diário que será identificado na citação.

2. Japão: uma aproximação

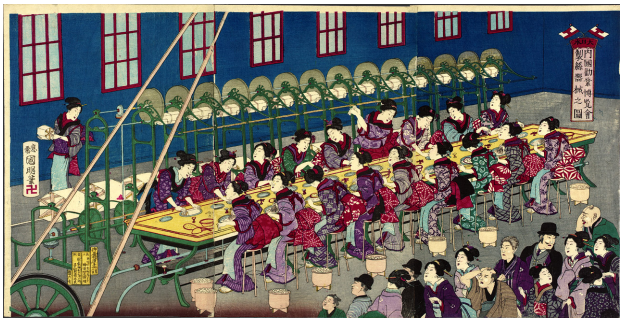
Figura 1 -Período Edo: casa das pessoas comuns

Fonte: Arquivo próprio. Museu de Edo-Tokyo, 2019.

Figura 2 - Período Edo: o cotidiano

Fonte: Arquivo próprio. Museu de Edo-Tokyo, 2019

Figura 3 -Período Meiji: participação feminina na indústria



Fonte: http://44041790.weebly.com/meiji-industries.html

Figura 4 - Período Meiji: Construção de uma cidade modelo depois da incêndio de 1872

Fonte: https://www.edo-tokyo-museum.or.jp

Figura 5 - Padrão de construção: mais de 2.000 unidades construídas em Tokyo em 1959

Fonte: https://www.edo-tokyo-museum.or.jp

Figura 6 -Organização do lixo

Fonte: Arquivo próprio, 2019.

Figura 7 - Fábrica em Shizuoka

Fonte: Arquivo próprio, 2019.

Figura 8 - Restaurante

Fonte: Arquivo próprio, 2019.

2.1 Modo de produção asiática

Ao tentar entender a estrutura da propriedade no modo de produção capitalista, Karl Marx fez uma pesquisa minuciosa sobre o desenvolvimento do capital e do trabalho. Para tal, precisou dedicar-se a compreender a acumulação originária e os modos de produção pré-capitalistas. Entre esses modos estará o "modo de produção asiático", mas antes de nos aprofundarmos no modo asiático, há que se desvendar um pouco melhor o que significa "modo de produção" em Marx. Para o autor, a produção está sempre "socialmente determinada". Segundo Enrique Dussel, isso significa dizer que "toda produção recebe em seus próprios momentos constitutivos a marca real da sociedade" (2012, p. 32). Para Marx, estudar os diferentes modos de produção significa buscar o que há de essência nesse processo, ou seja, o que há de comum, mesmo que seja em sua forma abstrata. Tal ato significa historicizar o momento em que vivemos, e desnudar seu ar de perpétuo.

> Está claro que a primeira acumulação, do dinheiro como tesouro, como dinheiro, que se torna a primeira forma do capital é fruto de um processo não capitalista. É interessante observar, além do mais, que, para Marx, o "modo de produção" é um sistema real, parcial, dominado pelo capital: o capital é o todo e a produção uma parte (da qual a parte ou o sistema, o "modo", é uma maneira particular do processo de produção como processo de valorização - que cria mais-valia) (DUSSEL, 2012, p. 215).

Mesmo que cada modo carregue uma maneira particular, há condições essências para o surgimento do capital, como, por exemplo, o dinheiro e o trabalho. Esses momentos anteriores ao modo capitalista em si, ainda que não sejam parte constitutiva do capital, se tornam momentos necessários para a sua existência (Dussel, 2012), uma vez que sem eles, o capital não poderia se desenvolver. O trabalho pressuposto para o desenvolvimento da produção capitalista não é qualquer tipo de trabalho, e sim o trabalho assalariado. Isso significa dizer que o trabalho "livre" seria uma condição histórica fundamental, ou seja, nesse processo já havia, ou já começava a haver, a separação do trabalhador das condições objetivas de sua realização. Consequentemente, significa também dizer que há o desmantelamento da propriedade comunitária, e essa mudança no trabalho fará com que o valor de uso passe de fruição para o dinheiro pelo dinheiro.

Como não poderia ser diferente, o conceito sobre o modo de produção asiático passou por diversos aprofundamentos em diferentes momentos de Marx, e parece que, de um modo geral, o grande exemplo foi a Índia, mesmo que o conceito tenha se generalizado para além do continente asiático. Marx tratou de alguns conceitos centrais primeiramente em seu texto sobre a *Dominação Britânica na Índia,* que foi publicado em 1853 no New York Daily Tribune. Segundo Augusto (2014) era também a primeira vez em que o autor oferecia sua análise sobre os modos de produção fora da Europa Ocidental.

Alguns anos depois, em 1859, Marx compartilha no prefácio do livro *Contribuição à Crítica da Economia Política,* um pouco da trajetória de seu pensamento. Marx afirma que a partir de suas investigações foi possível perceber que as relações jurídicas e as formas do Estado não podem ser explicadas por si só. Para o autor, essas relações têm sua base nas condições materiais de existência, em suas totalidades, na sociedade civil. O autor chega à conclusão de que para se entender a estrutura da sociedade burguesa, há que se entender a Economia Política, suas categorias, seu funcionamento, mas, mais do que tudo, há que critica-lá.

> Na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual (MARX, 2008, p.47)

O homem ao tentar sobreviver, terá que lidar com as relações que estão postas, ou seja, socialmente determinadas, independentemente de suas vontades, até porque pouca escolha ele tem. Essas relações socialmente determinadas, ou o modo de produção, condicionam a vida. Análise essa que fez Marx chegar à uma importante conclusão: "Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência" (MARX, 2008, p.47). Portanto, o ser é socialmente determinado pelas relações de produção.

Marx coloca então o modo de produção asiático na pré-história da sociedade humana. Fazendo com que os modos de produção tenham uma certa progressão no tempo, mas também um certo movimento. O tema será por fim mais detalhado no Grundrisse, escrito entre 1857 e 1858, e posteriormente no Capital, que tem o começo de sua redação em 1867. Cabe ressaltar que o Grundrisse não foi publicado pelo autor, já que se tratava de um rascunho de pesquisa, sendo publicado pela primeira vez somente em 1939. No entanto, a forma de rascunho do texto não diminui a importância do escrito. Por essa obra, podemos acompanhar a construção do pensamento de Marx. O capítulo mais importante para o tema é "*Formas que precedem a produção capitalista"*. O texto seguirá em espiral, comparando os três modos de produção que antecedem o capitalismo: o oriental ou asiático; o romano, grego, ou da antiguidade clássica; e o germânico, ou feudal.

Marx afirma que a primeira forma de existência se deu ainda no nomadismo, com a migração e a vida pastoril. A comunidade natural, ou a coletividade tribal, é o pressuposto da apropriação de terras, mesmo que temporária, bem como da utilização coletiva do solo. A coletividade tribal é portanto o pressuposto do processo de fixação "da apropriação das condições

objetivas da sua vida e da atividade que a reproduz e objetiva" (MARX, 2011, p. 629). A comunidade que se fixa em geral partilha uma língua, costumes, sangue, etc. Quando o processo de sedentarização começa a se desenvolver, haverá ainda inúmeros fatores que tornarão essas coletividades originárias diferentes uma das outras, como as condições externas, climáticas, geográficas, etc. Nesse momento, vale ressaltar que a terra não fornece somente o sustento, mas a relação, sendo também "o grande laboratório, o arsenal, que fornece tanto o meio de trabalho quanto o material de trabalho, bem como a sede, a base da comunidade" (MARX, 2011, p. 629). A relação com a terra acontecerá, para Marx (2011), de maneira ingênua, produzindo e reproduzindo trabalho vivo. É o desenvolvimento do meio de produção na comunidade que faz com que os indivíduos sejam parte, se sintam proprietários e atuem enquanto tais, tratando os outros membros como co-proprietários.

Para Marx, na maior parte das formas asiáticas há uma unidade coletiva que se situa acima de todas essas pequenas comunidades e aparece como "proprietário supremo", ou talvez, como o "único proprietário". Tornando assim as numerosas comunidades particulares reais aparentemente possuidoras hereditárias. Como consequência, há uma transformação na atitude do indivíduo, uma vez que essa é entrelaçada com as condições naturais do trabalho e da reprodução. Esse jogo da aparência inorgânica do trabalho e da vida, subjetivada no indivíduo, é mediada pela supressão da unidade geral, sendo realizada no déspota patriarcal das comunidades e no indivíduo singular, mediado pela comunidade particular (MARX, 2011).

> Com isso, o produto excedente – que, aliás, é determinado legalmente em razão da apropriação real pelo trabalho – pertence por si só a essa unidade suprema. Por essa razão, no meio do despotismo oriental e da ausência de propriedade, que nele parece existir juridicamente, existe como fundamento de fato essa propriedade tribal ou comunitária, gerada na maioria das vezes por meio de uma combinação de manufatura e agricultura no interior da pequena comunidade, que dessa forma se torna autossuficiente e contém em si mesma todas as condições da reprodução e mais-produção (MARX, 2011, p. 630).

Portanto, mesmo que haja um déspota, ou esse ente maior, as comunidades vivem como possuidoras e autossuficientes. E mesmo existindo um trabalho excedente obrigatório nessas comunidades, a propriedade comunitária aparece com uma certa independência na medida em que se realiza efetivamente no trabalho. O que faz o indivíduo sentir que trabalha autonomamente com a sua família, na parcela que lhe foi destinada, mesmo que essa terra não seja propriamente sua. Mas nessa relação também se encontra pela primeira vez o "dominium senhorial" e o ponto de transição para a servidão. Além disso, pode também se formar uma unidade que estenderá o caráter coletivo

no próprio trabalho, podendo constituir um sistema formal pela construção de sistemas de aquedutos ou grandes monumentos[6].

Marx afirma que todos os povos orientais deixam ao governo central a condução dos trabalhos públicos, mesmo que isso afete diretamente a agricultura e o comércio de seu povoado. No entanto, havia também um sistema social de vila que garantia uma certa independência para cada comunidade. O sistema de vila não seria apenas o lugar da plantação, carregaria também um viés político ao reunir a vila em uma espécie de corporação. Segundo André Guimarães Augusto (2014), o sistema de "propriedade comunitária organizada em vilas autossustentáveis" seria o ponto nodal das formações orientais, trazendo uma união entre agricultura e manufatura nas unidades produtivas, caracterizando, para Marx, uma vida "vegetativa e estagnada", trazendo uma consequência nefasta para a região: a imutabilidade do Oriente. Essa passagem é importante porque para Marx a imobilidade do sistema de aldeias traria ainda uma outra consequência devastadora: o "despotismo oriental". Como principal característica desse despotismo estaria um governo centralizado com a função econômica de prover obras públicas, bem como controlar a propriedade, sendo as aldeias apenas possuidoras da terra, como já dissemos anteriormente. Não havendo propriedade privada, somente coletiva, mesmo que a posse fosse privada.

Na pré história do capitalismo, Marx ainda distingue o modo de produção da antiguidade clássica, ou romano e grego; e o germânico ou feudal. Brevemente, no modo antigo há também o pressuposto de uma comunidade. No entanto, neste modo a comunidade não é formada por acidente ou experimento, e sim pela concentração de pessoas do campo ou de proprietários de terra. O campo aparece como território da cidade. Há aqui a desvinculação do trabalhador da terra e essa traz inúmeras consequências, pois, além da dissolução da pequena propriedade livre de terras e da propriedade comunitária, o trabalhador perde sua existência objetiva, já que não se relaciona mais consigo mesmo como senhor das condições de sua própria realidade, como diria Marx, nem com os outros membros enquanto tal. Não enxerga mais a propriedade como unidade natural do trabalho com seus pressupostos objetivos. E aquilo que era parte de uma coletividade passa para os proprietários privados de terra. A diferença entre se relacionar como parte da comunidade ou como trabalhador (despossuído dos meios de produção) são essenciais. Mas ainda aqui os indivíduos não se relacionam como trabalhadores, e sim como proprietários. Eles ainda são parte de uma comunidade, mesmo que o trabalho já seja diferente.

> A finalidade desse trabalho não é criação de valor – embora eles possam realizar trabalho excedente para trocá-lo por trabalho alheio, i.e., produtos excedentes –; ao contrário, a sua

[6] Marx afirma que esse é o caso do México, Peru, dos antigos celtas, e de algumas tribos hindus.

> finalidade é a conservação do proprietário singular e de sua família, bem como a da comunidade como um todo. O pôr do indivíduo como um trabalhador, nessa nudez, é ela própria um produto histórico (MARX, 2011, p. 628).

A terceira forma seria a comunidade germânica, sendo essa diferente dos dois casos apresentados até então. No primeiro caso, a propriedade do indivíduo singular é imediatamente propriedade comunitária; enquanto que no segundo caso, a propriedade comunitária, que aqui aparece como propriedade do Estado, ou como *ager publicus*, é completamente separada da propriedade privada. Já no modo de produção germânico, a comunidade não se concentrará na cidade, ela se fixará nas matas, em famílias, separadas uma das outras por longas distâncias. Sua vida não será em conjunto, mesmo que possa haver uma língua e um passado comum. Eles se reúnem apenas em eventuais reuniões, formando então um organismo autônomo com uma existência econômica em cada propriedade. O sistema comunitário só existe em algumas ocasiões especiais. Ser membro da comunidade é pressuposto para a apropriação de terras, mas sendo membro, ele é proprietário privado. Em todos os casos, a manutenção da comunidade está presente, embora ocorre por diferentes vias.

> Por isso, a comunidade não existe de fato como Estado, sistema estatal, como entre os antigos, porque ela não existe como cidade. Para que a comunidade tivesse existência efetiva, os proprietários de terra livres precisavam se reunir em assembleia, ao passo que em Roma, por exemplo, ela existe à parte dessas assembleias, na existência da própria cidade e dos funcionários públicos que a servem etc. (…) Entre os germanos, o *ager publicus* aparece antes somente como complemento da propriedade individual e figura como propriedade somente na medida em que é defendido contra tribos inimigas como propriedade comunitária de uma tribo em particular. A propriedade do indivíduo singular não aparece mediada pela comunidade, mas é a existência da comunidade e da propriedade comunitária que aparece como mediada, i.e., como relação recíproca dos sujeitos autônomos. A totalidade econômica, no fundo, está contida em cada casa singular, que constitui por si mesma um centro autônomo da produção (manufatura puramente como trabalho doméstico acessório das mulheres etc.) (MARX, 2011, p. 395)

Em todas as formas em que a propriedade de terra e a agricultura constituem a base da ordem econômica e que a produção de valores de uso tem razões econômicas, há também a reprodução do indivíduo, que significa dizer que o indivíduo se relaciona às condições objetivas do trabalho como se fossem suas próprias condições. Essas condições objetivas assumem então uma aparência inorgânica em sua subjetividade, dissimulam uma natureza, escondem o produto do trabalho.

Marx ainda afirma que a forma asiática será a que durará por mais tempo devido ao seu pressuposto de que o indivíduo não deve ser autônomo em relação à comunidade, pois há um ciclo que deve se manter. O indivíduo ao quebrar esse funcionamento, alterará destrutivamente a

comunidade. O propriedade originalmente significa então comportamento do ser humano a partir de rua relação com as condições naturais de produção. Vividas como pertencentes, como condições de sua própria existência, como parte de seu corpo. O ser humano existe de maneira dupla: subjetivamente, ele próprio; e objetivamente, nas condições naturais inorgânicas de sua existência. As formas dessas condições naturais de produção também são duplas. A primeira condiz com a sua existência como membro de uma comunidade, o que faz com que a comunidade exista; a segunda é o comportamento em relação a terra, como a comunidade faz essa mediação.

É fato que Marx não analisou especificamente o caso japonês, mesmo porque o Japão conseguiu manter-se isolado até metade do século XIX . No entanto, o que nos interessa é pensarmos se o "modo de produção asiático" cabe na história japonesa, trazendo particularidades na formação do ser social japonês, e posteriormente na educação.

2.2 Miscelânea Geo-histórica

O Japão é um país-arquipélago, contendo quatro ilhas maiores: Honshû, Kyûshû, Shikoku e Hokkaidô. Honshû é a maior unidade e é lá que se encontra a capital do país, a metrópole de Tóquio 東京都 [Tóquio-to]. No entanto, a atual Tóquio, região localizada na parte leste da planície de Kantô 関東[7], onde os rios fluem para a Baía de Tóquio, nem sempre esteve nos holofotes da história japonesa. Na verdade, a existência inicial de Tóquio se deu, basicamente, em contraposição à antiga capital Quioto 京都 e quiça ao seu modo de vida aristocrático. Mas antes mesmo de Tóquio ser uma cidade, ela foi Edo 江戸[8], que significa porta da baía. Fundada em 1417, Edo só ganha centralidade a partir do governo militar, o xogunato 幕府 [bakufu][9] de Tokugawa que se deu de 1603 a 1868. Antes da instalação do xogunato, Edo era costumeiramente vista pelos moradores de Quioto como "abandonada, perigosa e não civilizada" (NAITO, 2003, p. 16). O kanji 京 [quio] significa capital, enquanto que o segundo kanji 都 [to] pode significar município ou metrópole. Portanto, os mesmo kanjis são utilizados em Quioto e na metrópole de Tóquio, com uma distinção: o acréscimo do kanji 東 [higashi] que significa leste e serve para marcar a diferença.

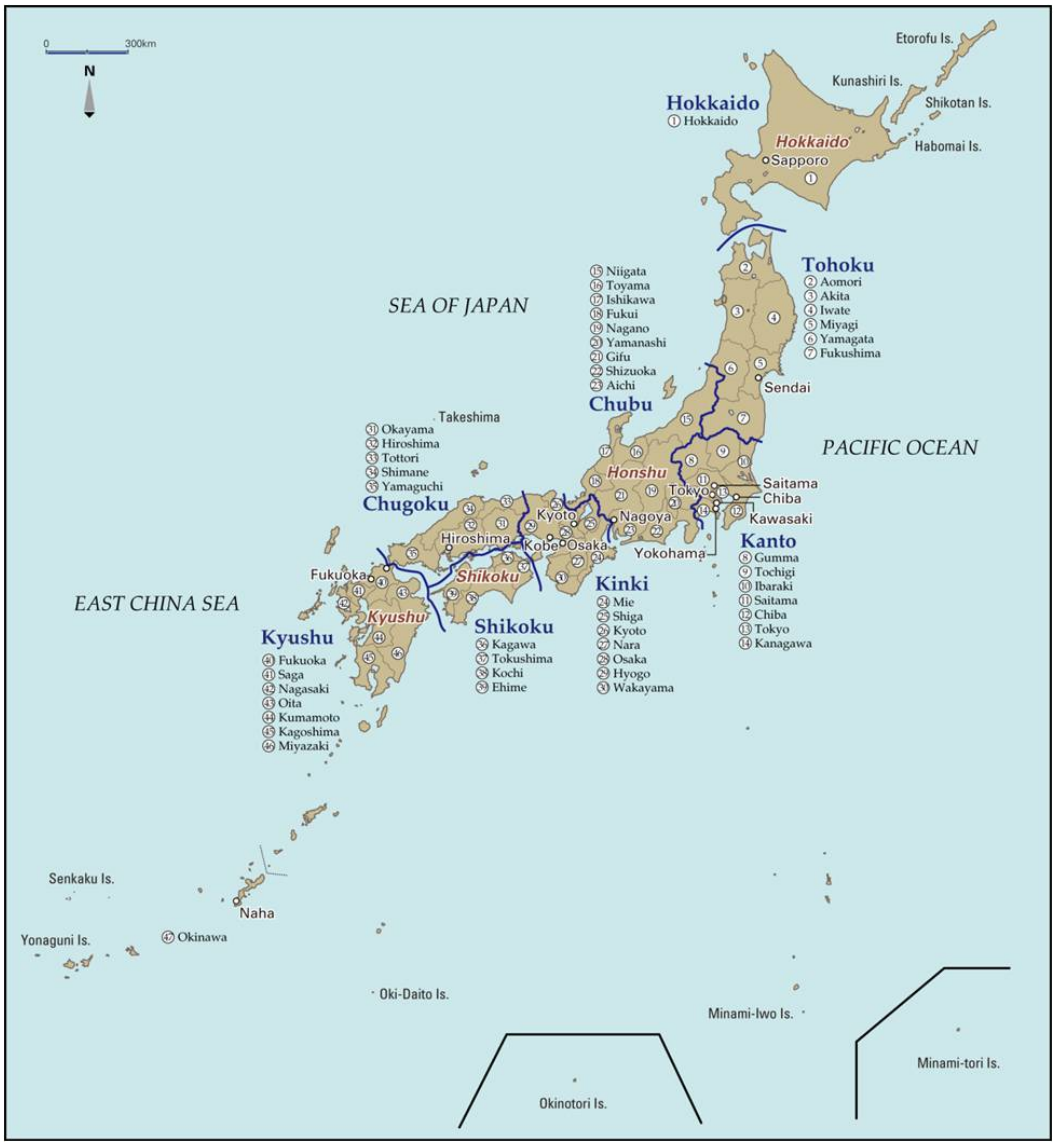
---

[7] 関: conexão, barreira, gateway, envolvem, sobre. 東: leste.

[8] 江: riacho, enseada, baía (a parte 氵 vem do kanji de água). 戸: porta (estilo japonês); veneziana; entrada (de uma casa); estreito; para; portão.

[9] 幕: cortina; pano p/ decoração; atuar em peças teatrais. 府: burgo; região urbana; altocomissariado; corpo representativo; depósito.

Figura 9 - Regiões e divisões administrativa moderna



Fonte: https://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/regioesdojapao.html

Segundo Wataru Kikuchi (2012), não foi Tokugawa que inaugurou o regime de xogunato no Japão, e sim os Minamotos. Tendo esse seu início em 1185, tornando Kamakura[10] a sede do governo militar. Nesse período, foi criada uma estrutura política em que a corte imperial e o governo militar coexistiam, mesmo que por muitas vezes em conflito. Mesmo assim, a corte concedeu o título de "grande general subjugador de bárbaros"[11] 征夷大将軍 [Seii-taishôgun] à Minamoto no Yorimoto em 1192, título que foi posteriormente abreviado para xogum. O nome nos mostra uma importante questão da época, pois a mais alta patente era dada àquele que dominava os

[10] Localizado na parte sul do Japão, na província de Kanagawa.

[11] Inicialmente era um posto do exército dado ao comandante da tropa que se dirigia para o nordeste do Japão para combater o grupo tribal emishi. Os bárbaros a qual o termo se refere eram parte das tribos ou povoados que não se submetiam ao domínio de Quioto. A partir de Yorimoto, o termo passou a designar "líder do governo militar, comandante máximo dos samurais" (KIKUCHI, 2012; KOJIMA, 2012).

“bárbaros”[12]. Mesmo que a corte imperial fosse a legitimadora do poder e que a capital continuasse sendo Quioto, o poder passou a de fato ser exercido pelo xogunato (HENSHALL, 2018).

Foi sendo construída ma narrativa oficial da história japonesa misturada com crenças mitológicas, que se tornou parte do imaginário popular. Uma dessas histórias que faz parte do senso comum vem do Kojiki 古事記[13] (crônicas míticas sobre a fundação do Japão). A lenda afirma que o imperador do Japão descendia da Deusa Sol, Amaterasu 天照[14]. Acredita-se que a corte japonesa estabeleceu-se no poder no século VI a.C. Segundo Sasaki Pinheiro (2009), Jinmu Tennô teria sido o primeiro imperador de um Estado consolidado no Japão, estabelecendo na província de Nara[15] a Dinastia Yamato. Dinastia que conseguiu reunir a maior parte das regiões do arquipélago em um Estado, havendo uma submissão gradativa, embora ainda houvesse regiões consideradas bárbaras.

Com o aumento do poder do xogum, esse consegue o direito de nomear os administradores das províncias, dos latifúndios privados e das terras públicas. Em troca das terras fornecidas pelo xogunato, os súditos ofereciam, além do próprio sustento do xogunato, lealdade. Isso significava ter que lutar pelo xogum em períodos de guerra, e encarregar-se da proteção do xogunato e da corte em período de paz. “Dessa forma, surge a relação de subordinação/dominação baseada na concessão de terras e institucionalizada no nível do Estado” (KIKUCHI, 2012, p. 68), sendo comumente chamada de “feudalismo japonês”[16].

Embora o xogunato tenha adquirido um considerável poder, há um certo enfraquecimento decorrente principalmente das sucessivas tentativas de invasão feita pelos mongóis. Ao mesmo tempo que ocorre um empoderamento dos administradores das terras 守護[17] [shugo] por poderem executar a ordem judicial, representando o xogunato localmente. O poder dos administradores de terra aumenta ainda mais em 1368, quando adquirem o direito de apoderar e distribuir terras, exceção feita apenas às terras pertencentes ao imperador, à nobreza e aos monges. Com essa nova

---

[12] Eram considerados bárbaros a “região de Kwantô onde viviam os “yezo” (aino), ou no extremo meridional de Kyûshû, onde habitavam os “kumaso” (indonésios)” (YAMASHIRO, 1964, p. 23).

[13] Nome do livro. 古: velho. 事: coisa; importância; incidente; circunstâncias; situação; razão; possivelmente; negócio. 記: escriba; conta; narrativa.

[14] Segue em Anexo.

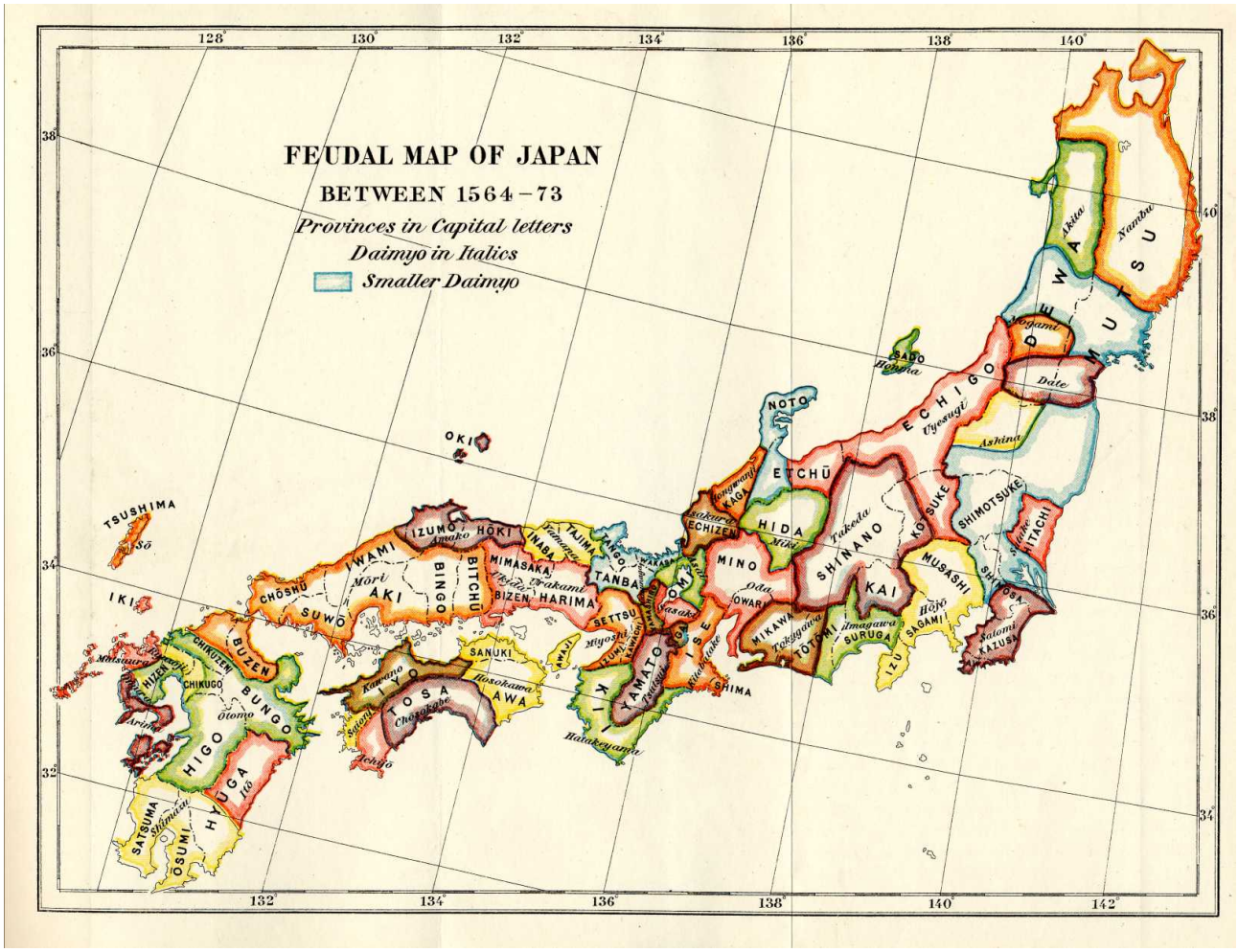
[15] Região entre Quioto e Osaka.

[16] Não entraremos no debate sobre o termo “feudalismo japonês”, mas há de se notar que há diferenças essenciais em relação ao feudalismo europeu, como por exemplo o próprio governo militar, xogunato. No entanto, como os principais autores o utilizam, também o utilizaremos para que o caminho do texto não fique confuso. Porém, mantermos o termo entre aspas para marcar esse estranhamento.

[17] 守: guarda, protetor, defensor, obedecer. 護: salvaguardar, proteger.

configuração de poder, os samurais foram sendo absorvidos para os domínios de cada administrador de terra. A hereditariedade passou a ser o sistema operante nesses territórios, e na ausência do administrador de terras, nomeava-se seu substituto. Criando a figura dos administradores do território 守護大名 [shugo daimiô], ou como também é conhecido: "senhor feudal japonês" (KIKUCHI, 2012). Como podemos ver, a terra e a subordinação à uma hierarquia estão por trás da construção do Estado nacional japonês.

Figura 10 - Mapa Do Japão Feudal (1564-73)



Fonte: A History of Japan during the century of early foreign intercourse (1542-1651) por James Murdoch e Isoh Yamagata, A History of Japan..., Kobe, 1903 http://www.maproom.org/00/05/present.php?m=0003

No período de 1336 a 1573, cada daimiô possuía terras e súditos, fazendo com que o sistema funcionasse a partir dos domínios dos senhores de terra no Japão, e não mais o contrário. O mapa (figura 10) indica uma constelação de daimiôs, consequentemente uma certa desconcentração de poder, o que se tornou uma das razões pela qual o Japão viveu uma verdadeira guerra civil, cujo fim se deu somente no final do século XVI, com as vitórias sucessivas de Ieyasu Tokugawa (1542-1616). Tokugawa fazia parte de um dos damiôs à comando de Hideyoshi, que por sua vez estava na empreitada de unificar o país. Em 1590, Tokugawa toma posse formal do Castelo de Edo,

marcando o início da campanha para colocar toda a região sob seu controle. Assume o poder após vencer a confederação dos daimiôs do Oeste em 1600, e em 1603 é nomeado xogum, implantando o xogunato de Edo. Em 1605, abdica do título em favor de seu filho, para mostrar que o xogunato seria hereditário. Em cerca de uma década consolida a hegemonia do governo militar e uma estabilidade política. Essa foi alcançada por diversas medidas, como por exemplo, a proibição de mais de um castelo por "feudo"; a implantação do código de nobreza familiar; a obrigação das famílias dos senhores de terras residirem em Edo, praticamente como reféns; a necessidade de alternar a residência entre o daimiô e Edo a cada dois anos[18], etc.

> As guerras de unificação do país modificam esse quadro de descentralização do poder. A dinastia Tokugawa, após a vitória das armas, coloca em funcionamento um novo sistema de organização social fundamentado na estrita separação dos estamentos sociais: samurai, camponês, artesão, comerciante. Esta divisão hierárquica, decorre de uma idealização das relações harmônicas entre o céu e a terra, justifica a ordem social, prescrevendo ainda um ideal que encoraja o samurai a servir como funcionário civil. O confucionismo desempenha um papel vital na constituição de uma sociedade guerreira (ORTIZ, 2000, p. 40).

Teoricamente cada daimiô tinha relativa autonomia em suas terras 藩[19] [han]; mas, na prática, eram extremamente controlados pelo governo central (REISCHAUER, 1981). A organização política agora se dava pela articulação do governo militar em Edo e dos daimiôs. A ordem era estabelecida por uma rígida hierarquia e uma inflexível divisão de tarefas. Não havia mobilidade entres as classes sociais e até as vestimentas (cor, corte, modelo) eram diferentes conforme a posição social. A população era rigorosamente recenseada, tornando quase impossível a mudança de localidade, sendo feito um controle rígido até dos viajantes[20]. No entanto, essa aparente imobilidade não significou que a época de Tokugawa ficou imune às mudanças. Historiadores afirmam que entre XVII e XVIII, a sociedade japonesa passa por um conjunto de transformações, como por exemplo, o surgimento de uma indústria rural, o crescimento de trocas comerciais, a emergência de centros urbanos, o enriquecimento dos comerciantes, o empobrecimento dos samurais, etc. (ORTIZ, 2000). Cabe ainda ressaltar que nessa época, cerca de 80% da população era rural, o que nos permite entender quem pagava as contas desse sistema.

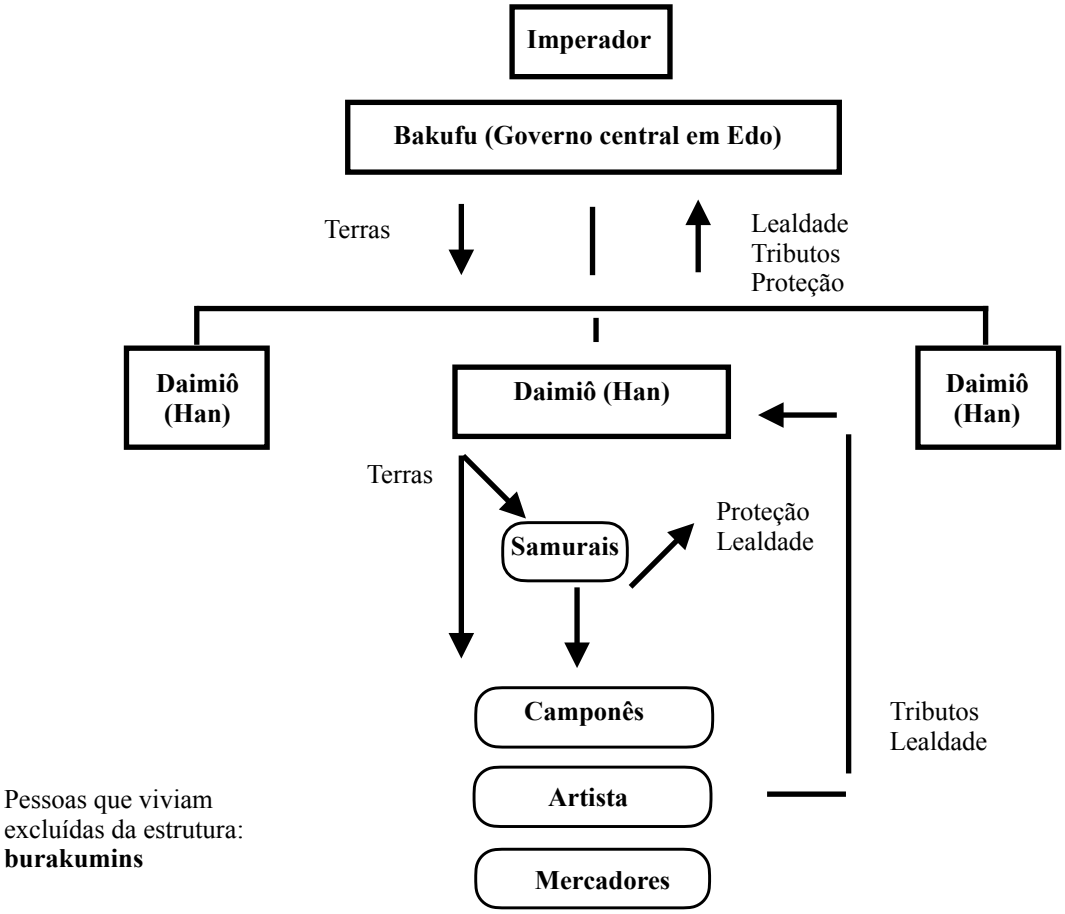
---

[18] Sankinkôtai era a "medida que obriga os daimiôs a permanecerem lotados por um ano em Edo, para prestarem serviços de segurança e outros, como de apagar fogo em caso de incêndio" (KIKUCHI, 2012, pp. 73, 74).

[19] 藩: clã, recinto. 校: exame, escola, impressão, prova, correção.

[20] Ver diário - dia 01/02 (página 98).

Figura 11 - Sistema de xogunato



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Podemos ainda dizer que de alguma forma Edo foi desde o princípio uma cidade planejada. Obviamente não o foi nos termos do planejamento urbano moderno, no entanto, a cidade não cresceu espontaneamente. Pelo contrário, desde a sua tomada, a cidade foi feita e pensada sob diversos princípios, e em direção à estabilidade e ao crescimento. Sendo construída sob o modelo de Quioto, que foi estabelecida em 794, que por sua vez havia se espelhado na antiga capital chinesa de Changan (atual Xian). Essas três cidades foram construídas com base nos princípios de yin-yang, juntamente com elementos de astrologia e geografia. Para tal, a cidade deveria cumprir alguns requisitos, como "um rio para o Dragão Ciano no leste, um lago ou oceano para o Pássaro Vermilion no sul, uma estrada para o Tigre Branco no oeste, uma montanha para o Guerreiro das Trevas no norte"[21]. Essa vultosa construção pensou também na divisão espacial da cidade por classes sociais, obrigando o residente de Edo a viver em determinada área conforme sua ocupação. Naito (2003) afirma que a cidade se dividia em áreas destinadas aos guerreiros e aos funcionários do governo, outra aos clérigos e uma terceira área às pessoas comuns. A cidade nasce segregada, e

[21] NAITO, 2003, p. 24, tradução nossa.

ainda hoje guarda alguns contornos dessa divisão. Por exemplo, ainda há áreas consideradas de "*barakumins*" 部落民[22]. Esses, que não estavam nem na base da hierarquia social, eram os incumbidos dos trabalhos considerados "sujos" ou "impuros". Infelizmente, ainda hoje seus descendentes sofrem por vezes discriminação[23].

Foi nessa Edo que os primeiros ocidentais chegaram ao Japão. Primeiramente os portugueses em 1543, desenvolvendo troca principalmente em Nagasaki, trouxerem o catolicismo e as armas de fogo. Começaram também um processo de tentativa de conversão para o catolicismo, o que resultou a expulsão dos missionários jesuítas em 1587. Aportaram também no Japão os espanhóis, holandeses e ingleses. No entanto, somente aos holandeses foi concedido o direito de usar os portos japoneses, sendo criado também um posto holandês na ilha de Dejima 出島[24] (em Nagasaki). Sasaki Pinheiro (2009) afirma que por Nagasaki, e principalmente pelos holandeses, os japoneses tinham o contato com o Ocidente. Os japoneses sabiam sobre a colonização nas Filipinas, o que os levou a proibirem a fé cristã em 1613 (REISCHAUER, 1981). Em 1633, tem-se o início da política isolacionista e a proibição de navegação de navios além dos licenciados para comércio pelo governo japonês. O fechamento dos portos se dá de maneira definitiva em 1639. Porém, algumas trocas comerciais persistiram no porto de Nagasaki, principalmente com a China, Coreia e Holanda. A pequena representação holandesa também se manteve.

A política isolacionista durou até 1853, quando a ameaça estadounidense aportou em Edo. O que causou um verdadeiro rebuliço no Japão. Depois de cerca de quase duzentos e sessenta anos, o regime de xogunato foi colocado em cheque. Há o debate do quanto o xogunato já caminhava para um certo esgotamento devido aos problemas de superpopulação, baixa produtividade, e empobrecimento da classe militar (KOJIMA, 2009). No entanto, é fato que a pressão externa acelerou o ritmo das transformações na sociedade japonesa. Segundo Sasaki Pinheiro (2009), os japoneses "ficaram estarrecidos com o tamanho e armas dos 'navios negros' americanos, como os chamavam. Os nipônicos se deram conta de que suas armas antiquadas eram praticamente inúteis e os seus navios eram incapazes de defender o país" (SASAKI PINHEIRO, 2009, p. 25). O Japão não havia passado por uma Revolução Industrial, o que o tornava militarmente inferior aos países que já haviam passado por esse processo. Aliás, é a partir da revolução industrial pelo mundo afora que o

---

[22] 部: seção, agência, departamento, classe, cópia, parte, contador para cópias de um jornal ou revista.落: cair, descer, vila, aldeia. 民: pessoas, nação, assuntos.

[23] Não é certo a origem dos *barakumins*. Somente o seu emprego: trabalhos relacionados ao saniamento, matadouros, açougues, executores, agentes funerários, etc. (Fonte: https://www.bbc.com/news/world-asia-34615972)

[24] 出: saída, deixar, sair, colocar para fora, sobressair. 島: ilha.

interesse pelo o Japão cresce, sobretudo o dos Estados Unidos da América. Tal interesse se dava sobretudo pela localização estratégica que o Japão ocupava no oceano Pacífico. Para os EUA, seria um bom porto para os navios baleeiros se abastecerem, principalmente pela necessidade do carvão. Mesmo que a maior parte dos japoneses fossem contrários à entrada de estrangeiros (SASAKI PINHEIRO, 2009), Edo que havia permanecido com a política isolacionista por tanto tempo, foi obrigada à ceder. No ano seguinte, 1864, o Japão teve que assinar um acordo com os EUA, conhecido como Tratado de Kanagawa, e abrir os portos de Shimoda[25] e de Hakodate[26].

Figura 12 - Adam (esquerda) e Perry - Ryosenji Treasure Museum

Fonte: https://visualizingcultures.mit.edu/black_ships_and_samurai/gallery/pages/30_046i_Adams_Perry.htm

Figura 13 - American warship, woodblock print ca. 1854 - Nagasaki Prefecture

Fonte:https://visualizingcultures.mit.edu/black_ships_and_samurai_02/bss_visnav04.html

Há inúmeras representações da tripulação estadunidense, de suas roupas, de seus jeitos, de seus navios no Japão. Há tentativas de retratos fidedignos e outras que representam mais como os japoneses interpretavam esse processo. É o caso dessas duas imagens que evidenciam o horror e o medo que os estadunidenses e os ocidentais de um modo geral causaram. Na imagem de Comodoro Perry[27] e de seu tripulante, podemos perceber que a representação é a de bárbaro, carregando um ar grotesco, quiça demoníaco. A figura seguinte é a representação dos navios negros que simbolizaram a queda do xogunato.

2.3 A modernização do Japão

É comum na história do Japão seu isolamento ser "dado" por fatores físicos. Alguns autores acham por certo que a ilha adentra no modo de ser japonês. Sendo comum, portanto, uma teoria

[25] Localizado em Shizuoka.

[26] Localizado em Hokkaidô.

[27] General que comandou a obrigação dos termos comerciais ao Japão.

baseada em um simples determinismo geográfico. Mas o que há na verdade é o uso político do fator físico. Ortiz (2000) afirma que pensar no "isolamento" nos dá uma falsa impressão, pois o que se segue é a imagem de que o Japão foi uma unidade geográfica que sempre soube resistir aos impactos de fora. No entanto, o autor afirma que durante os séculos XVI, XVII, XVIII, apesar do desenvolvimento do capitalismo comercial, o Japão se encontrava fora do "*world system",* e por isso foi possível manter-se isolado, pois era um país periférico à ordem social. No entanto, a noção de insularidade e a ideia criada a partir de uma certa territorialidade nos diz algo sobre os interesses japoneses, fazendo com que a oposição entre "autóctone e estrangeiro" seja parte de uma política de japonização.

Posteriormente, o esforço em se pensar essa "japonidade" acabou por criar mais mitos, do que desvendá-los. Muitos dos quais perduram até os dias de hoje, como por exemplo, a imagem da unicidade do povo japonês, ou o da harmonia em todos os níveis sociais, algumas teorias isentando-os inclusive de classes sociais. Não acreditamos que harmonia seja a palavra correta para representar qualquer sociedade, muito menos que não haja classes sociais no Japão. Portanto, voltemos aos conflitos. Como resposta à intimidação estadunidense, em 1868 deu-se a renúncia do xogunato e a tomada do poder pela corte imperial, processo conhecido por Restauração Meiji 明治維新[28] [Meiji Ishin][29]. A era Meiji caracterizou-se como uma profunda reforma política no país, trazendo consequências em todos os aspectos da vida para seus conterrâneos.

> A Revolução Meiji (1868) redefine a relação entre o autóctone e o alienígena. Nos primeiros anos que a ela se seguem o país ainda buscava os seus rumos. Esse estado de indefinição das coisas permitia que ideias e opiniões discordantes florescessem no seio da sociedade. A presença ocidental fazia sentir-se não apenas nas tentativas de organizar o aparato produtivo, os transportes e a burocracia estatal, mas também era palpável na vida política, na existência de movimentos pelos direitos civis e nas reformas educacionais de inspiração franco-republicanas. A voga *ocidentalizares* estende-se ainda nos costumes, atinge a vida cotidiana de setores de população, transformando a maneira de vestir e de se comportar em público (ORTIZ, 2000, p. 26).

O xintoísmo que havia se firmado junto ao nascimento do império japonês, renasce exercendo o papel unificador, por ser uma religião considerada genuinamente japonesa, se colocando em contraposição ao que vinha de fora como o budismo e o confucionismo de origem chinesa. Junto com a religião, a imagem do imperador será construída como a alma do Japão.

---

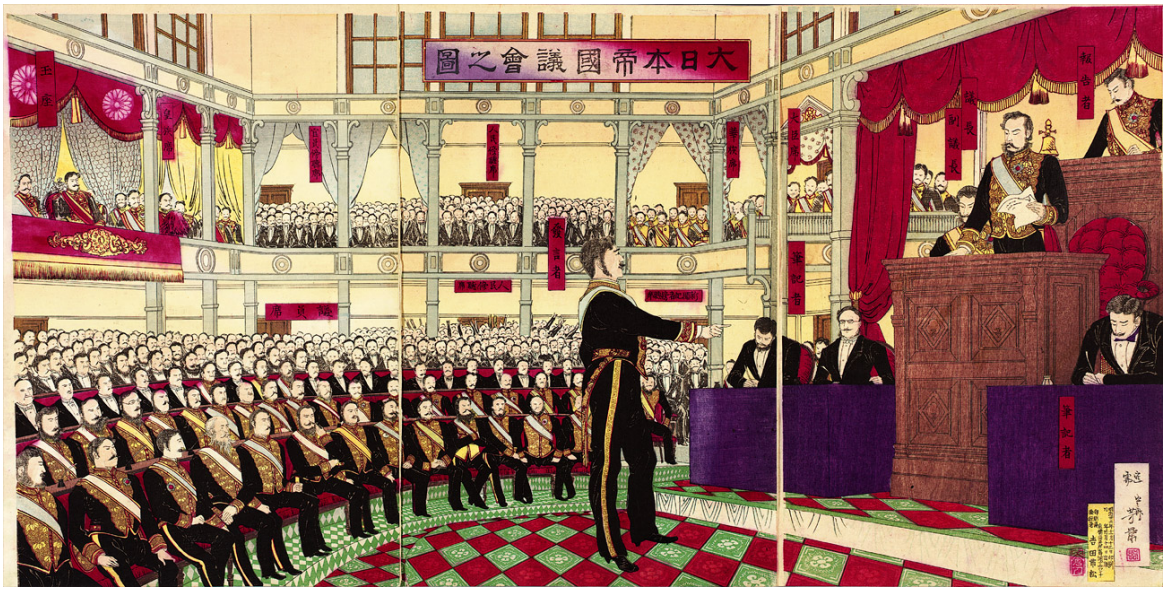
[28] 明: luz, luminosidade. 治: reinar, estar em paz, acalmar, subjugar, acalmar, curar, governar, conservar.
維: fibra, gravata, corda. 新: novo.

[29] Concordamos com Ortiz (2000) quando esse afirma que a era Meiji só pode ser pensada como "restauração" se suprimíssemos grande parte da história japonesa.

Portanto, se criou uma conexão muito forte entre o xintoísmo e a figura do imperador, representando a "configuração ritualizada da ontologia nipônica" (ORTIZ, 2000, p. 26). Dessa configuração ritualizada renascerá também a origem mitológica que reafirma a descendência do imperador na Deusa Sol.

Em 1881, um edital imperial prometeu o estabelecimento de uma assembleia nacional em 1890; o que fez com que partidos políticos fossem fundados. Em 1885, Itô Hirobumi foi nomeado o 1º Primeiro-Ministro do Japão; e em 1889, houve a promulgação da Constituição do Império do Japão. "Assim o novo governo se construía pelo modelo europeu com governo centralizado organizado em gabinetes no estilo ocidental com um Primeiro Ministro e um Parlamento com duas Câmaras – a dos Representantes ou Baixa e a outra, dos Conselheiros ou Alta" (SASAKI PINHEIRO, 2009, p. 26). Como acordado, em 1890 aconteceu a Primeira sessão da Dieta Imperial, como podemos ver pela figura 14. Há de se observar que o ar europeu toma conta da imagem, seja pelos trajes, pela postura, ou mesmo pela arquitetura. A família imperial está no assento no topo esquerdo da figura, sendo a ala mais decorada. No meio da Dieta, há um membro do parlamento fazendo um discurso.

Figura 14 - Parlamento japonês em 1890



Fonte: Gotō Yoshikage. *Illustration of the Imperial Diet of Japan*. 1890. Woodblock print. Sharf Collection, Museum of Fine Arts, Boston.

Esse novo modelo político é só um exemplo da profunda transformação que o Japão passou. Sasaki Pinheiro (2009) afirma que o processo de modernização implicou na ocidentalização. A antiga cidade de Edo, assim como o Estado, foram então recriadas para atender à imposição moderna do Ocidente, incluindo nesse novo movimento a revolução industrial, a integração econômica, linguística e territorial, etc. No entanto, toda essa transformação não foi vivida sem

drama. Afinal, se pergunta Ortiz (2000), se a modernização do Japão implicava na ocidentalização, como não comprometer o "âmago do 'ser' japonês"?

> Desde a Revolução Meiji os intelectuais buscavam harmonizar os interesses antagônicos entre modernidade e tradição. O movimento de 'japonização', reação aos exageros da ocidentalização, não podia, no entanto, reabilitar o tradicionalismo anterior. Industrialização, urbanização, migração do campo para a cidade, fim do regime estamental, monetarização da economia eram fatos irreversíveis. A solução encontrada foi uma espécie de compromisso fundado na dicotomia entre a alma e o corpo, polaridade até então inexistente na cultura tradicional religiosa (…) O corpo, isto é, o arcabouço externo da sociedade, em princípio diria respeito apenas à sua organização e às inovações técnicas. Essas eram vistas como benéficas e essenciais ao progresso material. (…) A alma teria seu refúgio assegurado ao recôndito da natureza nipônica, permanecendo ilesa, intacta à degradação material (ORTIZ, 2000, p. 28).

Para combater a mecanização do espírito causada pela "necessária" modernização/ ocidentalização, a revalorização da tradição firmou-se como solução (Ortiz, 2000), ou como diria Hobsbawm (2008), a revalorização das "tradições inventadas". Hobsbawm usa o termo para nos mostrar que é criado "um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado" (Hobsbawm, 2008, p. 9). Hobsbawm afirma que muitas vezes a tradição é criada como se remetesse a um passado longínquo, o que nem sempre é verdadeiro. Para Olgária Matos (2010), o rito, a tradição - existindo no automatismo ou na repetição, tem o papel de fazer esquecer o horror e o medo da morte violenta na vida em comum dos homens. Essas operações culturais trazem consigo um efeito mágico: a busca de algum significado em um mundo marcado por guerras e pela falta de sentido.

Por fim, o Japão, ao perceber que não tinha forças para seguir isolado, é obrigado a entrar no "*world system"*. Cabe ainda ressaltar que o novo poder político "estava nas mãos de uma nova elite composta por um pequeno grupo de jovens samurais, a maioria da baixa hierarquia de sua classe, junto com alguns nobres da corte que nunca haviam se envolvido com política" (Sasaki, 2009, p. 20), mas estavam empenhados em se dissociarem do xogunato e das políticas isolacionistas anteriores. Ao entenderem como se formam as grandes potências, tentarão então seguir a receita de forma exemplar, seja qual fosse o custo desse processo.

> Durante as últimas décadas do século XIX, com a Restauração Meiji, o desenvolvimento de um sistema bancário e monetário, de transporte e de comunicação em âmbito nacional compôs o cenário para o notável crescimento econômico do Japão durante este período. A modernização nos moldes ocidentais ocorreu em várias dimensões: desde a organização do aparato produtivo, burocrático, político, civil e educacional, estendendo-se até a vida

> cotidiana – arte, arquitetura, costumes, vestimenta, comportamento em público etc. Para tal, observadores japoneses foram enviados para a Inglaterra para estudar questões financeiras, comerciais e navais; à Alemanha para aprender os princípios da estratégia, tática e organização militar; à França para pesquisar sobre a legislação e governo. Toda a estrutura da sociedade japonesa foi, desde então, reorganizada tendo esses modelos europeus como base. Assim, durante os anos 1870 a início dos anos 1880, havia uma obsessão por tudo que fosse ocidental, que era expressa pelo slogan "Bunmei Kaika" 文明 開化 – "Civilização e Esclarecimento" (SASAKI PINHEIRO, 2009, p. 25).

Mesmo com a reestruturação geral do governo, havia ainda questões deixadas pela herança "feudal". Em 1869, os daimiôs ofereceram suas terras ao imperador, mas somente em 1871 é que sistema de daimiôs (senhores de terras) foi definitivamente abolido, sendo criado o sistema de prefeituras e províncias, resultando também na distribuição de terras. Ainda haviam áreas que não faziam parte do governo japonês, sendo criado em 1869 uma comissão de colonização para a região Ezochi ou Yezo (Hokkaido) onde os ainu habitavam; e outra para as Ilhas Ryūkyū (Província de Okinawa), sendo incorporada somente em 1879. Em 1871, foi criado o Ministério da Educação, e foi oficialmente abolido a distinção de classes. Em 1872, foi construída a primeira linha de trem entre Tokyo e Yokohama. Em 1873, foi adotado o Calendário Gregoriano Solar, ocidental. Em 1876, ocorre a proibição de porte de espadas pelos antigos samurais (SASAKI PINHEIRO, 2009).

Como consequência de tantas mudanças em um período tão curto, em 1877 irrompe a Guerra Civil Seinan, configurando-se como uma das maiores rebeliões contra o governo Meiji. A revolta partiu dos ex-samurais do Domínio de Satsuma[30]. Para Ortiz, o fim da sociedade feudal "desestruturou a vida de um grande contingente de samurais; um grupo de guerreiros profissionais viu-se assim marginalizado, despossuído de suas regalias hereditárias" (2000, p. 27). Porém, os ex-samurais não eram os únicos descontentes com as políticas adotadas pelo novo governo. Os agricultores também se opuserem às inúmeras medidas do novo governo, como por exemplo, "ao recrutamento, à medição de terras, a ter de cortar os rabichos, à igualdade legal dos párias, às restrições drásticas sobre o budismo oficial, às reformas do calendário e a muitas outras medidas que modificavam os seus modos de vida estabelecidos" (BENEDICT, 1972, p. 71). Inclusive, opunham-se à obrigação do ensino, pois com isso perdiam a mão de obra dos filhos.

A política expansionista foi uma das soluções encontras para galvanizar o descontentamento latente, sobretudo dos ex-samurais. O forte incentivo dado à indústria bélica fez com que a modernização do país fosse intrinsecamente ligado à guerra, havendo a criação do Corpo Geral Militar em 1878, bem como a fabricação em massa de armamentos (ORTIZ, 2000). Em 1894,

[30] Sul da ilha de Kyûshû.

começa a Guerra Sino-Japonesa, e tem seu fim em 1895. No mesmo período, foi assinado o Tratado Comercial Anglo-Japonês para abolir a extra-territorialidade[31], sendo a primeira revisão de tratados desiguais que o Japão havia sido obrigado a assinar. O momento de pluralidade e experimentação anterior tem seus dias contados com uma forte onda conservadora. Muitas políticas modernizadoras haviam sido consideradas excessivas por muitos. Como resposta, esse movimento criou um nacionalismo inquestionável em torno do imperador, além da valorização da tradição.

Figura 15 - Manifestações de Hibiya de 1905

Fonte: *The Tokyo Riot Graphic,* No. 66, Sept. 18, 1905

Em 1904, estourou a Guerra Russo-Japonesa, que tem seu fim em 1905. No mesmo ano, novamente o governo enfrenta manifestações, dessa vez elas aconteceram no coração do governo: em Hibiya[32]. As manifestações não eram contra o regime em si, mas contra algumas reformas específicas, em especial pelo alto preço que as pessoas estavam pagando pela guerra e pela falta de retorno. A multidão atacou diversos estabelecimentos, incluindo estações policiais, como podemos ver na figura 15. O Japão, em seu novo discurso, se colocou no mundo enquanto potência imperialista, o que fez seus cidadãos acreditarem que haveria benesses de tal política. É claro que a

[31] Acordo Aoki-Kimberley.

[32] Área localizada em Chiyoda-ku, próximo ao palácio imperial.

guerra não trouxe retorno para a maior parte da população, o que causou grande revolta e foi duramente reprimida pelo governo.

A ideia de superioridade pela divindade do imperador, uma vez que ele seria descendente da Deusa Sol, só é abalada por um fato: o do Japão ter se tornado a única potência mundial não branca[33]. No entanto, essa insegurança não o afastou de exercer sua política expansionista, e entre 1931 e 1945, o Japão toma de assalto uma parte considerável do Pacífico. "Os céus preconizavam, no entanto, uma moralidade bem distinta dos tempos de Tokugawa; já não bastava ao Japão se confinar a seu isolamento geográfico, caberia a ele a missão de edificar uma Ásia oriental" (Ortiz, 2000, p. 28). Até hoje as consequências desse nacionalismo militar são perceptíveis, como veremos no caso da educação.

Com a participação na Segunda Guerra Mundial, vieram as bombas lançadas no território japonês. O país encontra-se novamente destruído. Além das tristezas e marcas próprias de uma guerra e do uso da bomba atômica, se formará uma ocupação estadunidense que durará até 1952. Como consequência, há diversas políticas para a instauração completa de um modelo ocidental capitalista. A educação também será totalmente transformada, como veremos adiante.

2.4 A estrutura Social: entre a casa 家, a escola e a corporação 会社

À primeira vista tentar entender o funcionamento da sociedade japonesa pode trazer alguns pré-conceitos, bem como algumas dificuldades. Os primeiros choques se dão certamente pela aparente uniformização da sociedade; pela rígida hierarquia incentivada desde criança; pela uso socialmente obrigatório de máscaras sociais; pela vida em grupo que pouco permite a individualidade, etc. No entanto, essas imposições sociais não são vividas de maneira tão homogêneas quanto podem parecer no primeiro momento. Mesmo assim, há algumas imposições que ainda se colocam de forma quase que geral na sociedade japonesa.

Até a Segunda Guerra Mundial, a principal estrutura social da sociedade japonesa era a do 家 [ie][34]. *"Ie"* está no cotidiano japonês pois seu primeiro significado é casa, mas a acepção do termo vai muito além da estrutura física em que moramos, podendo significar também: lar, família, local de trabalho, organização, escritório ou escola a que a pessoa que fala pertence, perito,

---

[33] SHIMIZU, 1998, p. 112, apud SASAKI PINHEIRO, 2009, p. 39.

[34] Há um só kanji na palavra casa e é composto por duas partes, a parte superior é a cobertura/teto 宀, enquanto que a parte inferior significa porco.

executante. Sendo na verdade a síntese de uma unidade de organização social, existente há séculos e presente em diversos estamentos sociais no Japão.

> Sua origem data do século XIII, momento em que o país vivia uma situação de incerteza e de guerras. Para o soldado e o camponês a vida era freqüentemente interrompida pelas batalhas e pelos avatares econômicos. É neste contexto que se desenvolve um conjunto de regras que asseguram a continuidade familiar e a transmissão da herança através do filho mais velho. A primogenitura torna-se um elemento de coesão e de manutenção da unidade doméstica. No entanto, o ie não corresponde propriamente à ideia de família, embora de alguma forma ele contemple também as relações familiares. Seus vínculos transbordam os laços de consanguinidade. A propriedade doméstica podia passar apenas para o filho mais velho. No caso de não existirem filhos, o marido da filha podia ser 'adotado', o casal recebendo como espólio a moradia e os negócios domésticos. Quando o casal não tinha filhos, a adoção de alguém de fora da família se fazia necessária. Em princípio, o ie era formado de um casal por geração. Os membros não herdeiros deviam deixar a casa após o casamento (ORTIZ, 2000, pp. 57,58).

Mesmo com o avanço da industrialização e da urbanização, e que o capitalismo tenha ganhado um vasto terreno no Japão, o *"ie"* ainda permanece como parte da estrutura social. Ainda que a função do *"ie"* não seja mais exatamente como a de antigamente, não obstante, é estruturante da sociedade. Por exemplo, o primogênito hoje não necessita mais morar com os pais, mas ainda carrega responsabilidade por eles, assim como sua esposa, fazendo com que o casal cuide dos pais quando esses adoecerem, ou quando necessitarem ajuda. Se há algum negócio na família, será esperado que ele o assuma. Também é esperado que esse filho tenha um filho para que o novo primogênito futuramente assuma as "responsabilidades" da família, mantendo assim a linhagem da família viva[35].

> Os pais japoneses precisam de filhos não apenas por satisfação emocional, como também porque terão falhado na vida se não houverem levado avante a linha de família. Todo japonês deve ter um filho. Necessita dele para que preste homenagem diária à sua memória após a morte, no altar da sala de estar, diante da miniatura da pedra tumular. E, igualmente, para perpetuar a linha de família pelas gerações afora, preservando a honra e as possessões familiares. Por motivos sociais tradicionais, o pai precisa do filho quase tanto quanto este daquele. O filho tomará o lugar do pai no futuro, não indo com isto suplantar e sim segurar o pai. Por alguns anos, o pai é o mandatário da "casa". No futuro, será o filho (BENEDICT, 1972, p. 215)

É claro que o escrito de Ruth Benedict só pode ser colocado com algumas ressalvas[36], porém, não deixa de ser importante o que a autora chama a atenção. O primogênito, para além de

---

[35] Ver diário - dia 06/05 (página 112).

[36] Encomenda feita pelo governo dos EUA, usado para entender o "inimigo" japonês. No entanto, não é por isso que o estudo deixa de ter importância, pois acabou fazendo com que a teoria se movimentasse, já que diversos autores escreveram para criticá-la.

levar a linhagem da família adiante, preservando o nome e os negócios da família, tem outra importante função: prestar homenagem aos mortos. Não é só no plano mundano que ele deve honrar a família, há que fazer também no plano espiritual, é claro que esse deve ser visto pelo mundano. Assim, além do altar em casa, há que limpar o túmulo dos pais no cemitério, oferendando comida, bebida e flores.

Além da estrutura descrita acima, havia ainda o funcionamento interno do *"ie"*. Tudo lá seguia uma estrutura hierarquizada, sendo tudo decidido pelo chefe da família, tornando-o "merecedor" de certas regalias, como a de ser servido primeiro nas refeições, ou a de tomar banho antes que os outros. Benedict (1972) ainda afirmará que, independentemente da idade, a posição na hierarquia dependerá do gênero, cabendo à mulher a posição mais inferior. A filha de família japonesa "deverá proceder da melhor maneira possível, ao passo que os presentes, as atenções e o dinheiro para a educação são para os irmãos" (BENEDICT, 1972, p.51). Outro exemplo dessa hierarquia é que as mulheres caminhavam sempre atrás do homem[37]. No entanto, a autora relata que, se comparadas aos outros países asiáticos, e até aos países ocidentais, as mulheres japonesas possuem uma grande liberdade, não sendo essa, portanto, processo da ocidentalização. Essa liberdade de que Benedict fala é, principalmente, a de controlarem as despesas familiares. A autora afirma que os homens dão todo o salário às suas esposas, que os devolve aos poucos, como uma mesada. Para além disso, elas fazem as compras da casa, além de andarem livremente pelas ruas. Como as mulheres não tinham grande importância na *"ie"*, também ocuparão os postos de trabalhos, embora o salário fosse muito menor comparado ao do homem. Para Ortiz (2000), toda essa estrutura social tinhas algumas funções. Além de assegurar uma rígida hierarquia e ordem, garantia também a transmissão da propriedade. Para os camponeses, ainda havia uma terceira função: enraiza-los na terra, já que cada *"ie"* era o lugar da produção.

> O vilarejo, unidade agrícola, possuía uma estabilidade produtiva e social, uma vez que a comunidade rural reproduzia em seu interior os laços de solidariedade existentes em cada 'família'. Uma aldeia era um microcosmo que circunscrevia a produção, o consumo e a vida social de seus membros: assistência mútua nos casamentos e funerais, cooperação no trabalho, na construção e reparação das casas etc. Unidade simbolizada no ujigami, o altar da divindade protetora de cada vilarejo. O seu isolamento relativo propiciava ainda o desenvolvimento de um espírito identitário que se fortalecia nas disputas dos direitos pela água e pela terra com as comunidades vizinhas. Reforçavam-se, assim, as amarras existentes entre sua população, conferindo-lhe uma irrefutável sensação de pertencimento coletivo (ORTIZ, 2000, p. 59).

[37] Cena ainda comum hoje em dia.

Antigamente, os filhos mais novos, ao deixarem a casa, deveriam criar seu próprio *"ie"*. Cada nova casa, se tornaria um ramo do primeiro *"ie"*. Assim, a organização social fazia com que os negócios e a família formassem uma unidade. O elo entre os *"ies"* se dava principalmente pelo culto aos antepassados (ORTIZ, 2000). Ainda hoje é muito frequente nas casas dos japoneses, inclusive na dos descendentes de japoneses no Brasil, altares onde são feitas preces e oferendas aos espíritos da família. Esse culto aos mortos torna constante a rememoração do pertencimento à família.

Chie Nakane (1973) afirma que o elemento mais básico da instituição *"ie"* é a formação de um grupo residencial corporativo. Este compreende os membros do agregado familiar (em geral do chefe da família), mas pode agregar membros que não fazem parte da família, formando as unidades de um grupo social. Tornando as relações estabelecidas dentro dessa unidade, por exemplo com a nora que veio para a casa ao casar-se com o primogênito, mais importante do que qualquer outra, inclusive com os filhos que saíram dessa unidade e foram constituir novos *"ies"*. A autora ainda afirma que a relação entre irmãos não é tão forte no Japão como pode ser em outros países. Sendo essa falta compensada pelo grupo corporativo formado pelo trabalho, envolvendo a vida social e econômica. Assim o grupo corporativo torna-se mais importante do que a própria família.

Para Nakane, mesmo que a modernização, a industrialização e a urbanização tenham criado um novo tipo de organização social no Japão, a estrutura tradicional do *"ie"* persiste em muitos aspectos. Sendo ainda o princípio básico sobre o qual é construída a sociedade japonesa: a sociedade de grupo. Todos os funcionários de uma empresa são tratados como membros da família. Tratamento esse estendido para os membros da própria família do funcionário, como por exemplo é comum o empregador pagar um bônus quando o filho nasce. É claro que é uma troca tácita, com isso é esperado que o empregado se engaje totalmente na empresa. É certo que a família do empregado não é mais um *"ie"*, pois a produção não está mais atrelada a essa, e sim uma família, mas isso não quer dizer que o sistema de *"ie"* não tenha se adaptado aos tempos modernos.

Para exemplificar, Nakane afirma que para falar "minha casa", a palavra usada é *"ie"*, como já vimos anteriormente, ou na forma mais coloquial "*uchi*", ambas com o mesmo kanji 家. Enquanto que para me referir a "sua casa", ou a "casa de uma terceira pessoa", eu devo falar お宅[38] [otaku], podendo significar também sua família, ou o seu local de trabalho. Já o termo 会社[39]

[38] お: hiragana "o", sendo o prefixo utilizado para falar mais respeitosamente. 宅: casa, residência, nossa casa, meu marido.

[39] 会: reunião, conhecer, partido, associação, entrevista, juntar. 社: companhia, empresa, escritório, associação, santuário.

[kaisha] que significa companhia, empresa, corporação, local do emprego, simbolizaria a expressão da consciência grupal, pois é usado tanto para minha, quanto para sua companhia.

> Kaisha não significa que os indivíduos estejam vinculados por relações contratuais a um empreendimento corporativo, enquanto ainda pensam em si mesmos como entidades separadas; em vez disso, kaisha é "minha" ou "nossa" empresa, a comunidade à qual a pessoa pertence primariamente, e que é suma importância na vida de alguém. Assim, na maioria dos casos, a empresa fornece toda a existência social de uma pessoa e tem autoridade sobre todos os aspectos de sua vida; ele está profundamente envolvido emocionalmente na associação (NAKANE, 1970, p. 133).

Em geral, quando perguntados sobre o emprego, os japoneses respondem o nome da empresa e não a posição específica dentro de uma empresa. Isso significa que o pertencimento à "empresa" ou "associação" é mais importante do que o "atributo do indivíduo", que seria sua posição na empresa. Portanto, para a autora, o grupo é mais importante do que o indivíduo na sociedade japonesa. Fazendo com que as instituições falem por meio dos indivíduos. Ao mesmo tempo, pode haver uma recusa, uma vez que o engajamento nessa institucionalização varia conforme a situação e o conjunto de indivíduos presente.

Como vimos anteriormente, a hierarquia era estabelecida principalmente para assegurar a ordem e a transmissão da propriedade. No entanto, o período pós-Segunda Guerra Mundial trouxe mudanças significativas. Segundo Kikuchi (2012), a partir do momento em que a dominação patriarcal foi-se diluindo, a base da hierarquia familiar também teve que modificar-se. No lugar da família tradicional japonesa, entrou em cena a família contemporânea, sendo caracterizada pelo menor número de filhos, e pela mudança fundamental na concepção da função de família, tornando os laços dentro da família mais fortes.

Enquanto ocorria a expansão da indústria japonesa e uma consolidação da sociedade corporativa, se formava um novo tipo de visão sobre o mundo. Essa visão trazia a imagem dos trabalhadores como uma unidade em marcha no avanço do Japão, sendo constantemente denominados "'guerreiros corporativos', 'assalariados ferozes', e 'animais econômicos'"[40]. O ideal de homem que dá a sua vida pela empresa, era acompanhado de uma mulher responsável pelo lar e pela educação dos filhos (YONEDA, 2017). A principal mudança ocorrerá na concepção da função da família, em especial na transformação entre pais e filhos, resultando em um maior envolvimento e intimidade; por vezes enfraquecendo a hierarquia familiar. Mesmo que muito da hierarquia se mantenha, há uma grande diferença em como os filhos são criados hoje em dia e como eram no tempo em que os próprios pais eram crianças. Na pesquisa de campo sobre a hierarquia no Japão de

[40] YONEDA, 2017, p.118.

Kikuchi (2012), 59,3% das pessoas entrevistadas responderam que a família ainda é considerada uma instituição na qual prevalece a hierarquia, enquanto que 32,1% afirmaram que a família não exerce mais esse poder, e 4,9% disseram não saber. O autor constata que a hierarquia é mais sentida na relação entre pais e filhos do que entre o casal. Entre o casal, apenas 24% responderam que sim, desses 83% responderam que o marido é superior à mulher. Por fim, o autor afirma que parece que a hierarquia está deixando de existir na relação entre irmãos, pois muitas famílias não criam mais os irmãos com essa distinção hierárquica (Kikuchi, 2012).

Mesmo que tenha ocorrido mudanças significativos na concepção sobre o lar, passando do *"ie"* para o núcleo familiar, ainda há inúmeros resquícios das antigas normas estabelecidas, bem como a atualização da hierarquia. Portanto, o estudo da estrutura social também foi necessária para entendermos a escola, já que é lá umas das principais fontes dessa sedimentação.

3. A instituição da Educação

3.1 A Instituição

Não há quem contradiga que escola seja uma instituição. Entretanto, o aprofundamento do termo pouco ocorre. Segundo dicionário Aurelio, o termo "instituição" pode significar:

> 1) Ação de instituir, de estabelecer, de fundar algo novo; 2) Conjunto de regras e normas estabelecidas para a satisfação de interesses coletivos: o Estado, o Congresso, uma fundação são instituições; 3) Organização que, pública ou privada, busca resolver as necessidades de uma sociedade ou comunidade: instituições religiosas; 4) Estabelecimento de educação e instrução: instituição de ensino; 5) [Jurídico] Designação de um herdeiro por testamento ou, às vezes, por contrato de casamento: instituição de herdeiro; 6) Os preceitos legais fundamentais de um país: nunca respeitaram as instituições.[41]

Como podemos observar pelas definições, há uma gama de significados, maior ainda é o léxico de pressupostos. Além disso, há por detrás uma ideologia, e, é claro, um herdeiro (sic). O termo não vem do latim por acaso, carregando em si um pouco do momento de sua constituição. Como podemos observar, há diferença nos significados. Por ser um termo polissêmico, gera facilmente confusões, principalmente por fazer parte de uma emaranhado entre instituição e direito. Renè Lourau (2004), um dos principais expoentes da Análise Institucional, afirma que as instituições são sistemas de regras que incidem diretamente ou indiretamente sob a vida, seja sob o indivíduo ou grupos sociais, ou mesmo organizações sociais, podendo também agir em conjunto, assim formando o "tecido institucional da sociedade".

Segundo Lourau, para entendermos o que é uma instituição a fundo, devemos compreender também os termos intimamente relacionados: instituído e instituinte. É esse caminho que a Análise Institucional se propõe a fazer, buscando nesse processo a parte reprimida, o objeto faltante. O instituído é como a sociedade funciona, ou melhor, como a sociedade se apresenta ao indivíduo, os valores, as regras sociais, as normas, as tradições, as representação, etc. Se enquadra também no instituído as previsões que são feitas acerca do econômico, social e político. O instituinte seria então, a capacidade de mudar o instituído, ou seja, de mudar o que está posto, seria a contestação. Essa oposição entre os dois termos se articula dialeticamente com o conceito de instituição. Portanto, o instituinte ao negar o instituído, gera a superação dos termos: a institucionalização (LOURAU, 2004).

---

[41] Instituição. In: Dicionário Online de Português. Disponível em: https://www.dicio.com.br/instituicao. Acesso em: 8 mar. 2019.

A partir do momento em que o instituinte "arrebata" o instituído, há a institucionalização, mudando assim a configuração do instituído e fazendo com que esse processo prossiga em uma espiral contínua. Os três termos nos permite enxergar que há um movimento no conceito, tirando da instituição a imagem fixa que normalmente essa carrega. Portanto, podemos entender a instituição por sua "transversalidade", que para Lourau seria uma dimensão fundamental uma vez que "que atravessa e funde todos os níveis da estrutura social" (Lourau, 2004, p. 76.). Esse pertencimento significa dizer que a dimensão da instituição está no nível individual, na organização, no grupo informal, no formal, etc. O que faz com que se forme uma trama social que une e atravessa os indivíduos (LOURAU, 2004). A teoria também baseia-se na distinção de três momentos que se articulam: universalidade, singularidade e particularidade. Sendo a universalidade o momento da ideologia:

> (…) ela legitima como eterna a 'ordem' estabelecida , nas suas formas mais transitórias e artificiais; a ela está reservada a função de garantir a distância institucional que separa qualquer indivíduo das decisões concernentes a sua vida cotidiana. A ideologia, ademais, não é somente a do poder estabelecido; também é a que procura exercer o poder. A sociedade instituinte ameaça a sociedade instituída; porém a sociedade instituída precisa da sociedade instituinte para progredir, ao passo que a sociedade instituinte necessita da sociedade instituída para erguer seu projeto de transformação permanente (LOURAU, 2004, pp. 62,63).

Já o momento de singularidade constitui-se da implicação institucional de cada indivíduo na sociedade. O que faz desse momento o da regulação. Por fim, o momento da particularidade carregaria em si os particulares como membros de instâncias instituídas (como o presidente, o rei, o patrão, etc); os particulares como usuários e mantenedores de instituições (de uma forma ou de outra, somos submetidos a participar das instituições existentes); os particulares como agentes de transformação institucional (existindo na qualidade de agente de transformação, atuando sempre como coletivo). Há, no entanto, sempre algo que balanceia: as resistências equilibradas.

> As instituições não são somente os objetos ou as regras visíveis na superfície das relações sociais. Têm uma face escondida. Esta face, que a análise institucional se propõe a descobrir, revela-se no *não dito*. O ocultamento é produto de uma repressão. Poderíamos falar, aqui, de uma repressão social que produz o inconsciente social. Aquilo que se censura é a palavra social, a expressão da alienação e a vontade da mudança. Do mesmo modo que há um retorno do reprimido durante os sonhos ou nos atos falhos, há um 'retorno de reprimido social' nas crises sociais (LOURAU, 2004, p. 68).

Esse não-dito nos permite pensar que não somente uma parte nos é constantemente alienada, mas como um conjunto de alienações cotidianas são "necessárias" para manter a sociedade tal qual ela é. Mas há ainda uma questão importante no processo de alienação social. No caso da instituição,

essa alienação significa a "autonomização institucional, a dominação do instituído fundada no esquecimento de suas origens, na naturalização das instituições" (LOURAU, 2004, p. 73). Esse comportamento é facilmente percebido quando o assunto tratado é o Estado, ou mesmo a própria escola. As instituições tendem a se comportar como eternas, imutáveis, mesmo que estejam em constante processo de modificação.

> A hipótese fundamental é que o Estado de classe é o lugar originário da repressão. A ilusão institucional e o desconhecimento são necessários para que o sistema social se mantenha, para a estabilidade das relações sociais dominantes, produzidas e re-produzidas pelas instituições. O Estado centralizado funciona como fonte de repressões, e mediante todos os seus mecanismo e aparelhos ideológicos, como produtos permanente do desconhecimento institucional (LOURAU, 2004, p. 77).

A escola também tem um papel importante na internalização da instituição, logo na repressão. E se há uma confusão entre os termos instituição e escola é porque há algo que os equaliza. Para Lourau, "Falar de escola como instituição é simplesmente falar de um sistema de regras organizado segundo uma estrutura espacial imediatamente expressiva, mais clara que a instituição do matrimônio ou do salário, que definem, todavia, o verdadeiro 'nível' da instituição" (LOURAU, 2004, pp.71,72).

Se considerarmos que a escola é uma instituição, estamos considerando também que a escola é um sistema de regras que determina a vida seja dos indivíduos, ou dos grupos sociais, formando o tecido institucional da sociedade. É claro que a escola não é o único agente, mas tampouco podemos minimizar a importância que a escola tem na sociedade contemporânea, em especial na japonesa. Para entendermos a importância dessa instituição enquanto substantivo, devemos então recuperar um pouco de sua história, de sua ação, de seu verbo.

3.2 O nascimento de uma sociedade baseada na escrita

As Instituições de ensino no Japão nasceram sobretudo a partir do período Meiji (que se deu de 1868 a 1912), juntamente com a modernização do Estado. Isso não quer dizer que antes não havia ensino ou instituições, e sim que o ensino não era realizado de forma universal, enquanto um sistema. Segundo Kikuchi (2012), acredita-se que a primeira instituição de ensino do Japão tenha sido criada já no século IX em Quioto, com o objetivo de ensinar budismo, confucionismo e artes para os nobres. Com o passar do tempo, o acesso à educação aumenta consideravelmente, mas não foge muito dos setores privilegiados da sociedade, ficando restrita aos monges, nobres e guerreiros.

Será somente no período de Tokugawa (de 1603 a 1868) que a primeira grande mudança ocorrerá no que tange à educação (TSUJIMOTO, 2017). A popularização do ensino se dará de forma crescente porque a sociedade cada vez mais será baseada na escrita. Uma vez que muitos samurais deixaram suas terras para servir o governo central em Edo, houve um vácuo na estrutura de poder que foi preenchida pelos camponeses. Os camponeses se organizaram de forma relativamente autônoma para gerir as vilas, que basicamente significava administrar o pagamento dos impostos e a administração geral da aldeia. Como consequência, a necessidade da escrita e do das noções de cálculo tornaram-se fundamentais, causando um aumento sem precedentes na taxa de alfabetização.

> Do ponto de vista da história da educação, o início do Japão moderno viu o estabelecimento de uma sociedade "baseada na educação", na qual instituições educacionais que transmitem conhecimento a gerações sucessivas são consideradas um componente indispensável para a estabilidade social. O uso de documentos escritos era um pré-requisito para o desenvolvimento da sociedade japonesa moderna (TSUJIMOTO, 2017, p. 5).

A princípio, as escolas foram criadas para os filhos dos senhores de terra e de seus servidores dentro dos domínios. Porém, com o tempo uma pequena parcela de comerciantes também começava a se infiltrar no círculo fechado dos literatos. Acredita-se que no final do século XVIII, havia escolas dos domínios, chamadas de 藩校[42] [hankô][43], em quase todo o território.

O segundo ponto levantado por Tsujimoto para a criação de uma sociedade baseada na escrita deu-se em consequência da mudança dos senhores de terra para as grandes cidades, pois os camponeses pagavam os impostos com o arroz que colhiam, mas os “senhores feudais” agora viviam cada vez mais em cidades, como Osaka, Quioto e Edo, fazendo com que houvesse uma circulação muito maior do arroz, aumentando também seu comércio e a busca por equivalentes. Por fim, essa mudança fez também com que o dinheiro começasse a se universalizar. Com essa nova rede de comércio e transporte, viu-se na segunda metade do século XVII o desenvolvimento das rotas marítimas e das rotas terrestres no Japão, “fazendo com que pessoas, bens, dinheiro, cultura e informação viajassem com maior velocidade em volumes maiores” (TAYLOR e FRANCIS, p.7). Mais uma vez, esse desenvolvimento exigia pessoas que pudessem ler, escrever e calcular. Já Hebert Passin (1973) afirmará que uma sociedade baseada na escrita só começa a surgir quando Tokugawa promulgou um conjunto de instruções para a regulação das casas militares. No primeiro

---

[42] 藩: clã, recinto. 校: exame, escola, impressão, prova, correção.

[43]Também conhecidas como 藩学 [hangaku], ou 藩学校 [hangakkô], ou 藩黌 [hankô].

artigo chama os samurais à devoção ao aprendizado e às artes militares. Passin ressalta que o aprendizado vem em primeiro lugar, dando uma grande pulsão paras as escolas dos domínios.

Quadro 1 - Número de novas escolas de vários tipos, por período de estabelecimento

Período	Escolas dos domínios	Comuns	Samurais e Comuns	Terakoya
1661 - 1687	6	-	-	-
1688 - 1715	8	-	-	-
1716 - 1750	17	-	-	-
1751 - 1788	49	7	47	558
1789 - 1829	89	26	42	3050
1830 - 1867	50	78	44	6691
1868 - 1872	32	304	18	1003
Data desconhecida	3	1	1	-
Não conclusivo	23	-	-	-
Total	277	416	152	11302

Fonte: PASSIN, 1987, p. 14, apud TOKYO KORIKU-SHA, 1957, p. 264.

Como podemos observar pelo quadro 1, até 1751 só havia escolas criadas pelos domínios, tendo seu auge de construções entre 1789 e 1829. Mesmo assim, o número não é comparável ao das escolas particulares 寺子屋[44] [*terakoya*] que literalmente significa "escolas do templo", mas que segundo Passin seria melhor traduzido por "crianças do templo", pois de início essas escolas eram ligadas ao ensino do budismo para novatos e filhos de samurais, e eventualmente para os filhos das pessoas comuns da região. No entanto, no tempo de Tokugawa (de 1603 a 1868), essas escolas acabaram desempenhando um papel secular, sem ligação direta com o budismo.

A impressionante proliferação das *terakoyas* dá-se basicamente no século XIX. Como podemos observar pela figura 16, eram escolas onde as crianças de 6 a 13 anos aprendiam a ler, escrever, manipular o ábaco, e recebiam conhecimentos para a vida baseado nos princípios morais do confucionismo. É justamente devido à essas escolas que a taxa de alfabetização do período Edo era alta se comparada ao de outros países no mesmo período. Estima-se que nessa época, 20% da população, incluindo pessoas comuns como citadinos e camponeses, haviam estudado nessas instituições (KIKUCHI, 2012). O ensino era oferecido por samurais, religiosos budistas, e camponeses letrados. Como não havia um sistema educacional, ensinar era uma tarefa voluntária. O

[44] 寺: templo budista. 子: criança, sinal do rato, 11 PM-1AM, primeiro signo do zodíaco chinês. 屋: telhado, casa, loja, revendedor, vendedor.

número de pessoas comuns encarregadas do ensino era considerável em áreas urbanas, incluindo o de mulheres[45]. Portanto, esse momento marca a origem da figura do professor enquanto profissional no Japão (TSUJIMOTO, 2017).

Figura 16 - 寺子屋 [terakoya]

https://www.library.metro.tokyo.jp/portals/0/edo/tokyo_library/gakumon/page1-1.html

Saber ler e escrever em japonês não é uma tarefa simples, pois essa habilidade envolve a capacidade de escolher apropriadamente entre as três variantes da escrita japonesa (hiragana, katakana e kanji). Além disso, há também uma etiqueta social na escrita e na fala que se mantem até hoje. As frases em japonês são estruturadas conforme a posição do locutor e do ouvinte na sociedade japonesa, o mesmo vale para a escrita, mudando conforme variação das posições. Não é simplesmente mudar o pronome de tratamento, é mudar praticamente a frase por inteiro. As regiões poderiam ter diferentes dialetos, mas a escrita tornou-se a mesma em toda parte. Adquirir o conhecimento da etiqueta social da escrita trazia uma elevação na posição social (TSUJIMOTO, 2017). Cabe lembrar, que nessa época, a sociedade japonesa ainda era uma sociedade estamental, com pouca possibilidade de mudança na posição social, embora já houvesse alguns rearranjos[46]. Porém, a educação permitiu ampliar um pouco esse leque.

> (…) Mesmo no auge da Era Tokugawa, sempre havia sido possível para os plebeus melhorar seu status entrando em uma vida de bolsa de estudos ou em uma das profissões liberais, e provisões específicas para essa possibilidade sempre foram feitas por quem se tornou erudito ou doutores poderiam até mesmo adquirir o 'posto assimilado' de samurai. Ou se eles se tornassem padres, eles seriam considerados ‘fora’ do sistema, o que, para um

[45] http://www.nier.go.jp/English/educationjapan/pdf/201303CPT.pdf

[46] Se tornou comum que samurais se casassem com as filhas de comerciantes como forma de garantirem seu sustento; enquanto que e a família do comerciante conquistava assim um degrau acima na hierarquia social.

> aumento constante ao longo do século XIX da liderança dos comuns na organização e na operação das escolas, apesar da falta de interesse oficial, era uma expressão da rápida ascensão da curva da demanda popular por educação (PASSIN, 1987, pp. 55,56).

Devido ao grande número de *terakoyas*, fica difícil falar em uma universalização, mas para se ter uma ideia geral, o tamanho variava de 30 a 60 alunos para um professor, às vezes havia ajuda também de algum familiar. Embora essas escolas fossem abertas à qualquer gênero, havia uma maciça predominância de meninos, além de assentos rigidamente separados por sexo. As crianças no geral entravam dos 6 aos 8 anos; os meninos deixavam a escola entre os 11 e 13 anos, e as meninas poderiam sair um ano mais tarde. As escolas funcionavam sincronizadas com as rotinas na loja ou na fazenda. Durante a época de colheita, havia recesso nas escolas das vilas. De todo jeito, havia bastante tempo para que as crianças cuidassem dos seus afazeres domésticos. Em geral, o dia escolar durava de 3 a 4 horas. As crianças não eram dividas em séries. O professor instruía cada aluno individualmente, assim, no tempo restante o aluno praticaria a leitura e a escrita solitariamente. Algumas escolas dispunham de matérias vocacionais e morais; outras adicionavam chinês, história, geografia, ciências, artes militares, etc. Os alunos mais avançados poderiam aprofundar os estudos sobre o Confucionismo. Havia uma clara separação de gênero que fazia com que as meninas mais avançadas aprendessem sobre o papel da mulher (PASSIN, 1987). Esse "ensinamento" deixava claro o papel de submissão que a mulher deveria exercer na sociedade japonesa. Um dos trechos desse documento afirmava que "A única qualidade apropriada a uma mulher é a obediência gentil, a caridade, a misericórdia e a quietude"[47]. Enquanto que outro trecho afirma que "(…) ela deve observar as regras da propriedade"[48]. Aqui fica claro o papel dessa submissão imposta: a instalação do reino da propriedade masculina.

Embora as escolas fossem particulares, geralmente elas recebiam patrocínio e contribuições dos indivíduos mais abastados do lugar, o que deixava a escola livre de cobranças. Essas contribuições variavam conforme o ordenamento familiar, que tentavam pagar da forma que podiam. Assim, as famílias ofereciam em troca do ensino: sardinhas, pedaços de tecidos, produtos agrícolas, dinheiro, e até mesmo serviços pessoais, como consertar alguma coisa na casa do professor. Além disso, muitas escolas recebiam um pequeno número de estudantes que atuavam, na prática, como servos na casa do professor. Segundo Passin (1987), outra importante diferença que a educação possibilitou talvez tenha sido a de imaginar o mundo a partir de outros e não somente pela

---

[47] KAIBARA EKKEN, 1672, apud PASSIN, 1987.

[48] Ibidem.

experiência imediata, tornando possível a aceitação de novas ideias e técnicas que em outros tempos muito provavelmente fossem negadas.

3.3 O Decreto Imperial sobre a Educação

A grande revolução na educação só acontecerá na época Meiji. Segundo Sasaki Pinheiro (2009), os novo líderes reconheceram desde o princípio que um sistema extensivo de educação popular era necessário para um Estado moderno. No entanto, o que foi difícil de imaginar no primeiro momento era que a mesma sociedade que já enxergava a educação como necessária, não queria sua universalização. Há diversos motivos para tal ato. Um deles é certamente o grande papel que as escolas particulares (*terakoyas*) já ocupavam na vida dos japoneses, fazendo com que a população olhasse com uma certa repulsa para as novas escolas do governo e com nostalgia para as antigas escolas particulares. Afirmavam que essas novas escolas "faltavam com afeto e praticidade das velhas *terakoyas*"[49]. Talvez uma das grandes diferenças, além da imposição, é que as *terakoyas* se adaptavam à rotina da vila. Além disso, as famílias, em geral, davam prioridades aos filhos mais velhos, uma vez que esses cumpriam um papel central na manutenção da estrutura da *"ie"* como já discutimos. Portanto, em geral, as pessoas não viam necessidade em colocar todos os filhos na escola, pois além do custo, significaria perder mão de obra.

Contudo, a sociedade japonesa passou por uma verdadeira reviravolta com a ameaça de invasão estadunidense. Estima-se que no período Tokugawa havia cerca de 280 domínios feudais. A formação do Estado moderno passa pela uniformização da sociedade, desse modo, em 1871 ocorre a abolição desses domínios. Ainda que a sociedade já fosse em parte baseada na escrita, essa não se dava de forma universal. Além disso, ainda havia grandes desigualdades regionais, além de diferentes dialetos e grupos étnicos. O que fez da educação a solução criada pela governo Meiji para eliminar, ou no mínimo amenizar, essas diferenças, para enfim ser "natural" o Estado-nação. A criação do Estado moderno japonês tem ironicamente a passagem do poder absoluto do xogunato para o poder "relativo" do imperador, das instituições e constituições. Desse modo, o Estado moderno japonês nasce atrelado à imposição de uma consciência nacional.

> (…) Através do uso uniforme de materiais de ensino e da difusão de uma língua nacional (uma versão modificada do dialeto de Tóquio), as escolas ajudaram a promover um senso comum de nacionalidade e o substituição do regional pela unificação do país. Tudo isso foi muito longe no sentido de unificar o país, transferindo a lealdade ao feudo para os símbolos

[49] PASSIN, 1987, p. 30.

> nacionais, e envolvendo camadas mais amplas da população no processo de modernização (PASSIN, 1987, p.62).

Com a supressão do sistema de terras e das castas sociais, há uma tentativa de uma nova sociedade. No que tange à educação, as autoridades tentaram diversos modelos pedagógicos sem sucesso, levando quase que duas décadas para que enfim a educação fosse aceita como parte fundamental da infância. As políticas para educação não foram decisões fáceis, uma vez que havia três principais grupos com pensamentos muito distintos dentro do governo. Um grupo defendia uma educação seguindo o modelo ocidental; um segundo grupo achava que a educação deveria seguir um modelo nacionalista; e o terceiro grupo se inspirava no confucionismo. Essa disputa entre escolares fez com que houvesse diversas tentativas muito diferentes uma das outras em um curto período de tempo (PASSIN, 1987).

Em 1871, o Ministério da educação foi estabelecido e em 1872 foi instituído o Sistema Educacional baseado no sistema educacional francês, representando uma vitória para os que defendiam a ocidentalização. Sendo esse um sistema educacional centralizado sob o controle do Ministério da educação. Tal sistema parecia compactuar com as ideias de um governo centralizado que estava em formação. O governo também decidiu que o custo da educação básica deveria ser dos próprios cidadãos, e não do Estado. O que tornou a educação universal impraticável, o que acabou fazendo com que os órgãos locais se tornassem responsáveis pelo ensino.

Embora a curta experiência de uma educação republicana tenha falhado no Japão, esse momento trouxe importantes debates para a época, como por exemplo, qual deveria ser o papel do professor, ou como deveria ser sua atuação em relação ao governo: esse profissional deveria atuar com autonomia ou submissão? As implicações desse debate podem ser percebidas até hoje, mas é importante saber que um dia esse debate foi pautado. Tanaka Fujimaro, vice ministro da educação da época, chegou inclusive a defender que embora o oficial devesse sem hesitar obedecer, o mesmo não poderia se aplicar ao professor, pois esse deveria sempre carregar seus pensamentos independentes e servir o país de acordo com a sua consciência, imbuído de confidência (PASSIN, 1987).

Passado alguns anos, a ideia de universalização da educação começava a tomar forma. Mesmo que em menor número do que o planejado, as escolas estavam sendo construídas. Porém, a construção de uma escola acontecia mais rapidamente do que a formação de professores. Até que se chegasse em um número adequado de professores para a expansão desejada do governo, houve um grande número de samurais, antigos professores das *terakoyas* e até religiosos como professores.

Em 1876, apenas 1 em cada 10 professores havia se graduado pela Escola Normal[50]. O salário também era muito baixo para atrair pessoas qualificadas. No entanto, para alguns samurais era a chance de continuarem em uma posição de prestígio social, caso não conseguissem cargos no governo, ou nas forças armadas e na polícia. O que no primeiro momento parece uma exceção, era na verdade a regra geral no final do século XIX. Como podemos ver a seguir, esta é a lista dos estudantes da Escola Normal da prefeitura de Kumamoto[51].

Quadro 2 - Estudantes da Escola Normal de Kumamoto

Década	Samurai %	Pessoas Comuns %	Desconhecido %
1878 - 1887	80	16	4
1888 - 1897	67	33	0
1898 - 1907	50	50	0
1908 - 1917	34	66	0
1918 - 1927	13	87	0
1928 - 1932	10	90	0

Fonte: Fonte: PASSIN, 1987, p. 77, apud KARASAWA TOMITÔ KYÔSHI NO REIKISHI , 1956, p. 86.

Podemos ver pelo quadro 2 que o número de samurais era definitivamente maior até 1897, se torna equivalente ao de pessoas comuns entre 1898 e 1907, e só tem o seu declínio a partir de 1918. Além da falta de professores, outro problema comum era a dificuldade dos textos que deveriam ser utilizados em sala de aula. Os professores não tinham qualificação suficiente para entender os textos que deveriam ensinar, se tornando uma reclamação comum nesse período, afirmavam que não conseguiam responder às questões dos alunos. A educação compulsória mal nascia e já encontrava seus limites e fracassos. Os policiais eram rotineiramente mandados pegar à força as crianças e levá-las para a escola. Vale lembrar que o ensino era obrigatório, mas não era livre de taxas. Somente em 1900, a educação passa a ser totalmente gratuita.

Os pais reclamavam principalmente sobre a distância da escola, a chateza do ensino, o alto preço dos livros escolares, e que o calendário escolar não levava em conta a rotina da vida no campo, ou seja, as reclamações versavam sobretudo sobre os altos custos para os pais. Como consequência, em pouco tempo a evasão escolar se tornou regra. A escola se tornou símbolo de uma imposição da ocidentalização. Eram comuns gritos como “Abaixo o recrutamento”; “Abaixo as escolas públicas”; “Abaixo o calendário solar”, etc. Mesmo que muitas manifestações não se

[50] Escola de formação de professores.

[51] Ilha de Kyûshû, localizada na parte sudoeste do Japão.

Figura 17 - Decreto Imperial sobre a Educação

dessem por motivos educacionais e sim pelo aumento do preço do arroz, por exemplo; os manifestantes viam na escola a representação das imposições desse novo sistema, fazendo com que inúmeras passeatas comumente terminassem na destruição das escolas (PASSIN, 1987).

Com o baixo desempenho das escolas públicas, a ala conservadora do governo aproveita a brecha para atacar o sistema liberal de ensino, afirmando que a escola deveria voltar-se para os princípios confucionistas. Antes dessa vitória definitiva, em 1879 ainda houve a tentativa de seguir o modelo norte-americano, com uma gestão descentralizada de ensino. Porém, persiste a grande dificuldade de implantação, e o número de matrículas cai ainda mais, se tornando novamente um fracasso (ORTIZ, 2000).

Aos poucos vai havendo uma guinada conservadora na educação. A primeira política a ser implantada será a obrigação dos professores seguirem e ensinarem a importância da lealdade e da piedade filial. Para esse novo modelo de educação, a escola não deveria ser somente o lugar do aprendizado da leitura, escrita, aritmética, educação musical e física; ela deveria ser também o lugar do ensinamento da moral[52]. Segundo "O Memorial para Professores do Ensino Fundamental", era esperado do professor que ele passasse valores como:

> Lealdade à casa do Imperador, amor ao país, piedade filial para com os pais, respeito aos superiores, fé nos amigos, caridade para com os inferiores, e respeito por si mesmo constitui o Grande Caminho da moralidade humana. O professor deve ele mesmo ser um modelo dessas virtudes em sua vida cotidiana, e deve esforçar-se em estimular seus pupilos ao longo dessa caminhada de virtude (MOMBUSHO GAKUSEI, 1954, pp. 844-845, apud PASSIN, 1987, p. 85).

Em 1880, os livros didáticos foram inspecionados, e muitos proibidos por "agredirem" a moral, perturbar a paz e causar irrupções sociais. Outra mudança crucial que acontece nesse período foi que os professores foram proibidos de atenderem reuniões ou conferências políticas (PASSIN, 1987). Em 1885, o modelo prussiano é adotado. Esse modelo é o que mais se aproxima do modelo que será enfim adotado, por ser centralizado e estimular um viés nacionalista, mas esse também não obterá sucesso (ORTIZ, 2000). Deixando a grande questão da educação para ser "resolvida" somente em 1890, com o Decreto Imperial sobre a Educação.

O Decreto Imperial sobre a Educação pode ser considerado de suma importância para a construção do Império Japonês. Segundo Ortiz (2000), o decreto é uma peça ideológica, escrito em uma linguagem religiosa e metafórica com o objetivo de orientar o modelo educacional japonês a

[52] O ensino moral está até hoje na grade curricular do ensino público no Japão.

ser seguido, sendo esse nitidamente conservador, como podemos ver acima. O decreto foi um artefato político que buscou a legitimidade no "sagrado" histórico, para tal colocou a unidade do povo japonês como um fato dado, como podemos ler nos dizeres "nossos ancestrais imperiais", "nossos súditos", "glória do caráter fundamental do Nosso Império", etc. Ao mesmo tempo, o decreto carregou um tom moralizante, pois além de construir a imagem unitária, tinha a pretensão de deixar claro "como devemos ser", ou como "devemos continuar sendo" já que há a ideia de um povo único. Por detrás de cada linha estão os princípios confucionistas como, por exemplo, a devoção aos pais, a harmonia em casa, e acima de qualquer outro ensinamento: a submissão total ao império.

Sabei vós, meus súditos:
Nossos Ancestrais Imperiais fundaram o Nosso Império em uma base ampla e eterna e têm implantado firme e profundamente a virtude; Nossos Súditos sempre unidos na lealdade e piedade filial têm ilustrado de geração em geração a beleza disso. Isto é a glória do caráter fundamental do Nosso Império e inclui-se também a fonte da Nossa educação. Vós, Meus súditos, sede filiais aos seus pais, sede afetuosos com seus irmãos e irmãs; sede harmoniosos como marido e mulher; como verdadeiros amigos; levai convosco a modéstia e a moderação; estendei a vossa benevolência a todos; prossegui o aprendizado e cultivai as artes; desenvolvei as faculdades intelectuais e os poderes da perfeita moral; além disso, levai adiante o bem público e promovei interesses em comum; sempre respeitai a Constituição e observai as leis; quando surgir emergência, devei vos oferecer corajosamente ao Estado; e assim guardar e manter a prosperidade do Nosso Trono Imperial coevo com o Céu e a Terra. Assim vós deveis ser os Nossos bons e fiéis súditos, transmitir as melhores tradições de vossos antepassados. O Caminho traçado aqui é de fato o ensinamento legado pelos Nossos Ancestrais Imperiais, a ser observado pelos Vossos Descendentes e súditos, infalível para todas as idades e verdadeiro em todos os lugares. Esse é o Nosso desejo que seja levado a sério em toda reverência, em comum convosco, Nossos súditos, que nós possamos alcançar a mesma virtude.

30º dia do 10º mês do 23º ano de Meiji
(Dia 30 de Outubro de 1890).

Assinatura Manual Imperial; Selo Imperial
Fonte: Publicado primeira vez em inglês, em Dairoku KIKUCHI, 1909. Japanese Education, London: John Murray Publishers. apud READER et al. (1993:171). Apud, Sasaki Pinheiro (2009).

Passin (1987) afirma que nas últimas décadas do século XIX o Japão passou de um sistema educacional liberal para um conservador, com a reverência ao imperador no centro dessa mudança. O decreto imperial "era lido nas escolas e ao final desta leitura os alunos e professores o saudavam com reverências e a frases similares ao *tennô no banzai*[53]"[54]. Tornando-se assim pilar da ética e da moralidade pública, fazendo com que a lealdade e piedade filial se tornassem valores universais que não poderiam mais serem colocados em xeque (Omena e Silveira Silva, 2008).

> As tentativas educacionais anteriores são portanto abandonadas e as ambiguidades porventura existentes removidas, afirma-se sem subterfúgios a importância da tradição, dos princípios da moralidade confucionista e, sobretudo, a necessidade de todos se unirem em torno da figura do imperador. "Japonização" tem, portanto, uma conotação específica. Não se trata pura e simplesmente de rechaçar os elementos vindos do exterior nem de retomar a tradição tal como ela havia prevalecido no passado. Isso seria insensato. "Japonização" significa: a) selecionar e adaptar as influências ocidentais; b) escolher e direcionar parte da tradição na construção da modernidade. Nos dois casos, a centralidade do Estado-nação é decisiva. Ele é o fórum capaz de dar sentido à 'digestão' dos elementos 'importados' e de reformular o patrimônio legado pela história. Sua territorialidade se afirma e se constitui nesse processo (ORTIZ, 2000, p. 57).

Essa "japonização" trará consequências para o "modo de ser do japonês" como é possível perceber no cotidiano no Japão. O Decreto incorporou, além do confucionismo já abordado, o nativismo. Além de construir o discurso "necessário" para a aceitação de uma monarquia constitucional. Havendo ainda uma "forte noção do Estado japonês enquanto uma família" (SASAKI PINHEIRO, 2009, p. 27). Colocando o imperador enquanto pai dos súditos. A orientação do Estado altamente ideológico foi fortalecida com a ascensão dos militares e com a eclosão da guerra do pacífico. As escolas primárias eram basicamente conduzidas por militares reformados com um objetivo claro: a formação de súditos leais ao império. De samurais à militares, a escola era o lugar do disciplinamento, trazendo consequências até os dias de hoje. Em 1879, os castigos físicos foram proibidos, porém, a medida não resultou em significativa mudança já que a própria educação havia sido estabelecida por princípios militares.

Segundo Reischauer (1989), a educação básica no Japão "significou cada vez mais uma forma de ensinar as pessoas o que pensar, mais do que como pensar" (REISCHAUER, 1989, p. 125). Passin (1987) afirma que embora as técnicas totalitárias de ensino com o objetivo de

---

[53] Cabe ressaltar que embora os autores tenham escrito "*tennô no banzai",* a fala corrente é "*tennô banzai".* 天皇 [tennô] significa imperador (天: céu(s), imperial. 皇: imperador); e 万歳 [banzai] carrega o significado de vida eterna, ou algo digno de celebração (万: dez mil. 歳: fim de ano, idade, ocasião, oportunidade). Ou seja, "vida longa ao imperador".

[54] Omena e Silveira Silva, 2008, p. 7.

“obediência nacional” e “uniformidade” rigorosamente controlado pelo Estado não seja um modelo exclusivo do Japão, nenhuma outra nação moderna, exceção feita aos Estados totalitários, usou as escolas “tão sistematicamente para doutrinação política como o Japão” (PASSIN, 1987, p. 149). Como modelo de propagação da ideologia, se espalha a imagem do imperador e da imperatriz por todo o território. A imagem simbolizava a devoção dos “súditos”, e acredita-se que até 1930, segundo Kikuchi (2012), todas as escolas no Japão a possuíam.

> Desde 1890 até a ocupação americana (após a derrota na Segunda Guerra Mundial em 1945), inculcou-se a lealdade e uma versão oficial de moralidade que se tornou central na missão e métodos do sistema escolar. A doutrina oficial ensinava nas escolas que o Japão era um Estado-família único. O imperador, como o descendente direto de um ancestral mítico e divino, tem qualidades divinas e incorpora na sua pessoa a unidade do Estado e povo. O sistema de família japonês único é baseado na reverência aos ancestrais, poder e responsabilidade do chefe de família, obediência e piedade filial. Esta última é o modelo para a relação dos cidadãos tanto com o Estado quanto com os superiores (PASSIN, 1987, 152).

Assim foi criado o sistema de ensino japonês, juntamente com uma nova sociedade. Através da escola instalou-se uma política ideológica, com base no confucionismo e com uma função clara: a adoração do império japonês. Sasaki Pinheiro (2009) afirma que tal sistema fez com os nacionais se imaginassem membros de uma oligarquia conservadora que estava no poder. Exemplo da continuidade dessa política é a ampla aceitação ainda hoje do imperador. Em março de 2019 foi realizada uma pesquisa em todo território japonês com a seguinte pergunta: “o imperador está cumprindo sua função como símbolo do Estado?”. Para 90% dos entrevistados a resposta foi que sim; o número se revelou alto inclusive entre os apoiadores do Partido Comunista do Japão (cerca de 60%)[55].

3.4 A Escola durante e após a 2º Guerra Mundial

Antes da ocupação americana mudar os rumos da educação no Japão, foi instaurada em 1941 a escola do povo 国民学校[56] [kokumingakkô] que durou até 1947. Esse sistema entrava substituindo o ensino primário, com o objetivo de “realizar a educação e formação básica do povo seguindo as diretrizes do império” (KIKUCHI, 2012, p. 148). Segundo Kimura (2017) é nesse período que o Japão passa a ser uma nação altamente escolarizada. Antes dessa mudança, o ensino

---

[55] Ipc Digital. Cerca de 90% dos japoneses aprovam o papel do imperador como simbolo do estado japonês. Disponível em:<https://ipc.digital/cerca-de-90-dos-japoneses-aprovam-o-papel-do-imperador-como-simbolo-do-estado-japones>. Acesso em: 20 nov. 2019.

[56] 国: país. 民: pessoa, nação, sujeito. 学: estudo, aprendizagem, ciência. 校:exame, escola, impressão, prova, correção.

obrigatório se dava somente até o fim do fundamental I, sendo composto de seis anos. Diferentemente da fase inicial, o ensino fundamental II dividia as escolas e possibilidades conforme o gênero, fazendo com que os diferentes gêneros não coexistissem sob o mesmo teto. As garotas, se quisessem continuar os estudos, deveriam frequentar as escolas só para meninas, chamadas de ensino médio já que a educação não ia muito além para elas. Enquanto que para os meninos havia uma grande diferença entre aqueles que terminavam seus estudos no ensino fundamental I, aqueles que encerravam no ensino fundamental II, e aqueles que começavam a trilhar seu caminho para o ensino médio (apenas 10% dos estudantes da época).

Para os meninos, a divisão ainda estaria por vir na admissão para o ensino médio (chamado de curso preparatório para a Universidade), pois somente um em cada 13 estudantes do ensino fundamental II conseguia uma vaga. O número é ainda mais diminuto quando enquadramos apenas as escolas prestigiadas que praticamente garantiam acesso às Universidades Imperiais (apenas 1 em cada 25 estudantes). Passin (1987) afirma que em 1929, de 70 000 estudantes graduados no ensino fundamental, apenas 5 000 foram aceitos nas 33 escolas preparatórias para a Universidade (ensino médio). Desde essa época, a universidade garantiria um bom emprego no futuro. Por isso, esse teste era tão importante não só para a criança, mas para toda a família.

> A ansiedade dos pais pelo futuro de suas crianças, a ansiedade dos próprios pupilos, e o sentimento de obrigatoriedade para com seus pais criou um pressão insuportável conhecida por todos como *shiken jigoku*, o exame infernal. Ambos estudantes e pais esperavam os resultados com uma ansiedade frenética, e suicídio por causa do fracasso não era incomum (PASSIN, 1987, p. 104, tradução nossa).

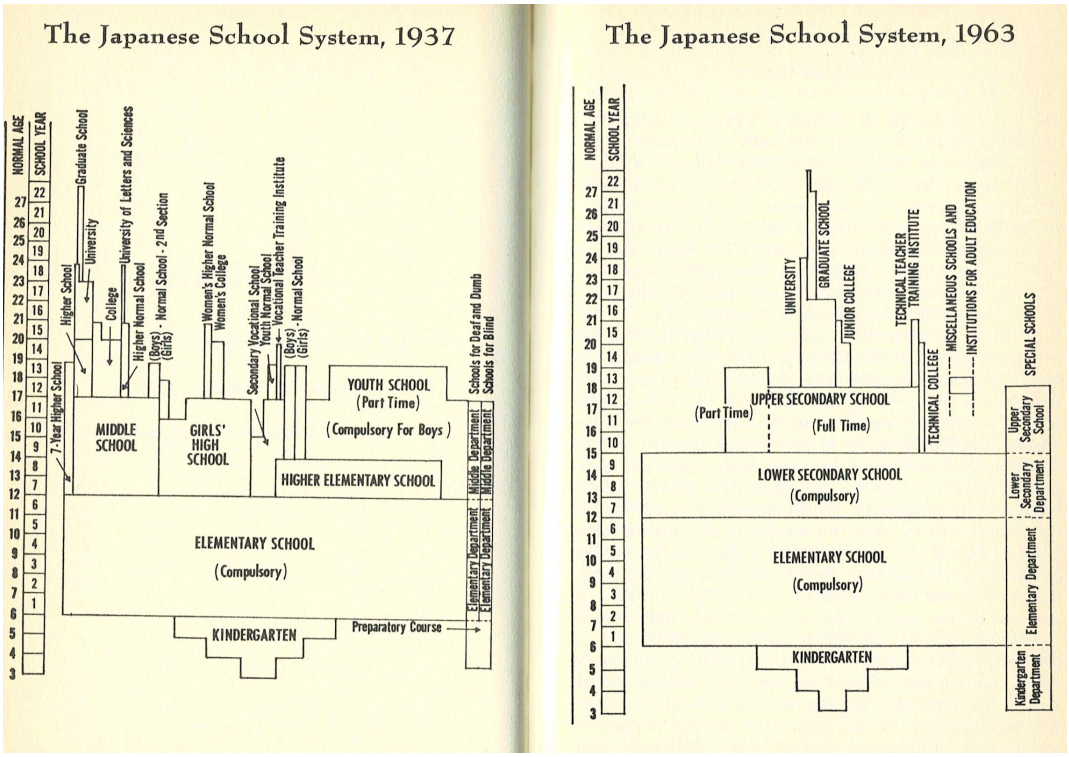
Tristemente, o suicídio começava a marcar sua presença também no mundo contemporâneo japonês. Mesmo que os estudantes tentassem os estudos fora do Japão, a formação era considerada inferior à realizada em uma universidade japonesa, sendo geralmente equiparada ao ensino médio ou a um ensino técnico. Esse era também o topo em que uma mulher poderia chegar, mesmo que frequentasse uma universidade (que eram exclusivas para mulheres). Em ambos casos, as universidades não eram vistas como verdadeiras universidades.

Os pais mais informados sabiam que havia uma grande diferença entre as escolas, e que se colocassem seus filhos nas melhores escolas de Tóquio desde o começo, haveria uma chance maior de entrar na Primeira Escola de ensino médio de Tóquio. O que fazia com que os pais se mudassem para essas áreas, ou mesmo falsificassem o endereço, para colocarem seus filhos em uma dessas escolas de prestígio (PASSIN, 1987). Depois de passar por todas as competições das fases anteriores, se o aluno entrasse na Primeira Escola de ensino médio de Tóquio, ou nas escolas que seguiam quase que a mesma qualidade (todas em Tóquio), o estudante entraria quase que

diretamente em uma boa universidade. Ao entrar nessa, o estudante poderia enfim se tranquilizar, pois já estava praticamente garantido no mundo do trabalho.

Com a Segunda Guerra Mundial, a escola sofre algumas mudanças. Segundo Kikuchi (2012), a partir de 1938 os alunos começaram a ser convocados para trabalharem nas fábricas de confecção de armamentos; a partir de 1941, os alunos deveriam ir para as fábricas durante 30 dias letivos; e em 1943, todos os estudantes masculinos acima de vinte anos foram convocados para a guerra. Como parte da guerra se deu no território japonês, em 1945 as aulas foram suspensas, com exceção do ciclo inicial.

Figura 18 - Mudança no Sistema Educacional Japonês



Fonte: Passin, 1987, pp. 308, 309.

Com o fim da guerra e a rendição do Japão, a ocupação estadunidense se propõe a "democratizar" o Japão. Para além do discurso ilógico da implantação da democracia por uma das instituições mais antidemocráticas do mundo, a democracia foi instaurada por uma imposição externa e pelas armas. Segundo Passin, a função da ocupação era assegurar que Pearl Harbor nunca mais ocorresse. Assim foi criado um governo paralelo americano ao governo japonês. A ocupação durou cerca de 6 anos e meio, mas até hoje traz consequências espaciais, sociais e psicológicas.

Em 1947, o sistema educacional foi inteiramente reorganizado. O "Decreto Imperial sobre a educação" foi abolido e entra em vigor a Lei Orgânica da Educação e a Lei da Educação Escolar. A ocupação estadunidense elaborou uma nova diretriz que enfatizava "a importância de se ensinar os

princípios democráticos, os direitos humanos, a cidadania, a consciência da individualidade, direitos e deveres, e tudo que inspirava militarismo e imperialismo foi expurgado" (KIKUCHI, 2012, pp. 149, 150).

A primeira grande mudança foi a de múltiplos caminhos depois do ensino elementar para um caminho único. As escolas técnicas foram absorvidas pela Universidade. A educação compulsória passou para 9 anos e a estrutura "6-3-3-4" (6 anos no ensino fundamental I, 3 anos no ensino fundamental II, 3 anos no ensino médio e 4 anos no ensino superior) foi adotada. A educação mista agora era reconhecida por lei, o currículo deveria ser o mesmo para todos os sexos. Embora a escola mista não tenha se tornado realidade sem que houvesse reclamações, em pouco tempo tornou-se aceitável pela sociedade japonesa. Fazendo com que as meninas pudessem alcançar a mesma educação que era dado anteriormente somente aos meninos. Essas mudanças fizeram com que o número de estudantes que almejavam cursar uma universidade crescessem exponencialmente, passando de 7.291 em 1917, para 49.546 em 1937, 399.513 em 1952, e chegando em 711.618 em 1960 (PASSIN, 1987).

Mesmo que as mudanças não se tenham ocorrido somente no âmbito escolar, essas trouxeram impactos diretos na vida e na sociedade japonesa. Primeiramente, pelo aumento do número de anos na escola e por sua nova obrigatoriedade. Essa medida fazia com que os jovens ficassem sem trabalhar por um período maior do que o anterior. O nível de exigência dos empregos também começava a aumentar, as empresas que antes aceitavam o ensino médio ou um curso técnico, passaram a exigir uma formação universitária. Sem falar, é claro, na importante mudança na vida das mulheres. O mercado de trabalho japonês nunca excluiu totalmente a mulher. No entanto, essa nova fase, em que as mulheres poderiam ter a mesma formação que os homens, ou até mesmo uma formação melhor, abriu inúmeras possibilidades para elas, que já se comportavam de maneira diferente, a começar pela vestimenta. Não é à toa que os Estados Unidos tentou usá-las como suas principais aliadas na aceitação do capitalismo, pois para elas, a ocupação trouxe aparentemente mais direitos e possivelmente novas possibilidades, apesar das contradições.

Desde que o ensino fundamental II passou a ser obrigatório também, o estresse do exame de admissão passou para a fase seguinte, passando a ocorrer somente do ensino fundamental II para o ensino médio[57]. Infelizmente, a alta taxa de suicídio também se manteve. Como exemplo, "um jovem desanimado por seu fracasso ao passar no exame para a entrada no colégio se matou eletrocutando-se em um fio de alta tensão… O jovem carregava uma anotação em seu bolso que

[57] E estranhamente se mantem até hoje, mesmo que o ensino médio seja quase que universal.

dizia que ele sentia que não poderia mais viver nesse mundo porquê ele era muito débil" (PASSIN, 1987, p. 112). Em 1955, a taxa de suicídio era de 31.6 a cada 100.000 habitantes para a população masculina e de 19.0 para a população feminina. No entanto, olhando para a faixa etária de 15 a 24 anos, a taxa quase que dobra para 60.8 na população masculina e 36.7 na feminina[58]. A alta concentração de suicídios na faixa dos 15 aos 24 anos nos diz bastante coisa sobre a escola e a sociedade, se configurando ainda hoje como um dos maiores problemas sociais no Japão.

Com o assentamento da escola no Japão e o aumento da obrigatoriedade, a educação passa cada vez mais a ser vista como um direito universal. Trazendo mudanças substancias para a sociedade japonesa como um todo. No entanto, por maiores que possam ser essas mudanças, muitas regras sociais se mantêm, como por exemplo a relação hierárquica. Segundo Kikuchi (2012), a escola ainda é um dos espaços centrais no fomento da hierarquia. Os professores exercem sobre os alunos um rigoroso controle de conduta, tarefa essa que lhes é atribuída pela própria sociedade. O autor afirma que a uniformização vai para além da roupa, os fazendo seguir regras detalhadas, sendo consequência do antigo militarismo. A hierarquia não é construída somente em relação ao professor e aos funcionários da escola, é também incentivada na relação entre veteranos e calouros 先輩 [senpai] 後輩 [kôhai][59]. Cada novo calouro deve tratar com respeito[60] e uma certa submissão seus veteranos, mesmo que esse seja apenas um ano mais velho. A relação hierárquica se manterá para a vida, existindo também no ambiente de trabalho (nesse caso a hierarquização se dá em função tanto do cargo, quanto do tempo na empresa, ou na função exercida).

[58] Passin, 1987, p. 112.

[59] 先: antes, à frente, anterior, futuro, precedência. 後: atrás, depois. As duas palavras são compostas com o kanji 輩, que significa "camarada, companheiro, pessoas, companhia".

[60] Incluindo na linguagem.

4. A Escola japonesa

O povo japonês é famoso por seu intelígencia, saúde, educação, bom estar e segurança.
As escolas japonesas são tradicionais e tradicionais, levando em conta o ensino, levando os mesmos uniformes e o mesmo sistema de educação.
Os alunos todos o dia, especiais, duas piquenas, onde cada o escola na maioria das vezes sem acompanhamento de um adulto, os próprios estudantes limpam a escola e ajudam o professor.

A Sociedade japonesa vêm sendo cada vez mais admirada por todo que eles conseguiram depois da 2 guerra mundial. Conseguiu se tornar uma das potências mais importantes no passo mundo globalizado, porém tudo isso vêm da educação desde pequenos.

Uma outra diferença entre os dois países são as escolas, as escolas japonesas têm o mesmo método de ensino desde a 2ª guerra mundial, os alunos são educados desde pequenos a serem responsáveis, indo para a escola sozinhos, fazendo limpeza nas salas de aula e outros, só as escolas brasileiras precisam ser assim ainda que isso causa de muitas melhorias.

Um ponto que chama atenção é a grande diferença na educação. A educação japonesa é muito mais rígida, os alunos todos os dias precisam estudar muito e tem responsabilidade de cuidar da escola e limpar a escola, os professores são respeitados e que precisam ser respeitados.

No Japão temos que o respeito com os superiores são muito grandes. Principalmente nas escolas os alunos convivem com os professores na forma pedida. Também ~~ele~~ os japoneses são mais reservados, diferente dos brasileiros. Muito extrangeiros pensam que o Japão é seguro. Que também é um bom país para morar, mesmo com os desastres naturais.

Comparando os dois países, o Japão tem os costumes mais rígidos como não pode entrar em casa com sapatos, cumprimenta os pessoas apenas se curvando de leve, ou se de mão e comer usando hashi mesmo tendo talheres acidentais. No dia a dia, os japoneses seguem a religião xintoísmo e a budista, tendo somente 1% da população cristã, a alimentação mais saudável baseada em peixes, arroz, legumes e algas, enquanto para os brasileiros não pode faltar arroz, feijão e até mesmo depois de meu almoço, por preferir diferentes como a carne, são algo bem natural entre eles, porém bem cara no Brasil. 30% de cada a industrialização e responsabilidade é aplicada, nas escolas a limpeza e distribuição da merenda por ingredientes, bem a ajuda de zeladores e ~~professores~~ merendeiras, como no Brasil, é algo normal. A sociedade japonesa é muito recebida por sua organização ao cumprir seus planos, diferente do brasileiro que não da tanta importância na hora de cumprir seus planos. No Japão os idosos e jovens são mais bravos, não existe pintura, inflação e tanta corrupção como acontece no nosso país. Porém no nosso Brasil a taxa de suicídios é bem menor que a do Japão, talvez devido a pressão exagerada da organização, pois alunos brilhantes ou bullying, nossa parte por não tantas exigências as pessoas do nosso país são mais felizes.

4.1 A escola pública

Figura 19 - Escola Pública

Fonte: https://pixabay.com/pt/photos/natural-paisagem-satoyama-escola-4488745/

A escola pública no Japão continua sendo o caminho comum das crianças japonesas. Há inúmeros fatores para essa continuidade, um desses é certamente a qualidade de ensino. Essa qualidade é questionável em muitos aspectos, mas é inegável que os estudantes japoneses conquistam bons resultados nos testes escolares. Por exemplo, no PISA[61] de 2015, os estudantes do Japão ficaram apenas atrás dos estudantes do Singapura. O resultado foi de 538 para ciência, 516 para leitura e 532 para matemática. Enquanto que as médias mundiais são respectivamente 493, 493 e 490[62]. Para além disso, há a questão da proximidade da casa, sendo fundamental no caso japonês, já que as crianças vão e voltam da escola sozinhas ou em grupo desde o ensino fundamental I. Além, é claro, da quase gratuidade do ensino; quase gratuidade porque embora não haja mensalidade, taxa de matrícula, ou despesa de livros, há gastos com alguns materiais necessários durante as aulas, merenda, álbum de formatura, atividades extras-curriculares como acampamento e viagem de formatura, etc. Em caso de dificuldade financeira, existe um sistema de ajuda na própria escola. Desse modo, a escola pública japonesa é ainda hoje uma das grandes responsáveis por preparar a criança para a vida no Japão. Veremos mais atentamente o que isso significa.

A educação no Japão pode começar na creche 保育園[63] [Hoikuen] (a partir dos 6 meses) ou no jardim de infância 幼稚園[64] [Youtien] (a partir dos 3 anos), que são mantidas pelo Ministério de Saúde e Bem-Estar Social e se estendem até a entrada no ensino fundamental I. Em maio de 2019 foi aprovada uma emenda à lei vigente firmando a gratuidade da pré-escola, em especial na faixa

---

[61] PISA é o Programa de Avaliação Internacional de Estudantes feito pelos países da OCDE. Fonte: http://www.oecd.org/pisa/PISA-2015-Brazil-PRT.pdf.

[62] Cabe ressaltar que há inúmeras importantes questões por detrás dessa avaliação. No entanto, os dados nos ajudam a entender um dos principais focos da escola japonesa.

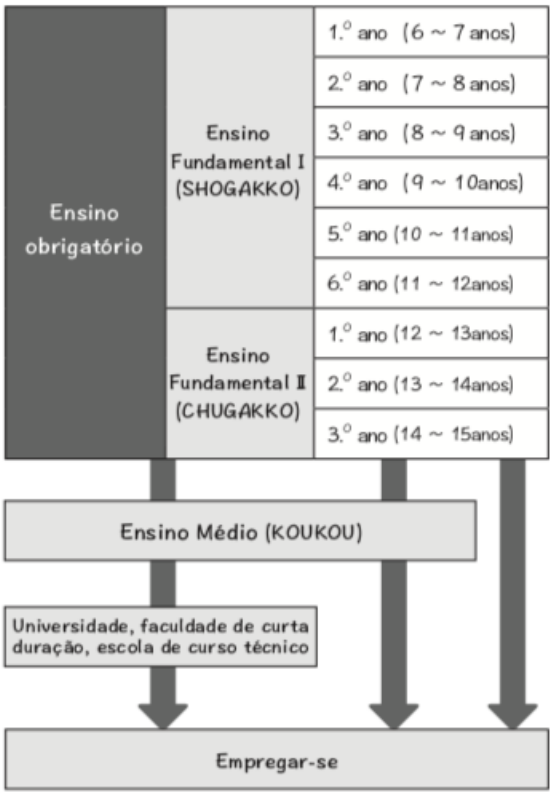
[63] 保: proteger, preservar, sustentar. 育: crescer. 園: parque, jardim, fazenda.

[64] 幼: infância. 稚: imaturo, jovem. 園: parque, jardim, fazenda.

dos 3 aos 5 anos, trazendo uma mudança notória, embora ainda haja outros problemas como a falta de vaga, por exemplo. De toda forma, a lei deve ser comemorada já que também inclui as crianças estrangeiras, mesmo que o intuito central da emenda seja liberar as mães para o trabalho, já que muitas vezes, a falta de vaga nas creches, ou o alto preço pago por essas são impeditivos para que as mulheres voltem ao trabalho. Não preciso dizer que esse impeditivo é colocado somente às mulheres. Como consequência, mesmo findada a licença maternidade, muitas mulheres não conseguem voltar ao trabalho[65], muitas vezes essa fase se prolonga até a entrada do(s) filho(s) no ensino infantil ou fundamental I, e em muitos casos torna-se irreversível pelas dificuldades em se estar há tanto tempo fora do mercado de trabalho.

A educação passa a ser obrigatória no Japão e controlada pelo Ministério de Educação, a partir do ensino fundamental I 小学校[66] [shôgakkô] que se dá dos 6/7 aos 11/12 anos (com duração

Figura 20 - Sistema Educacional



https://www.abcjapan.org/wp-content/uploads/2019/04/manual-sobre-o-shogakko.pdf

[65] A falta de creche não é a única barreira para a mulher voltar ao trabalho. Há diversos relatos de empresas que mandam suas funcionárias embora depois da licença maternidade, ou do preconceito que sofrem por terem que dedicar uma parte do seu tempo ao cuidado dos filhos.

[66] 小: pequeno. 学: estudo, aprendizagem, ciência. 校: exame, escola, impressão, prova, correção.

de 5 anos), até o ensino fundamental II 中学校[67] [chûgakkô] (dos 12/13 aos 14/15 anos) com duração de 3 anos. O ensino médio 高校[68] [Kôkô] se dá dos 15/16 aos 17/18 anos e não é obrigatório, e mesmo que não o seja, é freqüentado por 97,8% dos japoneses[69]. Em contraposição com a alta taxa de freqüência no ensino médio, o ingresso no ensino superior cai quase que pela metade, sendo realizado por uma média de 50% dos jovens. Assim como no Brasil, no Japão, o ensino superior completo é requisito para grande parte dos empregos, pois trata-se de uma sociedade altamente meritocrática. Portanto, os bons empregos têm como requisito mínimo ter cursado uma universidade. No entanto, o alto preço das universidades[70], e a possibilidade de se ter uma vida confortável mesmo sem uma universidade - já que há uma grande oferta de empregos manuais em que o salário se equivale a média salarial japonesa, pois mesmo que a hora paga seja inferior (o mínimo é cerca de 1.000 ienes em Tóquio)[71], com as horas extras (comum na vida japonesa, especialmente nas fábricas) o salário mensal é o suficiente para se ter uma vida confortável. É claro que por trás há também uma ideologia do trabalho, que é estimulada durante toda a vida japonesa. O que faz com que os jovens comecem a trabalhar já no colegial em empregos de meio período, ou nas férias escolares. Podemos ver pela figura 20 feita por uma ONG brasileira no Japão, todas as flechas apontam para "Empregar-se", podendo ser inclusive depois do Ensino Fundamental II. Esse imperativo não ocorre à toa.

4.1 Uma cidade de fronteiras: Akiruno

Como falamos na introdução desse escrito, o lugar em que a escola se encontra também é importante, havendo diferenças conforme o lugar. Na parte oeste da metrópole de Tóquio, entre montanhas e vales, situa-se uma cidade com uma área de 73,47 km², chamada Akiruno あきる野

---

[67] 中: dentro, meio, centro. 学: estudo, aprendizagem, ciência. 校: exame, escola, impressão, prova, correção.

[68] 高: alto, caro. 校: exame, escola, impressão, prova, correção.

[69] TSUCHIYA, 2011, 75, apud KIKUCHI, 2012, p. 150.

[70] Não há universidade gratuita no Japão. As Universidade públicas têm o custo um pouco menor, mas por serem as mais conceituadas são mais difíceis de entrar. E mesmo essas mantêm taxa de matrícula, mensalidade e outros custos. Fazendo com que só quem possa pagar pelo ensino, possa frequentar uma universidade no Japão.

[71] Na cotação de 2019, aproximadamente de 35 reais. Disponível em: <:https://economia.uol.com.br/cotacoes/cambio/iene-japao/). Acesso em: 7 set. 2019.

Figura 21 - A cidade de Akiruno na metrópole de Tóquio

Fonte: AKIRUNO (Cidade). Disponível em: < http://honyaku.j-server.com/LUCAKIRUNO/cdata/lucakiruno0_jaen.html>.

市[72]. Nos atentaremos ao cotidiano atual da cidade que carrega em si um pouco de sua história. Podemos dizer que, de certa forma, Akiruno é uma cidade de fronteiras. Essas fronteiras estão presentes em muitos momentos e situações, sejam elas entre as cidades fronteiras, entre a cidade e o campo, entre os modos de vida, entre o tradicional e o moderno, etc. Ao sul de Akiruno encontra-se a cidade de Hachioji [八王子市]; à leste, Fussa [福生市] (onde localiza-se uma das bases estadunidense); à noroeste Hamura [羽村市]; ao norte está Ome [青梅市]. Todas essas cidades apontadas anteriormente têm a terminação [市] que é designado como cidade[73]. Na caso japonês, isso significa também dizer que são cidades povoadas; e no caso de Tóquio, que fazem parte da pulsão da metrópole, sendo totalmente conectadas pelos trens e rodovias às cidades mais centrais como Shinjuku-ku [新宿区] ou Chioyoda-ku [千代田区][74], por exemplo. Na parte oeste, estão Hinohara-mura [檜原村] e Okutama-machi [奥多摩町], e na parte noroeste está Hinode-machi [日の出町]. Como podemos ver, as terminações para esses três últimas regiões são diferentes, a primeira podendo ser traduzida como vila, e as outras duas como cidade ou vizinhança, sendo consideradas cidades secundárias, diferentes das que tem terminação 市 [shi]. Configuram-se como extensas áreas sem um grande povoamento, sem muita infra-estrutura, sem uma boa malha

[72] あきる: hiragana "a-ki-ru". 野 significa avião, campo. No entanto, esse kanji dependendo ao que kanji em que se associa pode ter sentidos variados, como por exemplo 野菜 [yasai] que significa vegetais, 野山 [noyama] significando colinas e campos ou colina e vale, mas ainda pode significar também 野党 [yatou], ou seja, partido da oposição; oposição política; ou simplesmente oposição. 市: cidade.

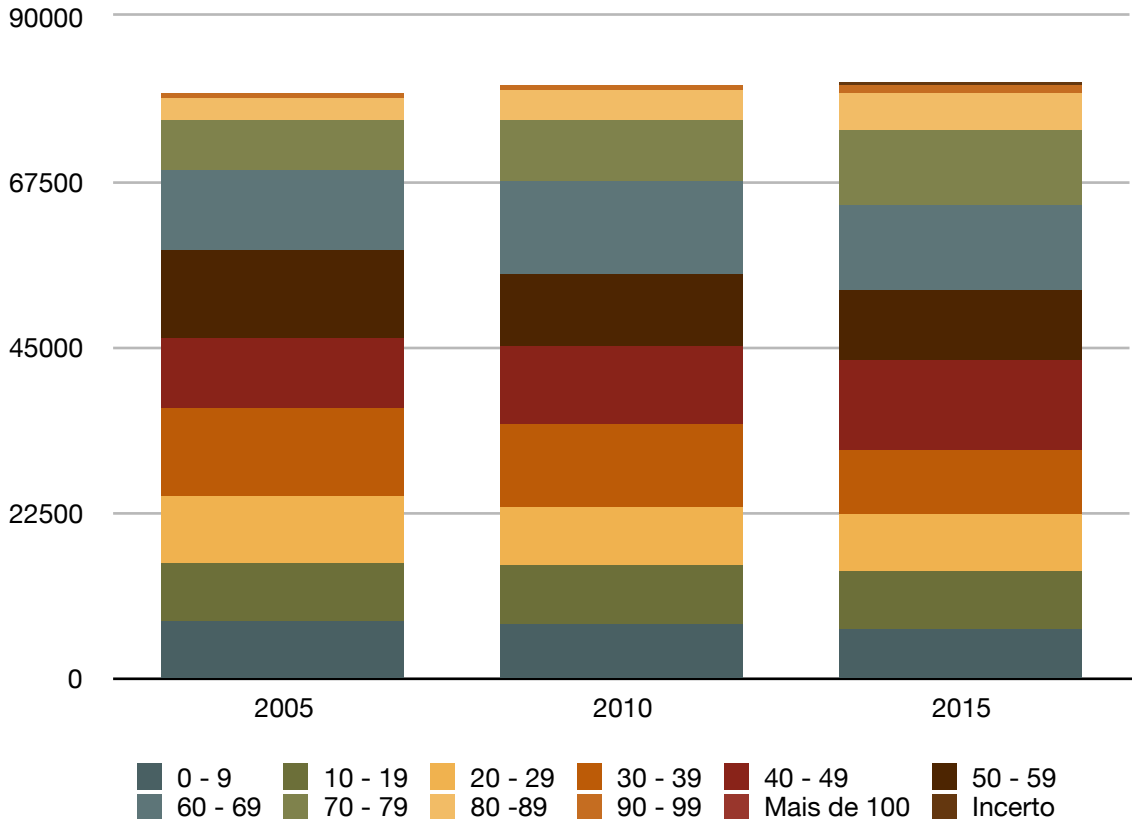
[73] O kanji que pode significar cidade, dependendo do kanji em que se associa, pode ser também mercado. Acredito que não seja uma simplória associação.

[74] A terminação 区 [ku] dá à essa área uma certa centralidade em relação às outras áreas, podendo ser traduzida como bairro especial. Essas cidades um dia formaram a cidade de Tóquio, hoje compõem os 23 bairros especiais.

ferroviária, ou mesmo um transporte público eficiente como é possível de ser observado em quase qualquer outra área de Tóquio. Sendo em geral uma região montanhosa, com uma ocupação dispersa.

A população de Akiruno conta hoje com cerca de 80.000 habitantes. Historicamente a cidade vinha crescendo mais que diminuindo. Para se ter uma ideia, em 1920 havia 19.363 habitantes em Akiruno, e esse número se manteve praticamente o mesmo até 1940. A partir desse período, há um aumento significativo da população, passando de 21.827 em 1940 para 28.162 habitantes em 1945, mantendo um aumento contínuo, chegando a 45.067 habitantes em 1970; e atingindo seu ápice em 2015, com 80.954 habitantes. Porém, de 2015 para cá, a população de Akiruno se manteve praticamente estável. Passando de 81.483 em 2016; 81.403 em 2017; 80.985 em 2018; e 80.716 em 2019[75]. Essa aparente estabilidade esconde a transformação que a sociedade japonesa vem vivendo: a queda da taxa de natalidade e o aumento da longevidade. Podemos notar que entre as faixas etárias, a única que se mantem crescente é a da população com mais de 65 anos, ocupando quase 30% da população. Esses são considerados um dos problemas mais urgentes no Japão, que já hoje

Gráfico 1 - Composição da população da cidade de Akiruno



Fonte: AKIRUNO (Cidade). Disponível em: < http://honyaku.j-server.com/LUCAKIRUNO/cdata/lucakiruno0_jaen.html>.

[75] AKIRUNO (Cidade). Disponível em:< http://honyaku.j-server.com/LUCAKIRUNO/cdata/lucakiruno0_jaen.html>. Acesso em: 19 set. 2019.

não consegue preencher suas vagas de trabalho. A projeção da população da cidade de Akiruno é de 79.819 em 2020, de 77.916 em 2025; e de 75.496 habitantes em 2030.

Nas mudanças ocorridas na composição da população de Akiruno ainda está o aumento do número de mulheres trabalhando fora do *"ie"*, isso quer dizer, trabalhando formalmente, fora de casa. No caso japonês, como já discutido anteriormente, as mulheres nunca estiveram totalmente fora do mundo do trabalho, mesmo que ocupando cargos inferiores e recebendo salários mais baixos. Por não serem tão importantes para a manutenção do *"ie"* como o primogênito o era, as mulheres, já no século passado, tinham uma certa liberdade para buscarem empregos, mesmo que em outras regiões. Em contramão com essa liberdade, era comum largarem o emprego ao se casarem, ou ao gestarem. Infelizmente essa cena é comum ainda hoje, fazendo da mulher japonesa a principal responsável pela manutenção dos filhos e da casa. Mas essa normalidade vem mudando e cada vez mais as mulheres dão preferência às suas carreiras, o que gera constante atrito com o status quo extremamente machista da sociedade japonesa. Em 2018, dos 144 países analisados sobre a disparidade de gênero pelo Fórum Econômico Mundial, o Japão situou-se na 110º[76]. Como exemplo da institucionalização do machismo podemos citar a manipulação dos resultados dos vestibulares em medicina, onde diversas universidades japonesas confessaram que fraudavam os resultados dos vestibulares para favorecerem a entrada de homens. Como justificativa, as instituições afirmaram que mesmo que as mulheres conseguissem uma melhor pontuação, elas costumam largar a profissão para o cuidado da família e do lar[77].

Há ainda uma outra questão, que se esconde nos dados, por mais detalhados que esses possam ser: é a do trabalho não pago. Além dos afazeres domésticos que normalmente a mulher é imputada, também bem conhecido na sociedade brasileira, embora com uma aparente diferença, pois enquanto na sociedade brasileira as mulheres ainda hoje fazem a maior parte do serviço doméstico, no Japão, quando a mulher também está imersa no mundo do trabalho, os homens também têm que assumir algumas responsabilidades no cuidado do lar e dos filhos[78], e ai vem a ironia, pois mesmo que os homens japoneses pareçam cuidar mais da casa e dos filhos do que os brasileiros, a concepção sobre a posição da mulher na sociedade parece manter-se praticamente a mesma de décadas atrás. Para além disso, há os trabalhos constantes que a sociedade japonesa faz

---

[76] NHK. A igualdade de gênero no Japão continua em segundo plano. Disponível em: < https://www3.nhk.or.jp/nhkworld/en/news/backstories/335/>. Acesso em: 26 dez. 2018 (título original: Gender equality in Japan remains bottom).

[77] LIES, Elaine. Faculdade do Japão fraudou notas para admitir menos mulheres em medicina. Disponível em: <http://https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2018/08/faculdade-do-japao-fraudou-notas-para-admitir-menos-mulheres-em-medicina.shtmlr>. Acesso em: 8 ago. 2018.

[78] Ver diário - dia 30/05 (página 122).

para não envolver a contração de mais trabalhadores, como por exemplo, nos estabelecimentos comerciais, até nos pequenos, há máquinas no qual você faz o pagamento. Para além disso há

Quadro 3 - Trabalhadores por setor em Akiruno - 2015

Primário	**628**	**Terciário**	**23 449**
Agricultura	581	Infraestrutura	134
Silvicultura	43	Telecomunicação	737
Pesca	4	Transporte/correio	1 594
Secundário	**7906**	Comércio (atacado e varejo)	4 927
Mineração	9	Financeiro / Seguro	524
Construção	2 667	Imobiliário / Goods rental?	702
Manufatura	5 230	Pesquisa acadêmica	971
		Rede hoteleira	1 840
		Entretenimento	1 409
		Educação / suporte aprendizado	1 578
		Serviços médicos / bem estar social	5 006
		Serviços compostos	306
		Miscelânea de serviços	2 327
		Serviços governamentais	1 394
		Inclassificável	2 719

Fonte: AKIRUNO (Cidade). Disponível em: < http://honyaku.j-server.com/LUCAKIRUNO/cdata/lucakiruno0_jaen.html>.

também uma mentalidade que ajuda a poupar trabalho, se você experimentou uma roupa e não gostou, você deve colocá-la no lugar de que retirou: se você mudou de ideia sobre um produto na fila do supermercado, você deve devolver o produto em seu devido lugar; se você produziu um lixo, você deve descartar seguindo minuciosamente o manual, isso significa lavar, cortar, retirar a embalagem, etc[79].

Há também um outro trabalho difícil de ser mensurado, pois ocorre em pequena escala e pela população já aposentada. A pequena plantação, tão comum no Japão, mesmo que venha perdendo espaço pela falta de tempo ou de interesse das novas gerações, continua parte da vida da população idosa. Essa falta de interesse segue a mudança de comportamento trazida pelo mundo moderno. Os jovens, hoje em dia, preferem buscar emprego nas cidades mais urbanizadas, morar em apartamentos próximos às estações de trem, o que causa o aumento do preço da moradia nesses

[79] Ver diário - dia 16/02 (página 106).

lugares e deixa um vazio de população jovem nas áreas mais interioranas. As pequenas plantações, adjuntas às casas, são cuidadas principalmente por idosos. Em Akiruno há pequenas plantações de milho em toda cidade. Dos dados que podemos mensurar sobre Akiruno, na agricultura, 58,5% dos trabalhadores tinha mais do que 65 anos em 2015[80].

O setor terciário é o que mais emprega na região como um todo, principalmente no comércio e nos serviços médicos e de bem estar social. O número do emprego na manufatura e na construção também são altos. Há de se lembrar que Akiruno também é uma região turística com diversos lugares recreativos como montanhas e áreas de campings e de churrasco perto do rio, além das tradicionais águas termais e um grande parque de diversão.

Em 2000, havia 418 residentes estrangeiros na cidade de Akiruno, passando para 572 em 2015. Embora o número de estrangeiros venha crescendo, Akiruno não é uma cidade com muitos estrangeiros. A média de aproximadamente 500 residentes estrangeiros é composta principalmente por coreanos e chineses, além de alguns poucos estadunidenses, que lá residem devido à proximidade com base área desse país, localizada em Fussa[81]. Diferentemente de andar em outras áreas de Tóquio, onde você se depara constantemente com estrangeiros (pincipalmente turistas, mas também moradores), Akiruno parece se manter essencialmente japonesa. É claro que nas áreas mais turísticas há a presença de alguns estrangeiros. No entanto, mesmo nessas áreas, o turismo é basicamente direcionado aos japoneses, e embora haja uma visível tentativa de tornar o local mais conhecido por estrangeiros como algumas placas em inglês, todo o resto continua sendo somente em japonês, o que dificulta o acesso e até o conhecimento de quem não tem o domínio da língua japonesa.

4.3 O cotidiano japonês no Japão

O florescimento das flores de cerejeira marca o fim do ano escolar. O momento é único e intensamente vivido aparentemente pela maioria dos japoneses. As cidades de repente são tomadas pelas cerejeiras 桜 [sakura][82]. As cerejeiras não só tornaram-se o símbolo do Japão, como também são fontes de metáforas, devido à sua beleza e efemeridade. O florescimento dura cerca de uma

---

[80] AKIRUNO (Cidade). Disponível em: < http://honyaku.j-server.com/LUCAKIRUNO/cdata/lucakiruno0_jaen.html>. Acesso em: 19 set. 2019.

[81] AKIRUNO (Cidade). Disponível em: < http://honyaku.j-server.com/LUCAKIRUNO/cdata/lucakiruno0_jaen.html>. Acesso em: 19 set. 2019.

[82] Cerejeira.

semana, e, em geral, junto com as centenas de flores no chão, tem-se o começo do ano letivo, bem como o do ano fiscal japonês, aproximadamente no começo de abril. Esse simbolismo que a cerejeira carrega é demonstrada no espaço, pois está presente no entorno de qualquer escola pública, ou de qualquer prédio público, como o da prefeitura por exemplo. O calendário escolar é dividido em três períodos, sendo o primeiro período de abril ao final de julho, interrompido pelas férias de verão de seis semanas; o segundo período de setembro a meados de dezembro, tendo o seu fim com o começo das férias de inverno (duas semanas); e o terceiro período ocorrendo de janeiro a março, e tem o seu fim com as férias de primavera (duas semanas) que se dá um pouco antes do florescimento das cerejeiras e do começo do novo ano.

O aluno deve frequentar a escola conforme a área em que vive, pelo menos até o ensino fundamental II. Para o ensino médio, o aluno poderá escolher a escola em que quer fazer o teste de entrada, é praticamente um vestibular. Assim como os alunos, as escolas são classificadas. Fazendo com que o aluno escolha uma escola conforme suas notas. Inclusive, é muito comum cursinhos para a preparação para esse teste. Se o estudante não atingir o resultado da escola em que escolheu, ele terá que ir para uma escola particular, ou esperar o ano seguinte para realizar o teste novamente, mas essa não é uma opção muito comum, pois ficar um ano atrás do "seu grupo" trará consequências irreversíveis para o seu futuro, bem como para o seu psicológico. Na cidade de Akiruno há 10 escolas de ensino fundamental I, 6 de ensino fundamental II, e 2 de ensino médio. Além dessas públicas, há também algumas escolas particulares.

As escolas públicas no Japão seguem uma incrível uniformidade em muitos aspectos. A primeira é certamente na arquitetura, praticamente todo colégio público no Japão tem a mesma forma, a mesma estrutura em concreto formando a letra V cortando as janelas, a mesma cor, o mesmo pátio de terra batida, a mesma entrada, a mesma sapateira, os mesmo utensílios escolares, etc. Os colégios construídos recentemente têm um desenho levemente diferente, carregando em estilo mais moderno, mas basicamente mantêm a mesma ideia de arquitetura. O número de estudantes varia de acordo com a região, em Akiruno há basicamente dois tamanhos de escolas fundamentais II, as menores com 200 alunos e maiores com 400 alunos. Há também escolas que foram fechadas pela falta de alunos.

A escola teoricamente vive aberta, qualquer um pode entrar e sair a hora que quiser. É estimulante constatar a viabilidade disso, principalmente para quem viveu uma vida inteira em escolas trancafiadas. No entanto, não haver muros e fechaduras não faz com que os alunos saiam da escola, pois além da responsabilidade social que já carregam, há a vigilância constante da

comunidade. Talvez a escola não tenha fechaduras porque os alunos já interiorizaram o confinamento, não sendo uma questão.

Ao entrar na escola não há recepção, ou secretária, e mesmo que haja, não há ninguém para "te atender" como geralmente acontece nas escolas no Brasil. Embora não seja difícil encontrar

Quadro 4 - Horário do Ensino Fundamental II

Início das Atividades	8:30
Reunião Matinal	8:30 - 8:40
1ª aula	8:50 - 9:40
2ª aula	9:50 - 10:40
3ª aula	10:50 - 11:40
4ª aula	11:50 - 12:40
Merenda	12:40 - 13:10
Intervalo	13:10 - 13:30
5ª aula	13:35 - 14:25
6ª aula	14:35 - 15:25
Limpeza	15:25 - 16:10
Treino (bukatsu)	-

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

alguém para perguntar alguma informação, ou ir direto para a sala dos professores para falar diretamente com algum professor ou com o vice-diretor. Como quase em todo lugar no Japão, o trabalho é poupado de toda forma. No geral, há duas entradas, uma para os estudantes e uma outra para professores, pais e visitantes. Ao abrir a porta haverá um pequeno degrau que significa que você deve retirar os sapatos usados na rua e colocar os sapatos internos. Os professores e funcionários deixam seus sapatos internos na "sapateira", assim como os alunos, já os visitantes podem pegar uma pantufa emprestada.

As aulas têm início às 8:50. No entanto, o aluno tem que estar na escola diariamente um pouco antes das 8:30, pois há uma reunião matinal antes do período de aula para anotar a presença dos alunos e passar informes. Cada professor é responsável por uma sala. Há quatro aulas antes do almoço, havendo pequenos intervalos de 10 minutos entre essas aulas. Quando finda a quarta aula, os alunos movem rapidamente as carteiras para fazer da sala de aula um "refeitório", a merenda é servida pelos próprios alunos que têm 30 minutos para servirem uns aos outros, comerem e limparem a sala. Depois do almoço, há um pequeno intervalo que será acompanhado de mais duas aulas. Com o fim das aulas, há a limpeza geral da escola, sendo essa prática realizada desde o

ensino fundamental I. Depois disso, os estudantes partem para os clubes de que participam chamados de 部活[83] [bukatsu]. Mesmo que os clubes não sejam obrigatórios, é quase que uma regra social fazer parte desse. O que faz com que o aluno praticamente passe o dia na escola. Há uma gama de opções de clubes como esportivos, literários, culturais etc. Porém, a grande maioria dos estudantes se dedicam aos treinos esportivos ou musicais. Se não for pelo gosto pela atividade, pode ser pela tentativa de fazer parte de um grupo, sendo uma questão de sobrevivência na escola japonesa. Mesmo que haja no total 10 semanas de férias, essas são sempre acompanhadas de tarefas, trabalhos escolares, relatórios e treinos dos clubes[84]. Anualmente há cerimônia de ingresso e de encerramento (formatura), além de excursões e treinos de sobrevivência em caso de desastres naturais. Há também entrevista com os pais, reuniões, visita dos pais à escola, e visita dos professores à casa dos alunos, além das atividades constantes da associação de pais e mestres. Como pode se imaginar, espera-se que os pais participem com afinco das atividades escolares, principalmente as mães.

A imagem que temos do Japão nos leva a pensar que tudo é tecnológico, inclusive dentro da escola. Mas por incrível que pareça, as escolas são extremamente simples. A estrutura é bastante similar com a de qualquer escola pública na cidade de São Paulo. No entanto, a precarização não é o tom, embora os problemas também sejam constante já que a estrutura da escola no geral é antiga. Porém, mesmo contando com uma simples estrutura, há uma rapidez impressionante na resolução dos problemas[85]. Além de diversas utensílios simples que facilitam a vida como um “segurador” de giz, um limpador de apagador, ou ainda um mobiliário que permite uma organização minuciosa dos documentos, entre outros.

Ao entrar na sala dos professores, há diferenças substanciais. A primeira certamente é a própria organização da sala. Ao invés de uma mesa grande para reuniões, a sala dos professores, em geral, segue o modelo de um escritório, com uma mesa individual ao lado da outra. No extremo da sala, estão as cadeiras do diretor e do vice-diretor, e do secretário se houver. O diretor tem uma sala à parte, só ocupando a sala de professores durante as reuniões e outras poucas eventualidades. Em

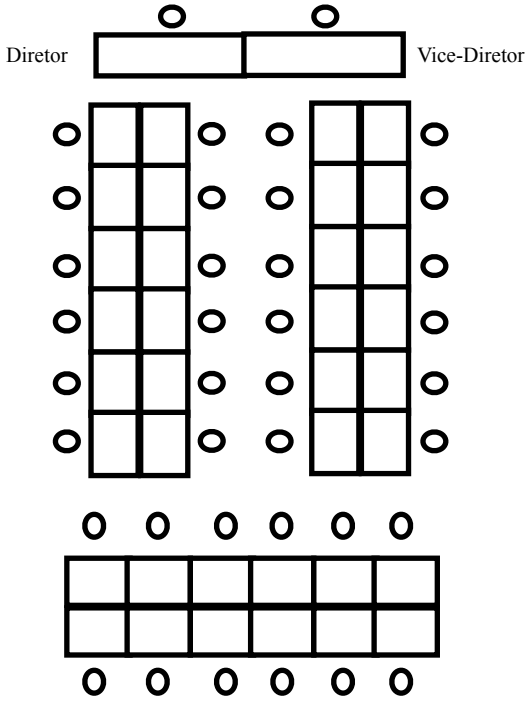
---

[83] 部: seção, agência, departamento, classe, cópia, parte, contador para cópias de um jornal ou revista. 活: animada, ressuscitação, ser ajudado, viver.

[84] Ipc Digital.O sistema educacional do Japão: tudo que você precisa saber. Disponível em: <https://https://ipc.digital/o-sistema-educacional-do-japao-tudo-o-que-voce-precisa-saber/>. Acesso em: 18 out. 2019.

[85] Ver diário - dia 04/07 (página 126).

Figura 22 : Organização da sala dos professores



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

sua frente estão todos os professores, o que lhes dá uma visão privilegiada do espaço. Parece que essa seja uma organização do mobiliário comum no Japão, sendo o mesmo encontrado na prefeitura de Tachikawa[86]. Assim, o controle é permanente, e feito por todos.

O sinal também serve para os professores. O primeiro sinal bate às 8:09. Na sala dos professores, quando o sinal das 8:15 bate, subitamente todos os professores se levantam e dão bom dia fazendo reverência. Cada dia um professor conduz a reunião que não pode se alongar muito, já que os professores devem seguir para as salas de aula para verificar a presença dos estudantes. Então os recados e problemas são dados de formas diretas, rápidas, sem discussão, mesmo que eles perguntem ao seus pares se essa resolução é boa ou não, eu nunca ouvi uma única resposta negativa. E mesmo nessa rapidez, a fala é carregada de polidez. Depois dessa reunião, há uma outra em pequenos grupos. O grupo, no geral, contem um professor de cada área. Aliás, é exatamente assim que as mesas dos professores são dispostas. 8:30: o terceiro sinal bate e os professores, que ainda não haviam saído da sala, saem apressadamente para conferir a presença dos estudantes, cada professor confere a sala cujo qual é responsável. Depois de alguns minutos os professores voltam, ligam para os alunos ausentes, marcam em uma pequena lousa o motivo, pegam os materiais e partem novamente para a sala de aula. Os professores chegam na sala de aula antes do sinal bater,

[86] Ver diário - dia 01/02 (página 98).

colocam seus materiais sob a mesa, e esperam o sinal tocar. Quando o sinal bate, subitamente todos os alunos se levantam, o aluno responsável então fala 礼[87] [rei], assim eles fazem reverência ao professor e falam “por favor" em japonês; quando a aula termina, o mesmo acontece: o sinal de que a aula acabou se mistura com a movimentação dos alunos, que repentinamente se levantam, arrumam a cadeira, e falam “muito obrigado” em japonês. Nas aulas de inglês com os professores mais novos, eles esperam a ordem do professor para se levantar, e respondem em inglês frases como “bom dia”, “como estão?”, e depois no final da aula a mesma cena se repete, mas com palavras de despedida “como obrigado”, “tchau” e “até mais” em inglês. Eu não preciso falar que tudo isso é falado de uma forma polida, mesmo em inglês há o uso do pronome de tratamento “senhor(a)”, ou “senhorita”. O ato de levantar não é simplesmente levantar, é estar em ordem, então eles rapidamente colocam as cadeiras dentro das carteiras e se posicionam rigidamente, com as mãos endurecidas, como soldados. Aliás, é muito frequente os professores corrigirem a postura dos alunos, mesmo os professores mais novos.

Professor em japonês é 先生[88] [sensei]. Só pelo kanji podemos observar a imagem que os professores tem no Japão. No entanto, a vida do professor no Japão também parece não ser nada fácil. Na sala dos professores, os professores parecem estar sempre ocupados. Correndo de lá para cá entre as aulas, atividades dos clubes, tarefas a serem corrigidas e burocracias a serem resolvidas. Os professores, no geral, fazem horas extras todos os dias, e mesmo sendo uma profissão muito respeitada no Japão, não recebem por essas horas adicionais. Eles recebem apenas para trabalharem das 8:15 até às 17:30, embora façam no mínimo 3 horas extras todos os dias, havendo fases em que 5 horas extras se tornam rotina. Para além disso, são responsáveis também pela condução dos clubes dos estudantes, o que significa que têm que trabalhar praticamente todos os sábados. A sobrecarga faz com que os professores não tenham tempo de leitura, muito menos de ócio.

À primeira vista, a vida de qualquer criança no Japão parece um sonho. A liberdade com que as crianças andam sozinhas na rua, a segurança em frequentar quase que qualquer espaço da cidade sem um adulto, as inúmeras opções de lazer incluíndo uma vida próxima à natureza mesmo para aqueles que moram em grandes centros urbanos, etc. Mas se olharmos mais atentamente perceberemos que ser criança no Japão não é uma tarefa fácil, já que com o passar dos anos as responsabilidades crescem abruptamente e aquela liberdade de um dia para o outro torna-se apenas um sonho distante. Embora universalizar esse processo seja perder um pouco da pluralidade, é

---

[87] 礼: saudação, reverência, cerimônia, obrigado, remuneração

[88] 先: antes, à frente, anterior, futuro, precedência. 生: vida, genuíno, nascimento.

também necessária para entendermos a educação e a sociedade de uma maneira geral. Algumas circunstâncias saltam à vista, outras são mais subterrâneas. Primeiramente, é inegável que a criança no Japão ainda hoje carrega uma liberdade impressionante, pelo menos até a entrada no ensino fundamental I. Benedict, que escreve o livro na época da guerra, afirma que:

> Exceto nas classes superiores, as crianças não esperam ir para a escola antes de brincar à vontade com as outras crianças da vizinhança. Nas aldeias organizam pequenas turmas para brincadeiras antes dos três anos e mesmo em cidades grandes e pequenas brincam com assustadora liberdade, entrando e saindo de veículos em ruas movimentadas. São seres privilegiados. Espairecem pelas lojas, ouvindo as conversas dos adultos, jogando amarelinha ou hand-ball. Juntam-se para brincar no santuário da aldeia, seguros sob a proteção do seu espírito padroeiro. Meninos e meninas brincam juntos até irem para a escola e por dois ou três anos mais, no entanto os laços mais estreitos costumam estabelecer-se entre crianças do mesmo sexo e especialmente da mesma idade (BENEDICT, 1972, p. 226).

Acreditamos que essa imensa liberdade não ocorre da mesma forma em que ocorria quando a autora escreveu, porém, ainda hoje, as crianças japonesas parecem usufruirem dessa liberdade ao andarem sozinhas ou em grupo de crianças pela cidade. Após o término da aula, parece que a cidade pertence às crianças. É possível ver crianças, em especial do fundamental I[89], brincando nos parques, caminhando em grupos, rindo, andando de bicicleta, correndo pela cidade. É certo que não é mais tão comum ver crianças menores de 6 anos de idade andando sozinhas, pois hoje os pais são mais temerosos quanto aos desconhecidos. Esse novo modo de viver da criança japonesa, que ainda guarda em certo modo o antigo, é também decorrente do processo de urbanização que fez com as vilas tornassem-se cidades, reduzindo assim o espaço livre das vilas para ruas movimentadas. Essa liberdade em brincar à vontade na rua vem sendo substituída pelas aulas de kumon, inglês, música, e pela própria tecnologia dentro de casa, etc. Se os pais trabalham, as crianças frequentam as creches ou jardins de infância. Se um dos pais não trabalha, no geral a mãe, ela a levará para esses diversos cursos. Mantendo a criança, praticamente desde o nascimento, ocupada[90].

Essa liberdade ainda presente na infância é totalmente podada até o terceiro ano do ensino fundamental I, fase em que a criança se torna representante da família, portanto não pode mais manter certos comportamentos de "criança" para a sociedade japonesa como o individualismo. Mesmo antes dessa fase decisiva, as crianças já são ensinadas a manterem-se longe de situações embaraçosas; principalmente se tais ações afetarem a imagem de sua família. É claro que essa pressão social carregará inúmeras consequências. Assim, juntamente com matemática, japonês,

---

[89] Porque elas ainda não se dedicam aos clubes.

[90] Ver diário - dia 20/07 (página 114).

educação física, a criança terá aula de moral e depois de ética. Assim, muito prematuramente ela deve reconhecer a sua dívida para com os país e com o mundo, passando ao papel de devedor, que deve pagar o que deve (BENEDICT, 1972). Essa piedade filial, que já foi discutida anteriormente, é trabalhada na escola para manter-se parte inerente da sociedade japonesa, e assim os ensinamentos confucionistas seguem como norma.

Já foi dito aqui que a hierarquia é um dos pilares da sociedade japonesa. É interessante notar que essa relação começa antes da escola, em casa e com os amigos da vizinhança. No entanto, a escola tem um papel fundamental nesse processo. O sistema calouro-veterano começa no primeiro dia em que as crianças colocam os pés na escola. Por ser o mais novo da cadeia elementar, você deve tratar com respeito todos que estão acima de você. Aliás, eles chamam freqüentemente seus veteranos de *senpai*[91], como se fosse um título conquistado. Somente entre os alunos do mesmo ano é possível uma relação de igualdade. É claro que no ensino fundamental I essa relação ainda não têm a conotação tão forte que assumirá com o tempo. Essa composição não significa também um abuso de poder, embora possa estar presente, mas que há uma hierarquia estabelecida, estimulada, e certamente coercitiva.

Para além disso, e aí há uma outra diferença de como o mundo japonês era na época em que Benedict escreveu e hoje em dia, há a privação dos adultos no mundo da criança, e vice-versa. Se antigamente, a criança vivia "metida" no mundo dos adultos, essa fluidez não é mais tão presente. Não se conhece mais a vizinhança como se conhecia, como os idosos ainda a conhecem. Hoje em dia, os jovens evitam cada vez mais conversar com desconhecidos, incluindo seus vizinhos. Nenhum adulto pode conversar com uma criança, mesmo que essa pareça precisar de ajuda. Ainda que haja uma troca de presente com os vizinhos quando alguém se muda para um novo local, essa troca não permanece eternamente, como se dá entre os mais velhos que carregam diversos significados nos presentes[92]. No entanto, há de se notar que comparada à São Paulo, em Tóquio ainda há o sentido da comunidade, a formação de grupos comunitários ainda é uma realidade, seja pela idade, pela vizinhança, pela atividade. É comum a junção da comunidade inteira seja em eventos festivos, como os festivais de verão, seja em momentos catastróficos, como os terremotos e a passagem de tufões.

Embora a autoridade dos professores e dos pais pareça ser imensamente maior no Japão, se comparado ao Brasil, há tanto aqui quanto lá, o sentimento de perda de autoridade em relação ao passado. Por outro lado, há muitas vezes uma autoridade do grupo que torna-se perceptível não só

[91] Veterano em japonês.

[92] Ver diário - dia 05/04 (página 111).

pelo elogio de uma sociedade em grupo, mas porque muitas crianças ficam parte considerável do dia somente com outras crianças. Muitos pais têm que fazer longas horas no trabalho, o que deixa o convívio com os filhos em segundo plano. Essa é uma das ideias-base de Hannah Arendt (1961) para explicar a crise na educação. Para a autora, a autoridade de um grupo é sempre mais forte e tirânica do que a autoridade de um indivíduo.

> Emancipada face à autoridade dos adultos, a criança não foi portanto libertada mas antes submetida a uma autoridade muito mais feroz e verdadeiramente tirânica: a tirania da maioria. Em qualquer caso, o que daí resulta é que as crianças são, por assim dizer, banidas do mundo dos adultos. Elas ficam, ou entregues a si mesmas, ou à tirania do seu grupo, grupo contra o qual, tendo em vista a sua superioridade numérica, se não podem revoltar; grupo com o qual, porque são crianças, não podem discutir; enfim, grupo do qual não podem escapar-se para qualquer outro mundo porque o mundo dos adultos lhes está vedado (ARENDT, 1961, p.6).

Como consequência, segundo a autora, há o conformismo ou a delinquência juvenil, ou a mistura dos dois. No mundo japonês parece que a delinquência juvenil será geralmente esmorecida pela autoridade que a escola ainda detém, mas o conformismo talvez se projete para a vida. Não é que não exista delinquência juvenil, há formação de gangues que geralmente começam no ensino médio, mas geralmente ela é desmantelada com a entrada do jovem no mundo do trabalho.

Por fim, mas não menos importante, a sociedade meritocrática que tem seu início com abolição das castas sociais no Japão, é extremamente incentivada na escola. O ranqueamento é cotidiano, pois são as notas escolares que levarão o aluno para um futuro promissor, ou não. É claro que o problema da meritocracia não é exclusivo da sociedade japonesa. Mas aqui, ela ganha um contorno diferente, pois a sociedade parece extremamente homogênea, incluindo na distribuição de renda. Porém, uma em cada 6 crianças no Japão vive na pobreza, sendo o mais baixo índice de um país membro da OECD (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Essa alta taxa é mantida pela diferença na educação, pois as famílias com mais condições econômicas pagam cursinhos para seus filhos para entrarem em um bom ensino médio e posteriormente em uma boa universidade, sem falar nas aulas de kumon, inglês, música, etc. que esses alunos têm desde a primeira infância. O que não ocorre com as crianças provenientes das famílias com menor poder aquisitivo, condenando essas crianças a uma vida de trabalho mal remunerado[93], formando um ciclo vicioso.

---

[93] HAGIWARA, Yuki. No Japão, 1 em cada 6 crianças vive na pobreza, colocando em risco a educação e o futuro. Disponível em: < https://www.japantimes.co.jp/news/2015/09/10/national/social-issues/one-six-japanese-children-live-poverty-threatening-education-future/#.XYGYxS35SqQ>. Acesso em: 15 ago. 2019 (título original: In Japan, 1 in 6 children lives in poverty, putting education, future at stake).

A escola no Japão parece ter claro o seu papel de transmissão de valores, mesmo que mudanças sejam feitas, como por exemplo a importância que o inglês passa a ter na sociedade atual, a escola trabalha incessantemente na criação (ou manutenção) de mulheres e homens "ideais". Para se tornar esse humano ideal, os estudantes devem empregar todo o seu tempo em alguma atividade, seja no estudo, na atividade física, na música, ou em qualquer outra atividade. Esse ideal é certamente exaustivo tanto para os professores, quanto para os estudantes que têm que manter um alto padrão que por fim tem como pressuposto a continuidade da sociedade tal qual ela é. Por outro lado, o aprendizado na escola pública japonesa vai além dos livros, o que os permite não só ter um conhecimento mais concreto de como o mundo funciona, mas também em pensar diferentes caminhos para o seu futuro, algumas vezes sem incluir a universidade como horizonte. É claro que essa só é uma possibilidade porque trata-se de uma país com uma renda mínima alta. Além disso, o pensamento de que com o esforço próprio tudo é possível também faz com o leque de opções seja maior. Por mais problemático que esse pensamento possa se ser, é também estimulante ver crianças tão dedicadas no aprendizado de algo. Por fim, mas não menos importante, apesar de todos os pesares, as crianças continuam sendo crianças, fazendo da escola tanto aqui quanto lá, um espaço também de descontração.

Meus planos

- Assim que me formar, vou entrar em um trabalho fixo e ajuntar dinheiro
- Ir para o Brasil (conhecer) e tenho uma promessa.
- Com o meu dinheiro, quero ajudar meus pais, para eles terem uma vida mais calma.
- Quero me formar em alguma área com desenho (desenho gráfico
- Tirar carta e comprar meu carrinho placa amarela.

Para que os objetivos de agora possam dar certo, há um longo caminho. Vou ficar muito feliz se eu consegui realizá-los, pois sempre gostei muito de estudar e a faculdade vai ser uma fase muito importante para mim e para meus pais e se eles orgulharem, já será o maior sucesso que eu possa ter.

As vezes fico em dúvida se volto para o Brasil e faço faculdade lá, ou se eu fico por aqui mesmo. O que mais me "impede" de voltar para lá é o fato de não querer deixar algumas pessoas que eu gosto muito, incluindo meus pais e amigos, porque eu sei que o plano deles é continuar aqui.

Um dia encontrei um vídeo que falava sobre bloqueio criativo e perfeição. Nessa hora entendi que sempre vamos encontrar defeitos em quase tudo que fizermos. Então do que apenas se desesperar e sempre tentar criar algo perfeito. Seria melhor tentar aprender com os erros.

Conhecer lugares, culturas, línguas diferentes é uma das coisas que mais gosto, talvez seja isso que eu quero fazer mais para frente.

Após um tempo trabalhando no Japão pretendo conseguir fazer uma renda no Brasil para em seguida estudar algum tema voltado para as mais carentes para em fim me juntar a alguma ONG.

Outra certeza é que vou fazer a faculdade de nutrição no Brasil. Na verdade eu gostaria de fazer aqui no Japão, porque eu gosto muito da cultura, da língua, da segurança e minha família mora no Japão. Mas não tem faculdade de nutrição no Japão.

esse sonho de forma "planejado".
Sinta que sonho "demais" tipo: sonho com uma equipe eu até mesmo um studio contando muitas histórias mas aí que vem o problema eu acho que não me dedico o suficiente.

P.S
desculpo se fico depressiva ou pessimista de mais.

- Desde quando eu era pequeno nunca me senti bem no meu país,
  Por causa da corrupção e desonestidade, então decidi me mudar para o Japão tentar a vida aqui.
- Sempre pensava que nasci no país errado e concordo com isso até hoje, quando cheguei no Japão, percebi o quanto sou igual a eles, sempre demonstrando empatia, submissão, honestidade, disciplina e organizado, pelo ao contrario do Brasil onde quase todos são quase opostos a isso.

5.1 A migração

O debate sobre a migração é antigo e vasto, mas passa sempre por novas análises que se dão a partir de novas conjunturas, especialmente em momentos de crise. Diversas áreas tentam debruçar-se sobre esse fenômeno que atinge consideravelmente grande parte da população mundial. Segundo o relatório sobre migrações da Organização das Nações Unidas (ONU) foi estimado que em 2017 havia cerca de 258 milhões de migrantes no mundo[94]. Segundo o Organização Internacional para as Migrações (OIM), há diversos tipos de migrações, por exemplo, a ambiental; a com fins de instalação; a de curta duração; a de longa duração; a com documentos; a por motivos econômico; a em situação irregular; a ilegal; a indocumentada; a qualificada; a rural; a urbano urbano-rural e a com laços ancestrais. Ainda segundo a OIM, não há uma definição universalmente aceita de quem seja o migrante, mas em geral, o termo migrante compreende:

> (…) todos os casos em que a decisão de migrar é livremente tomada pelo indivíduo em questão, por razões de "conveniência pessoal" e sem a intervenção de factores externos que o forcem a tal. Em consequência, este termo aplica-se, às pessoas e membros da família que se deslocam para outro país ou região a fim de melhorar as suas condições materiais, sociais e possibilidades e as das suas famílias. [95]

Embora seja compreensível que a OIM necessite definir o que é ser migrante nesses termos, essa "liberdade" que diz-se autônoma esconde algumas imposições. Discurso esse que esteve presente em todo o debate clássico sobre migrações e continua vivo até hoje, colocando a decisão de migrar sob um ato de caráter individual. Soares (2003) afirma que as teorias clássicas ao centrarem a análise nas motivações individuais, não entendiam a migração como um fenômeno social. Nos dias de hoje, essa corrente ainda se atualiza ao afirmar que os indivíduos migram por livre escolha, por vontade própria, enxergando a industrialização, a modernização e a urbanização como forças positivas, e por isso atrativas. Existindo, portanto, espaços com uma pulsão positiva, e outros com uma pulsão negativa. Podemos analisar claramente no caso do Japão, que embora haja uma mistificação quanto a volta à "terra de origem", é definitivamente a ordem econômica que faz com que tantos brasileiros cruzem o globo terrestre em busca de melhores condições de vida, tanto é, que a migração entre Brasil e Japão é intensificada durante os períodos de crise.

---

[94] ONU. Organização Internacional para as Migrações. Relatório Internacional sobre a migração, 2017. Disponível em: <http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/docs/MigrationReport2017.pdf>. Acesso em: 10 out. 2017.

[95] Organização Internacional para as Migrações (ONU). Glossário sobre Migração. Disponível em: < http://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf >. Acesso em: 20 ago. 2019.

Segundo Olga Becker, a migração "pode ser definida como mobilidade espacial da população. Sendo um mecanismo de deslocamento populacional, reflete mudanças nas relações entre as pessoas (relações de produção) e entre essas e seu ambiente físico" (1997, p. 323). Colocar no centro do debate a mobilidade forçada do trabalho e as relações de produção faz parte do enfoque marxista. A necessidade de migrar partiria da valorização do capital e não do indivíduo. Portanto, a metodologia deveria ser a análise histórico-estrutural das migrações, já que o processo é global. Gaudemar (1977) afirma que comparado aos modos de produção anteriores, pode parecer que há no capitalismo uma mobilidade do trabalho. No entanto, essa "liberdade" só é possível de portar-se como mobilidade, se colocada em comparação com a rigidez das estruturas feudais, onde a imobilidade do trabalho era regra. Desse modo, essa "liberdade" que o capitalismo traria estaria apenas na emancipação de modos de produção anteriores.

Portanto, o capitalismo não seria a emancipação do trabalho, e sim uma nova forma de dominação, que transforma a força de trabalho, ou seja, o humano, em uma simples mercadoria, fazendo com que a própria relação social de produção assuma a forma de um objeto de tal maneira que as relações das pessoas em seu trabalho se apresenta como sendo um relacionamento de coisas consigo mesmas e de coisas com pessoas, assim se dá a coisificação da vida, ou seja, assim os indivíduos são também colocados no processo de circulação de mercadorias.

Essa "liberdade" que o mundo capitalista simula, consiste na disposição da força de trabalho, fazendo essa equivaler-se a uma mercadoria. Segundo Gaudemar, seguindo a tese marxista, o homem foi completamente destituído do que era necessário para a realização da sua força de trabalho, restando apenas a sua força de trabalho como fonte de sobrevivência. Esse homem não pode ter qualquer outra mercadoria para vender; e é assim que torna-se "livre de tudo". Portanto, a força de trabalho deve ser livre sob dois aspectos. De um lado, há uma liberdade positiva, por essa força pertencer ao trabalhador. Do outro, porém, o trabalhador não tem outra opção que não vender a sua força de trabalho, já que essa se torna essencial para a sua sobrevivência, ou seja, essa liberdade só pode configurar-se enquanto negativa. Por isso, essa "liberdade", que o capitalismo se vangloria tanto de ter trazido ao mundo, deve ser colocada entre aspas.

> A mobilidade da força de trabalho é assim introduzida, em primeiro lugar, como a condição de exercício da sua 'liberdade' de se deixar sujeitar ao capital, de se tornar a mercadoria cujo consumo criará o valor e assim produzirá o capital. (…) A relação entre a mobilidade e a 'liberdade' da força de trabalho pode ser ainda precisada. No seu aspecto positivo, a "liberdade" conduz à possibilidade do trabalhador escolher o seu trabalho e o local onde exercê-lo; no seu aspecto negativo, ela conduz às exigências do capital e ao seu poder de

> despedir em qualquer altura um trabalhador, ou de transformar o seu trabalho assim como as condições em que ele o exerce. Em ambos os casos, a força de trabalho deve ser móvel, isto é, capaz de manter os locais preparados pelo capital, quer tenham sido escolhidos quer impostos; móvel, que dizer apta para as deslocações e modificações do seu emprego, no limite, tão diferente ao conteúdo do seu emprego como o capital o é de onde investe, desde que o lucro extraído seja satisfatório (GAUDEMAR, 1977, p. 190).

No entanto, não basta que sejamos "livres" para podermos vender a nossa força de trabalho, ou seja, não basta que que sejamos despossuídos dos meios de produção, temos também que estar aptos a vendê-la em qualquer lugar onde o capital queira. Gaudemar (1977) ainda afirmará que a mobilidade do trabalho trará uma outra implicação: a indiferença completa em relação à natureza particular do processo de trabalho de que se apropria. E quanto mais o trabalhador for indiferente, tanto mais fluída e intensa será a migração do capital de um ramo de produção para outro. Portanto, para o autor, a mobilidade da força do trabalho é a condição fundamental para "o exercício da sua 'liberdade' de se deixar sujeitar ao capital, de se tornar mercadoria cujo consumo criará o valor e assim produzirá o capital"[96]. Assim, chegamos ao caso em questão, que tem por início o final do século XIX.

O movimento entre Japão e Brasil

A grande migração que hoje ocorre do Brasil para o Japão é em grande parte processo de uma outra migração que iniciou-se formalmente em 1908, do Japão para o Brasil. Como já vimos anteriormente, a era Meiji foi a grande propulsora da modernidade no Japão, fomentando a industrialização e a urbanização em grande escala. Isso não quer dizer que a tensão demográfica e a falta de alimentos tivessem sido solucionadas, como podemos ver pelo seguinte relato:

> Não se encontrava emprego em lugar nenhum. Os rapazes recém-formados nas faculdades de Tokyo vinham até Kiryu a procura de qualquer serviço. Até a vaga de carteiro, cuja exigência era somente o diploma de primário e o salário de apenas 28 yens, era disputada por numerosos candidatos. Meu pai conseguiu milagrosamente um emprego na prefeitura, através de um amigo, com um salário de 42 yens. Comparado com o salário comum de 30 yens, era razoavelmente bom: mas sustentar onze pessoas e pagar aluguel era dificílimo (…) O aluguel era de 10 yens, e um saco de arroz que era consumido em um mês custava 12 yens, apenas com 20 yens que sobravam, era preciso comer e vestir, até pagar o médico ou comprar os remédios necessários. Uma vida apertada que praticamente não havia solução. Meu pai deve ter pensado muito, até que enfim ele encontrou a única saída, imigrar para o Brasil (MK, p. 44, apud SAKURAI, 1993, p. 49)

[96] GAUDEMAR, 1977, pp. 189, 190.

A pobreza principalmente da população rural ainda era um motivo de apreensão para o governo. Uma das soluções encontradas para dissipar esse problema foi a emigração como podemos ver pela propaganda abaixo (figura 24). Mais uma vez, não era uma decisão individual, mesmo que alguns relatos se coloquem enquanto tal.

Figura 23 - Propaganda para a emigração para o Brasil

Fonte:http://lemad.fflch.usp.br/

Na imagem podemos ver um homem com um instrumento de trabalho na mão, carregando sua família nos braços, apontando com a outra mão o Brasil. Nota-se que os únicos países que estão identificados são Brasil e Peru, que também teve uma imigração considerável de japoneses. Atrás lê-se "Vamos com a família para a América do Sul". As propagandas da época faziam você acreditar que ficaria rico no Brasil, e que assim poderia voltar para o Japão com uma vida muito melhor. Observa-se também que o trabalho esperado era braçal, e o público alvo da propaganda era o homem japonês. O Brasil necessitava de mão-de-obra para a lavoura. Essa necessidade era na verdade dos latifundiários europeus que já não podiam mais escravizar com tanta facilidade os africanos e seus descendentes (escravizados até o século XIX).

> (…) as classes dominante tomaram providências de ordem legal para encaminhar o processo de substituição de escravo sem prejuízo para a economia da grande lavoura, principalmente café e cana. Tais medidas se concretizaram na Lei de Terras, não por coincidência promulgada no mesmo ano de 1850. Tal lei instituía um novo regime fundiário para substituir o regime de sesmarias suspenso em julho de 1822 e não mais restaurado. Nesse meio tempo, ter-se-ia multiplicado o número de posseiros em todo o país. A Lei de Terras proibia a abertura de novas posses, estabelecendo que ficavam proibidas as aquisições de terras devolutas por outro título que não fosse o de compra.(...) a Lei de

> Terras transformava as terras devolutas em monopólio de Estado e Estado controlado por uma forte classe e fazendeiros (MARTINS,1995, p. 41, 42).

Embora a Lei de Terras já representasse a vitória definitiva dos latifundiários no Brasil, demorou quase que mais quatro décadas para que enfim houvesse a abolição da escravatura no Brasil. No entanto, mesmo antes de 1888, algumas leis já acobertavam a responsabilidade dos senhores de escravos, como por exemplo a Lei do Ventre Livre de 1871 e a Lei dos Sexagenários de 1885, que só "libertavam" as crianças e os idosos, reduzindo os custos para esses senhores de terra. Deixando essa população sem a devida reparação histórica. Com o fim da escravidão, tem-se também o começo de uma política de eugenia social embasadas nas teorias de raças. As elites começaram a pensar em políticas públicas para o embranquecimento do país, onde os asiáticos não se encaixavam bem no papel. Porém, com a negação de outros países, como a do governo italiano em 1902, que proibiu a imigração subsidiada pelo governo do Estado de São Paulo, a imigração japonesa tornou-se "aceitável" para a elite brasileira.

> Os "amarelos", isto é, os asiáticos, não condiziam com os ideais da construção da identidade nacional brasileira, que era baseada na política de embranquecimento, embora eles tenham sido vistos como uma alternativa para compor a mão-de-obra e atender à demanda na lavoura cafeeira (Sasaki Pinheiro, 2009, p. 83).

Cabe ressaltar que a migração japonesa para o Brasil não estava a princípio nos planos do governo japonês também. Os primeiros diálogos entre o governo japonês e brasileiro datam de 1892, e têm como resultado a assinatura do Tratado de Amizade Comércio e Navegação entre Brasil e Japão em 1895. Em 1897, a representação diplomática japonesa chega em Petrópolis (RJ) e relata que "o Brasil não é um lugar onde os japoneses possam se dirigir"[97]. O Brasil só passa a ser uma opção quando os outros países começam a barrar os japoneses como consequência da mesma política de embranquecimento social. Assim, a imigração é limitada no Havaí, com a anexação dos EUA em 1898; e começa a sofrer restrições a partir de 1901 na Austrália e na Nova Zelândia. Já havia uma imigração para o Peru, e em 1908 ocorre o início oficial da imigração japonesa no Brasil. O primeiro navio, chamado 笠戸 丸[98][kasato-maru], partiu do Porto de Kobe (baía de Osaka), trazendo 781 imigrantes japoneses para o porto de Santos (SP). Em 1914, o governo do Estado de São Paulo comunicou a suspensão do subsídio de despesas de viagem para os imigrantes japoneses a partir do ano seguinte; o que fez com que a partir de 1925 o governo japonês passasse a custear a

---

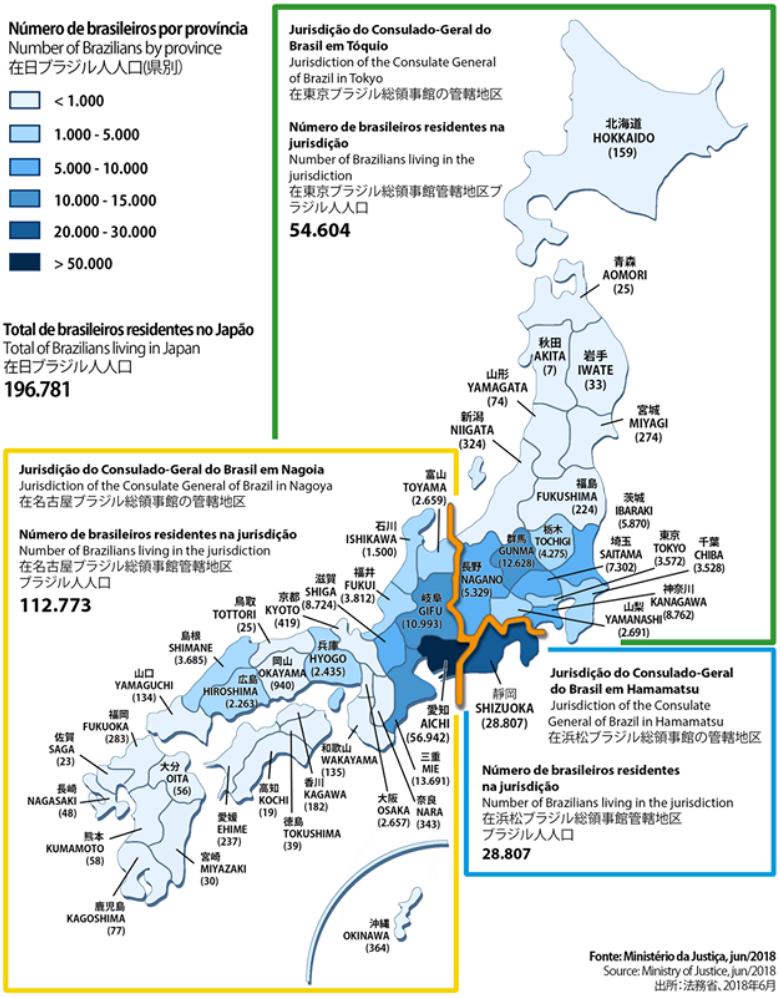
[97] SASAKI PINHEIRO, 2009, p. 540.

[98] 笠: chapéu de bambu, a influência de alguém. 戸: porta, balcão para casas, porta (radical). 丸: 1. círculo; 2. totalidade; todo; cheio; completo; 3. dinheiro; massa; 4. recinto dentro das muralhas de um castelo; 5. tartaruga de casca mole dialeto de Kansai; 6. sufixo para nomes de navios; sufixo para nomes de pessoas (especialmente bebês); sufixo para nomes de espadas, armaduras, instrumentos musicais; sufixo para nomes de cães, cavalos, etc.

viagem de todos os imigrantes japoneses para o Brasil. Até 1933 havia 24.493 imigrantes japoneses no Brasil (SASAKI PINHEIRO, 2009).

Há inúmeros estudos sobre essas migrações, sobre os japoneses no Brasil, suas trajetórias, como se estabeleceram no Brasil, como foi viver no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, como foi ficar definitivamente no Brasil, etc; bem como sobre a migração relativamente recente para o Japão. Não entraremos nos detalhes, mas é interessante como de alguma forma a história acaba se repetindo, como veremos a seguir.

Figura 24. - Brasileiros no Japão



Fonte: http://nagoia.itamaraty.gov.br/pt-br/informacoes_uteis.xml

Segundo os dados do IBGE - que não são suficientes - em 2010, houve a contagem de aproximadamente 500 mil pessoas morando fora do Brasil. Entre esses, o Japão ocupava a 4º posição na emigração de brasileiros (7,4%), ficando apenas atrás dos Estados Unidos, Portugal e Espanha. Cabe ainda ressaltar que dessa emigração, os Estados de São Paulo e do Paraná eram os

maiores propulsores, respectivamente com 20,1% e 15,3% de emigrantes[99]. Já a estimativa de 2018 feita pelo Ministério da Justiça Japonesa, afirma que só no Japão havia 196.781 brasileiros residentes.

Como podemos observar pelo mapa, há uma grande concentração de brasileiros na parte central do Japão. Em especial nas prefeituras de Aichii (56.942 habitantes) e Shizuoka (28.807 habitantes), seguidas de Mie (13.691 habitantes), Gunma (12.628 habitantes) e Gifu (10.993 habitantes). As "cidades brasileiras" situam-se basicamente em áreas industriais, e por detrás de uma fábrica do setor automobilístico, de peças eletrônicas, ou mesmo do setor alimentício, há sempre uma empreiteira. As empreiteiras são as grandes responsáveis pela mediação entre os brasileiros descendentes de japoneses e as fábricas, pois a maioria não fala japonês, ou mesmo que falem, são poucos os que conseguem ler os documentos. É comum que as empreiteiras paguem a passagem aérea, fazendo com que um alto valor seja descontado do salário do imigrante nos meses subsequentes à sua chegada. A empreiteira "arruma" a vida para que quando o imigrante chegue, esteja tudo pronto para começar a trabalhar. É claro que isso terá um alto preço, além de frequentes relatos de propaganda enganosa.

O grande aumento na migração no Japão começou com a mudança na Lei Complementar de Imigração de 1990. Essa reforma foi a responsável pela implementação da política de mão de obra estrangeira, tornando possível a migração dos descendentes japoneses de até terceira geração, bem como de seus cônjuges e filhos. À esses descendentes e suas famílias era concedido o visto de trabalho, juntamente com o status de permanência com validade de até três anos, mas sem limites para renovações (DIAS, 2018). Esse movimento acabou entitulando-se "movimento decasségui" 出稼ぎ[100] [dekassegui], mesmo que o significado do termo em japonês seja o de trabalhar longe de casa, é utilizado pela literatura latino americana para se referir ao movimento migratório do Brasil para o Japão.

Como já debatemos anteriormente, não é uma variável individual que explica a migração. Portanto, não bastar fazermos essa pergunta individualmente, tornando-se necessário analisar o imigração no Japão sob um espectro maior. No entanto, se perguntarmos aos brasileiros residentes no Japão, mesmo que alguns falem sobre a questão da segurança, ou sobre os laços ancestrais, a grande maioria certamente responderá que veio ao Japão motivado pelo fator econômico. No

---

[99] BRASIL. Ministério das relações exteriores. Censo IBGE estima brasileiros no exterior em cerca de 500 mil. Disponível em: < http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/noticias/censo-ibge-estima-brasileiros-no-exterior-em-cerca-de-500-mil/impressao>. Acesso em: 20 nov. 2018.

[100] 出: saída, deixar, sair, colocar para fora, sobressair. 稼: salário, trabalho, ganhar dinheiro. ぎ: hiragana "gi".

princípio da imigração para o Japão, a maioria dos brasileiros queriam juntar dinheiro e voltar para o Brasil. Porém, como relatado em diversas pesquisas e facilmente observável, uma grande parte ficou mais do que o planejado, e muitos acabaram ficando de vez. Nos dias atuais, há uma mudança no discurso, hoje cada vez menos as pessoas falam em voltar para o Brasil. No entanto, essas famílias de descendentes, ao migrarem para o Japão:

> (…) embora etnicamente vinculadas, trazem em suas trajetórias, conscientemente ou não, as marcas decorrentes desses processos – coletivos, mas também individuais – de conformação como brasileiros e minorias étnicas no Brasil. À medida que são migrantes no Japão, também lá são vistos como brasileiros e minorias. Simultaneamente, passam a vivenciar o choque entre as referências culturais, sociais e ideológicas – cultuadas à distância e congeladas no tempo pela memória transmitida por seus ancestrais – e a dinâmica mutável da sociedade. Ou seja, o Japão conhecido pelos migrantes japoneses no Brasil e transmitido para seus descendentes não é, nem poderia ser, o mesmo encontrado pelos migrantes brasileiros, da mesma forma que o Brasil também não será (TONGU, 2010, pp. 28,29).

Esse choque de referência pode ser vivido dramaticamente e será mais discutido posteriormente. Por ora, a mobilidade do trabalho estaria atrelada ao crescimento da indústria japonesa e à falta de mão de obra nesse país. Harvey (2011) afirmará que o processo de acumulação do capital dependerá dos respectivos contextos geográficos, mas que o capitalistas e seus agentes têm papel ativo nessas configurações, umas vez que produzem novos espaços, bem como relações espaciais continuamente. Mas esses não são os únicos nessa produção, o autor afirma que a população mundial vive em uma "expansão perpétua das populações disponíveis tanto como produtores quanto como consumidoras"[101], tornando possível a sobrevivência do capitalismo. Essa população excedente, além de perder os meios de produção, é obrigada a não criar raízes, pois a mobilidade torna-se vital, uma vez que é preciso seguir em busca de emprego, ou melhor dizendo, de sobrevivência.

No caso japonês, os maiores fluxos de imigrantes são chineses, coreanos, vietnamitas, filipinos e brasileiros. Cabe ressaltar que embora cada comunidade estrangeira pareça viver de uma forma diferente no Japão, há quase sempre um tom de precarização do trabalho, com salários por vezes mais baixos do que a média salarial da sociedade japonesa. Muitos trabalhadores estrangeiros, em especial os brasileiros, ocupam o trabalho nas fábricas, assim como os peruanos, filipinos e vietnamitas.

Os chineses e coreanos têm uma facilidade um pouco maior em competir no mercado de trabalho japonês, já que a dificuldade na leitura do japonês parece ser menor para eles, uma vez que

[101] HARVEY, 2011, p. 120.

os chineses também utilizam o kanji (embora com caracteres simplificados, portanto, diferentes), e os coreanos costumavam utilizá-los, ainda sendo presente na sociedade coreana. Há mais chineses e coreanos também nas universidades. O que não quer dizer que todos são bem sucedidos, só que o leque de possibilidades é maior para eles. O mesmo ocorre com os filipinos, mas por motivos diferentes. As escolas nas Filipinas são em inglês, o que os permite serem professores de inglês. Para além disso, há inúmeras empresas que atuam nas Filipinas recrutando jovens recém-formados para o Japão, como enfermeiros, engenheiros, atletas, etc. Porém, mesmo que eles consigam empregos melhores, geralmente, são contratados como assistentes, ao invés do real emprego que exercem, tendo salários e direitos inferiores aos dos nativos. E, é claro, toda comunidade tem seus mercados, restaurantes e alguns pequenos comércios dirigido aos seus conterrâneos.

Como vimos anteriormente, a comunidade brasileira hoje ocupa o 5º lugar no número de estrangeiros no Japão. No entanto, os brasileiros ocupavam continuamente o 3º lugar até que a crise financeira mundial de 2008, iniciada pela explosão da bolha do mercado imobiliário estadunidense, alastrou-se pelo mundo. Na maior parte da Ásia, o problema deu-se pelo colapso dos mercados de exportação (Harvey, 2011). Com a crise, muitos brasileiros perderam repentinamente seus empregos. As fábricas começaram a demitir em massa, e os primeiros as sofrerem as consequências de uma crise que começou tão distante foram os estrangeiros. O que levou centenas de famílias brasileiras à falência, e em muitos casos às ruas, pois os brasileiros que vêm ao Japão, em geral, vêm com um contrato com uma empreiteira que "fornece" além do emprego, uma moradia. Portanto, esses brasileiros ao perderem seus empregos, perderam também suas casas.

Em 2009, o governo japonês criou um subsídio para ajudar os nikkeis[102] e suas famílias a voltarem para o país de origem (300 mil ienes para o titular da família e 200 mil ienes para cada dependente). Em contrapartida, o beneficiário não poderia voltar ao Japão, incialmente por tempo indeterminado, posteriormente firmando-se em três anos. Houve também medida para dar suporte aos que ficaram no Japão, como aulas intensivas de japonês; subsídios de 20 mil ienes para menores de 18 e maiores de 65 anos e de 12 mil ienes para os demais, e de 10 mil para famílias que tenham mais de um filho, desde que o segundo filho tenha nascido entre 02/04/2002 e 01/04/2005 (TONGU, 2010).

Depois da queda brusca de brasileiros vivendo no Japão que o período de crise trouxe, o número de brasileiros voltou a crescer no Japão nos últimos anos. Esse novo aumento se dá novamente pela crise, mas agora no Brasil e consequentemente pela alta taxa de desemprego. Claro

[102] Termo utilizado pela literatura latino americana para designar descendentes de japoneses.

que do outro lado, continua ocorrendo pelo crescimento da indústria japonesa e pela continuidade da falta de mão de obra no país. De 185.967 brasileiros em 2017, esse número cresceu para 196.781 em 2018, e tende a crescer mais se a crise no Brasil permanecer.

5.2 Uma cidade de entrada: Minami-arupusu

A cidade dos Alpes do Sul 南アルプス市[103] [Minami-arupusu-shi] está localizada no sopé da maior cadeia montanhosa do Japão, também com o mesmo nome, que inclui o segundo maior pico do Japão, o monte Kitadake (3.193 metros acima do nível do mar). Com uma área de 264,14 quilômetros quadrados, localiza-se na parte oeste da prefeitura de Yamanashi. Yamanashi localiza-se à oeste das prefeituras de Tóquio e Kanagawa, ao sul da prefeitura de Saitama, ao norte de Shizuoka e à sudeste de Nagano. As árvores frutíferas dão o tom da cidade, e variam conforme a época do ano. Não é à toa que Yamanashi [山梨県] signifique montanha 山 [yama] e pêra japonesa 梨県 [nashi]. Além de ser uma região de pêras, é também uma região conhecida por sua produção de pêssegos, uvas, cerejas e maçãs, sendo cultivado em especial na área em torno do Rio Omewari e nas planícies subsequentes. Além disso, é uma das áreas mais florestadas do Japão (78% de sua área é coberta por florestas). Como consequência de uma vasta área natural, é também destino turístico. Segundo a prefeitura:

> A província de Yamanashi, aproveitando ao máximo suas ricas condições naturais e a proximidade de Tóquio e graças aos esforços incansáveis de seus agricultores e ao desenvolvimento de técnicas avançadas de produção, estabeleceu-se como produtor de uma variedade de frutas, produtos pecuários, verduras, arroz e flores. Sobretudo, as frutas representam mais da metade da produção agrícola bruta da Província. Além disso, Yamanashi é o maior produtor de uvas, pêssegos, ameixas do Japão[104]

É claro que o que nos chama atenção, além da grande produção agrícola, é o seguinte trecho: “graças aos esforços incansáveis de seus agricultores e ao desenvolvimento de técnicas avançadas de produção”[105]. O trabalho extremo é sempre elogiado no Japão, bem como o desenvolvimento da técnica. Não é só o trabalho e a dedicação, são os “esforços incansáveis” da população que fazem a “grandeza” da nação.

---

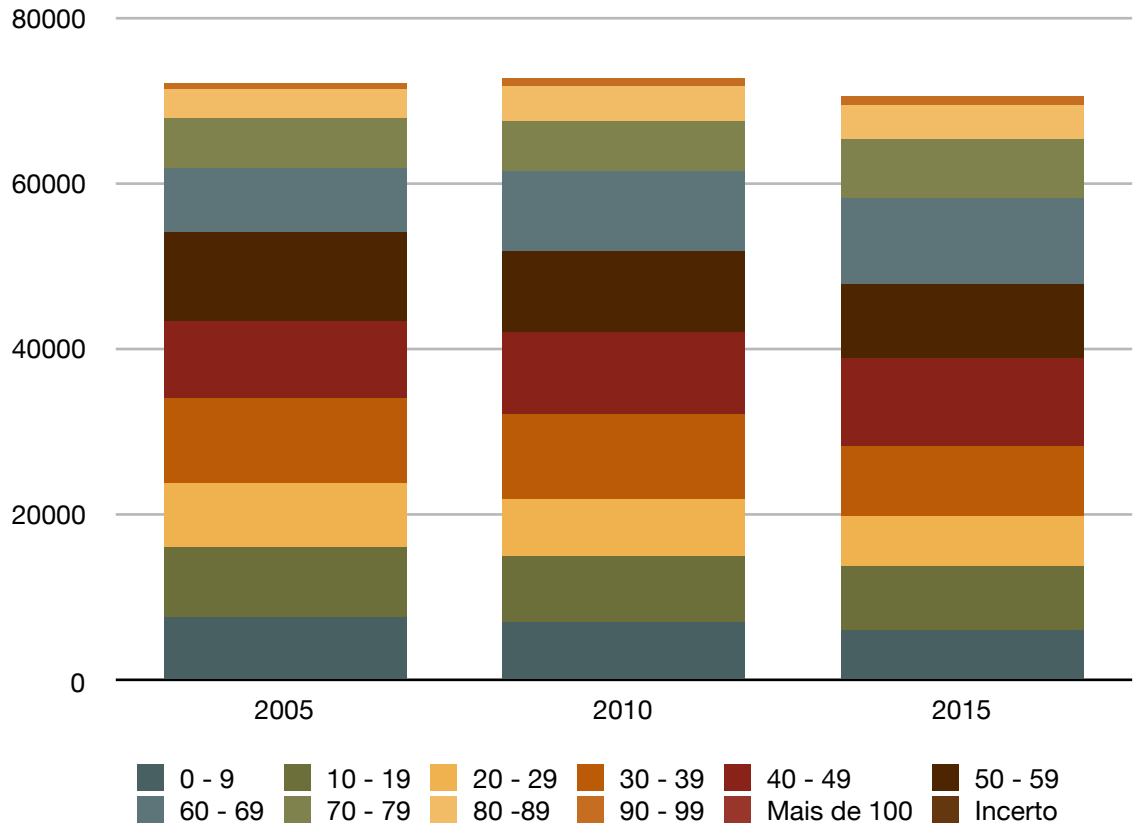
[103] 南: sul. アルプス: katakana “arupusu”. 市: cidade

[104] MINAMI ALPS (cidade). Disponível em: < https://www.city.minami-alps.yamanashi.jp/docs/1782.html>. Acesso em: 20 set. 2019.

[105] Ibidem.

A cidade dos Alpes do Sul contava com uma população de 71.584 em setembro de 2019[106]. Número que já vem caindo há alguns anos e que tem como projeção chegar a 68.778 habitantes em 2020; e 63.640 em 2025[107]. Em 2019, foram registrados 1.020 estrangeiros.

Gráfico 2 - Composição da população da cidade de Minami Alps



Fonte: https://www.city.minami-alps.yamanashi.jp/fs/3/7/3/5/6/_/population_201909.pdf

Assim como em Akiruno, em Minami Alps também já é possível perceber uma redução da população. Essa diminuição se dá principalmente nas primeiras faixas etárias, e é seguida até aos 39 anos. Havendo um pequeno aumento na faixa de 40 a 49 anos, e leve queda na faixa dos 50 aos 59 anos, com um aumento significativo a partir dos 60 anos, principalmente da faixa dos 60 aos 69 anos. Como já discutimos o que está acontecendo com a população japonesa de um modo geral, não há necessidade de explicar os fatores dessa mudança novamente. No entanto, há uma especificidade da região em questão. Enquanto que há um grande número de pessoas que saem para outras áreas mais urbanizadas, há também um grande número de pessoas que vem para Yamanashi depois de se aposentar para ter uma vida mais calma, um pouco mais afastada dos grandes conglomerados

[106] MINAMI ALPS (cidade). Disponível em: < https://www.city.minami-alps.yamanashi.jp/fs/3/7/3/5/6/_/population_201909.pdf>. Acesso em: 20 set. 2019.

[107] Japão. Departamento de Estatística, Ministério de Assuntos Internos e Comunicações. Disponível em: < https://www.e-stat.go.jp/en/regional-statistics/ssdsview>. Acesso em: 20 set. 2019.

urbanos. Isso não quer dizer necessariamente que essa população deixe de trabalhar, pois o ethos do trabalho e a dificuldade de se viver somente com a aposentadoria faz com que os idosos permaneçam no mundo do trabalho "eternamente".

Quadro 5 - Trabalhadores em Minami Alps - 2015

Primário	**3627**	**Terciário**	**21 136**
Agricultura	3 519	Infraestrutura	169
Silvicultura		Telecomunicação	395
Pesca	8	Transporte/correio	1 477
Secundário	**11 429**	Comércio (atacado e varejo)	5 187
Mineração	15	Financeiro / Seguro	623
Construção	2 735	Imobiliário / Goods rental?	336
Manufatura	8 679	Pesquisa acadêmica	728
		Rede hoteleira	1 437
		Entretenimento	1 130
		Educação / suporte aprendizado	1 475
		Serviços médicos / bem estar social	4 397
		Serviços compostos	446
		Miscelânea de serviços	1 594
		Serviços governamentais	1 081
		Inclassificável	661

Fonte: https://www.city.minami-alps.yamanashi.jp/fs/3/7/3/5/6/_/population_201909.pdf

Ao andar pela cidade, as fábricas e as plantações saltam aos olhos, o que faz com que os dados sejam facilmente percebidos. Como podemos observar pela quadro 5, no setor primário há a predominância da agricultura; no secundário, da manufatura; e no terciário, há uma grande variedade de serviços que compõe o maior emprego da região. Se olharmos cada segmento em particular, a manufatura lidera na região (8.679 trabalhadores), seguida do comércio (5.187 trabalhadores), serviços médicos e de bem estar social (4.397 trabalhadores) e da agricultura (3.519).

A região em questão abriga diferentes tipos de indústria. Entre essas, tem-se a produção de joias, vinhos, produtos têxteis, carimbos, papeis washi[108], peças eletrônicas, entre tantas outras. São essas fábricas que contratam empreiteiras para trazerem estrangeiros, pois não há força de trabalho

[108] O *washi* é um papel feito de fibras dos arbustos Kozo, Gampi e Mitsumata, ainda hoje sua produção carrega técnicas milenares.

suficiente na região. Segundo a diretora do colégio brasileiro em Yamanashi, essa é uma região de entrada para os brasileiros, pois as empreiteiras tem contratos com essas pequenas fábricas. No entanto, os brasileiros acabam mudando posteriormente para fábricas maiores com maiores salários, ou para cidades com mais brasileiros, como Hamamatsu ou Nagoya por exemplo em busca de mais serviços em português, importantes principalmente se na família houver crianças.

5.3 O cotidiano brasileiro no Japão

Figura 25 - Escola Brasileira

Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

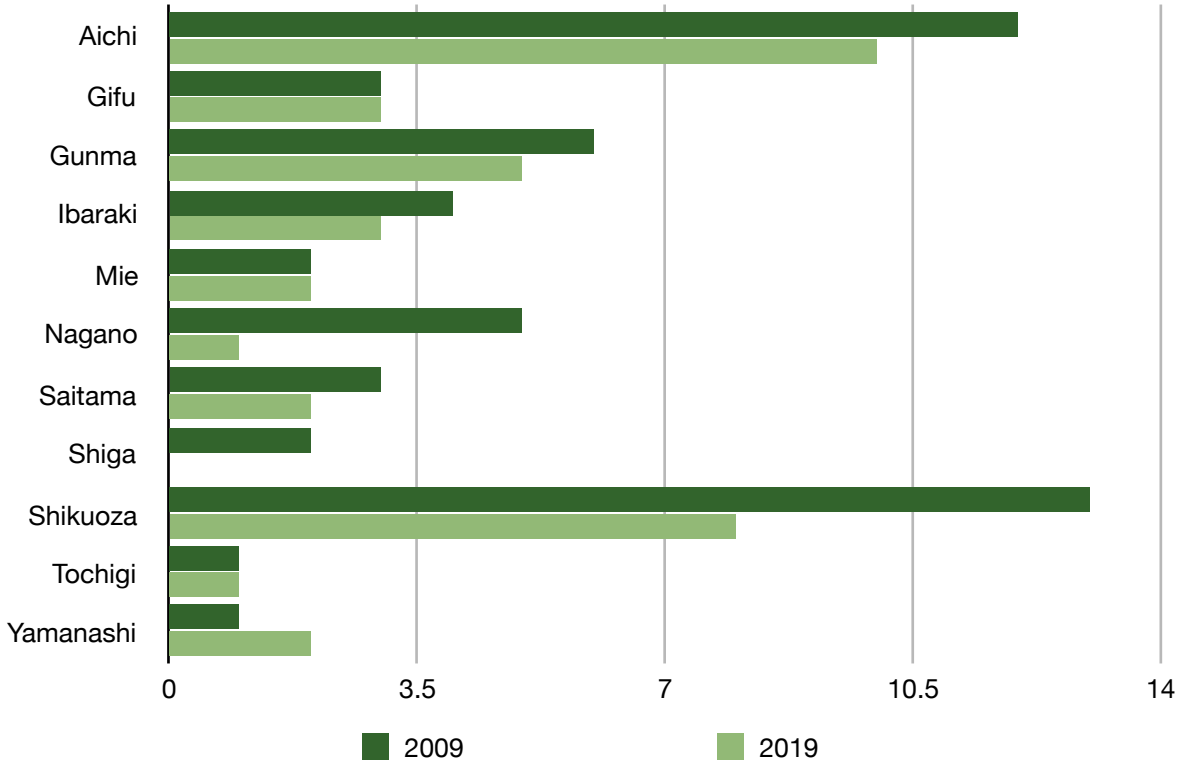
Diferentemente das escolas públicas japonesas, muitas escolas particulares brasileiras seguem o tom do precário. Não é somente pela falta de cerejeiras no entorno, ou de uma plantação mantida pelos alunos na entrada, nem pela falta de uma quadra esportiva, ou de uma piscina, ou mesmo de professores. Acima de todos esses problemas, está a falta de sentido. É claro que podemos falar de uma falta de sentido geral, persistente no mundo em que vivemos, mas a falta aqui vai um pouco além, pois essa é motivada pelo não pertencimento, tornando a criança estrangeira tanto lá, quanto cá. Viver entre dois mundo, sem fazer parte efetivamente de nenhum faz com que as crianças sejam quase que predestinadas a serem eternamente estrangeiras onde quer que estejam. Mesmo para os brasileiros que nasceram no Japão, ou que moram há mais de uma década, mesmo para os que falam japonês, esse desenraizamento permanece. O que não é tão comum em países com uma alta taxa de imigrantes, como é por exemplo o caso dos Estados Unidos ou da Austrália, embora também haja problemas e xenofobia. No Japão, embora o número de imigrantes tenha crescido, bem como o número de turistas, a sociedade continua sendo homogenicamente japonesa. Para ser japonês, não basta ter nascido no Japão, tem que ter "sangue fresco", ou seja, não basta também ser descendente, um dos pais tem que ser japonês[109]. Antigamente a nacionalidade japonesa

[109] FUKUI (prefeitura). Lei da Nacionalidade. Disponível em: < http://info.pref.fukui.jp/kokusai/tagengo/html_p/konnatoki/5kekkon/c_hou/hou.html>. Acesso em: 5 set. 2019.

poderia vir somente do pai, hoje pode vir da também mãe. Mas para além do estrangeiro ser dificilmente considerado parte da sociedade, há um problema à priori: a língua. Já foi comentado a dificuldade do idioma japonês, mas a questão é como que até para brasileiros que nasceram no Japão, ou mesmo os que vivem no Japão há tempos, essa barreira ainda permanece praticamente intransponível, tornando-se a base dos primeiros tijolos que fortalecerá a construção de muralhas.

A estrutura da escola brasileira dependerá do tamanho da comunidade na cidade, do apoio do governo aos estrangeiros e do empenho absurdo de algumas pessoas em fazer com que a escola sobreviva. Nas escolas brasileiras, assim como nas japonesas, os professores têm uma longa jornada de trabalho. Porém, no caso brasileiro, no geral, os professores são realmente mal remunerados. O governo japonês, salvo raras exceções, enxerga as escolas brasileiras como um negócio, sendo difícil conseguir qualquer tipo de auxílio ou subsídio, normalmente concedido à uma escola no Japão. Há algumas escolas que conseguiram ser reconhecidas pelo governo japonês e ganharam o título de miscelânea, facilitando a vida da escola e dos estudantes. Tornando-se a luta de muitas escolas estrangeiras. No entanto, essa ainda não é a realidade da maioria das escolas brasileiras no Japão.

Gráfico 3 - Escolas Brasileiras no Japão



Fonte: http://toquio.itamaraty.gov.br/pt-br/educacao.xml

Segundo os dados do Consulado brasileiro, há 39 escolas homologadas pelo MEC e 12 em processo de homologação em todo o Japão. Como podemos observar pelo gráfico 3, o número de

escolas brasileiras[110] caiu na maioria das províncias. Essa redução deu-se, como já dissemos anteriormente, pela crise financeira de 2008, que fomentou a política financiada pelo governo de volta à casa. A estabilidade econômica que o Brasil passava na época também ajudou nesse movimento, assim como o medo trazido pelo grande terremoto e tsunami que causaram o devastador acidente nuclear de Fukushima[111] em 2011. O Consulado afirma já ter cadastrado mais de 100 escolas em épocas anteriores. Porém, depois que muitos brasileiros voltaram para o Brasil, muitas escolas tiveram que fechar as portas.

Porém, mesmo que o número de escolas tenha diminuído, ainda hoje muitos brasileiros procuram as escolas brasileiras. Ainda que a escola pública japonesa seja gratuita, muitas vezes há outros impeditivos, como por exemplo, quando a família quer voltar ao Brasil; ou quando seus filhos não conseguiram se adaptar por causa do idioma, ou em muitos casos, quando as crianças são vítimas de bullying. Nas escolas particulares brasileiras, o ensino é realizado integralmente em português, e a proposta pedagógica e organização curricular são baseadas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação e nas Diretrizes Curriculares Brasileira, permitindo que os estudantes brasileiros possam continuar os estudos no Brasil, mesmo que poucos o façam.

Na jurisdição de Tóquio há 55.077 brasileiros residentes (referente a junho de 2018, quando a comunidade brasileira no Japão era composta por 196.781 habitantes), segundo o consulado brasileiro. Em todo o Japão o número de crianças e jovens em idade escolar era de 27.629 habitantes em 2017; de 0 a 5 anos, de 12.811. O consulado brasileiro de Tóquio informou[112] que em abril de 2019, havia 7.649 brasileiros na jurisdição que se encontravam em idade escolar (de 6 a 18 anos), e que foram registrados pelo consulado 722 brasileiros matriculados em 11 escolas brasileiras na jurisdição. Entre esses, 227 no ensino fundamental I, 247 no ensino fundamental II e 198 no ensino médio. Ou seja, não sabemos o que acontece com a maior parte das crianças brasileiras residentes na jurisdição de Tóquio. Já informações no site apontam que havia 4.000 alunos em escolas brasileiras no Japão, embora não nos forneça nem a região, muito menos a idade. Lá está também que há 8.779 alunos com dificuldade em escolas japonesas, mas mais uma vez não nos dá a distribuição, nem que tipo de dificuldade esses alunos enfrentam. Mesmo se somarmos os alunos com dificuldades em escolas japonesas com os alunos em escolas brasileiras, chegaríamos apenas a 12.779 estudantes. Portanto, há cerca de 15.000 crianças brasileiras residentes no Japão que não

[110] Cabe ressaltar que nem toda escola brasileira representada no gráfico é homologada pelo governo brasileiro, embora seja o caso da maioria.

[111] Fukushima localiza-se na região de Tôhoku.

[112] Informações obtidas por e-mail. Levantamento realizado pelo Consulado em abril de 2019.

aparecem nas estatísticas. Infelizmente, a falta de dados não nos deixa ver o real tamanho do problema, não torna impossível também algumas digressões. Segundo o parecer do próprio governo brasileiro, em vistoria à essas escolas em 1999, afirma que:

> As escolas brasileiras, como instituições particulares, são em muitos casos inacessíveis economicamente para muitas famílias de brasileiros no Japão. Por outro lado, muitas famílias de brasileiros resistem a enviar seus filhos para a escola japonesa. Tal combinação, além de outras questões que serão explanadas, tem feito persistir a realidade de que muitas crianças e adolescentes brasileiros no Japão continuam fora da escola. Nesse sentido, faz-se necessária a realização de estudos que possibilitem compreender melhor os motivos geradores e intrínsecos que conduzem a tal situação (Parecer CNE/CEB nº 11, 07/07/1999).

O credenciamento do MEC das escolas brasileiras no Japão começou há mais de 20 anos e desde essa época é perceptível um grande número de crianças brasileiras fora da escola. O documento também abordará as condições inapropriadas das escolas, tanto pelo espaço físico, quanto pela sobrecarga dos professores. Para conseguirmos entender a situação brasileira no Japão, analisaremos uma escola que não foge à regra. Escola essa que nasceu como uma filial de uma grande instituição e que quase fechou as portas com a crise de 2008. No entanto, as professoras que lá trabalhavam decidiram manter a escola para não deixarem as crianças desamparadas. A escola que já contou com mais de 150 estudantes, hoje atende uma pequena comunidade de brasileiros, menos de 50 alunos.

O espaço em questão só deixou de ser fábrica com o nascimento da escola, mas a aparência ainda é auto-evidente. As professoras que assumiram a escola ficaram meses sem receber salário e até hoje não recebem uma salário digno, tendo em vista tudo o que fazem pela escola. A escola só tem uma entrada, e lá há um estacionamento com cerca de 10 vagas. A porta fica fechada. Alguém de dentro tem que abrir o portão para o visitante. O primeiro espaço, que daria para ser um pátio interno está sem as lâmpadas para economizar energia. Como consequência, torna-se um lugar de passagem. O ensino fundamental é o que possui mais alunos, mas há também ensino infantil e médio. As classes são multisseriadas, ou seja, há uma única sala para o ensino infantil, outra para o fundamental e uma terceira para o médio. No ensino médio, os alunos do 1º, 2º e 3º ano têm aula conjuntamente. Algumas das aulas são feitas pela internet porque não há professores.

A escola brasileira segue as comemorações festivas do Brasil, mas o calendário japonês. Além disso, o horário também é diferente, as aulas começam às 7:30 e vão até 12:00, o horário de almoço é do 12:00 ao 12:30 (os estudantes trazem marmita), depois disso eles seguem estudando até às 14:30. Assim como na escola japonesa, eles fazem a limpeza da escola. As professoras que fazem o transporte de absolutamente todos os alunos, já que os pais têm longas jornadas de trabalho e que

os estudantes brasileiros não são tão acostumados a andarem sozinhos como os estudantes japoneses. Os estudantes brasileiros percebem facilmente o peso das responsabilidades que os estudantes japoneses têm, mas não enxergam que há também uma certa liberdade nisso. Até os alunos que não moram muito longe preferem pagar pelo transporte. Sendo portanto o oposto da escola japonesa, pois nessa, os alunos são obrigados a irem e voltarem sozinhos ou em grupo. A presença dos pais é veementemente proibida, pois a independência da criança é um processo essencial. Quando a escola japonesa é um pouco mais afastada, é permitido que o aluno vá de bicicleta, mas de qualquer forma é necessário conversar na escola para saber como o aluno deve proceder. Somente no colegial os estudantes japoneses, no geral, passam a pegar o trem.

Pensando na vida das crianças brasileiras há diversos barreiras a serem enfrentadas. Primeiramente, o sistema público de ensino é obrigatório para os japoneses até o ensino fundamental II e garantido como direito aos estrangeiros[113]. Talvez, seja justamente a não obrigatoriedade que faz com que tantos estrangeiros estejam fora da escola. O ensino na escola pública ocorre totalmente em japonês. Os alunos entram na série conforme a idade, sem preparo algum, e praticamente não há reprovação para que o grupo se mantenha o mesmo durante toda a vida escolar. Não há reprovação, mas há um grande teste na vida escolar de todo aluno no Japão: o teste de admissão para o ensino médio. Embora não seja necessariamente um empecilho na vida dos estudantes japoneses, uma vez que geralmente eles têm uma vida de preparo, pois além do treino feito durante todo o ensino fundamental, e do cursinho, os pais geralmente se preparam financeiramente para uma eventual contrapartida, é comum guardarem dinheiro desde que a criança nasce, tanto para o ensino médio, quanto para a universidade. Portanto, embora seja visto como uma derrota não passar no teste de admissão, os alunos japoneses podem continuar em uma escola privada, mesmo com o seu alto custo.

No caso dos estrangeiros, o teste de admissão tem "uma avaliação a mais", pois não avalia somente os conhecimentos, mas a compreensão da própria língua japonesa. Isso quer dizer que enquanto para os alunos japoneses, o teste serve para avaliar conteúdo, para os estrangeiros serve para verificar se o aluno conhece os termos desse conteúdo em japonês. Como consequência, mesmo que muitos estrangeiros frequentem o ensino fundamental I e II na escola japonesa, muitos não conseguem passar no exame de admissão para o ensino médio e acabam deixando a escola, pois muitos pais estrangeiros não se preparam financeiramente para essa eventualidade, algumas vezes por desconhecimento, outras pela falta de costume em poupar um valor tão alto por tanto tempo,

---

[113] EMBAIXADA DO JAPÃO NO BRASIL. Artigo 26 da Constituição Japonesa. Disponível em: < https://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/constituicao.html>. Acesso em: 20 out. 2017.

mas a maioria pela falta de dinheiro para guardar. O aluno, sem muita perspectiva, tem a opção de fazer o ensino médio por correspondência, ou parar os estudos como é o caso de uma grande parte.

No geral, os brasileiros começam a trabalhar assim que chegam no Japão. Mas antes devem ir na prefeitura da cidade em que vão morar, pois são obrigados a fazer o registro de morador. Esse é o momento em que eles podem inscrever as crianças na escola. Assim, a criança também mal se recuperam da viagem e já começa uma vida nova, sem preparo algum. Na escola japonesa, ela será colocada na série conforme sua idade, pouco importando se sabe ou não falar japonês. Em cidades onde há bastante estrangeiros, as escolas contam com a ajuda de interpretes e aulas de reforço na parte da tarde. No entanto, há diversas escolas que não estão preparas para receberem estrangeiros, deixando os pais e o próprio aluno com uma comunicação um tanto quanto precária. Com o tempo, muitos professores acabam colocando os alunos estrangeiros nas salas especiais por não conseguirem, obviamente, acompanhar a turma. Essas salas são destinadas aos alunos que têm dificuldades no aprendizado. Inclusive, muitas vezes acabam considerando os estrangeiros autistas, mesmo sem o devido diagnóstico. Na maioria das vezes, as crianças não conseguem acompanhar o ritmo da sala por não deterem o domínio da língua japonesa. Ainda não há muitas pesquisas sobre o tema, embora apareça constantemente na mídia brasileira no Japão. O grande problema dessa atitude é que os estudantes brasileiros, e outros estrangeiros, ao serem colocados nessas salas especiais, raramente conseguem voltar para as classes normais, pois o ensino ocorre muito mais lentamente. Trazendo problemas concretos para o seu futuro, pois além do abalo na auto-estima e da falta de pertencimento à um grupo, esse ato impactará decisivamente o futuro dessa criança, em especial ao tentar entrar em uma universidade. Há ainda muitos casos, em que os estrangeiros são colocados nessas classes por não se comportam como japoneses, ou seja, quando levantam muito da cadeira, não respeitam as normas, conversam demasiadamente, isso pode acontecer também com os japoneses. Pela frequência em que essa ação ocorre, parece fazer parte de uma política para não ter que lidar com o problema das crianças estrangeiras, e talvez com qualquer aluno que não seja tão disciplinado. Um diretor de uma escola pública japonesa falou recentemente em uma entrevista que "quando o número de estrangeiros aumenta em uma classe, o progresso de aprendizado dos estudantes japoneses fica atrasado. Na medida do possível, os estudantes estrangeiros devem ir às classes especiais para serem ensinados individualmente."[114] Ele não quer dizer necessariamente que o nível intelectual das crianças brasileiras seja inferior, embora deixe possível essa interpretação,

---

[114] PROJETO KAERU. Alunos brasileiros são colocados em classes especiais no Japão sem conhecimento dos pais. Disponível em: < https://projetokaeru.org.br/2019/09/09/alunos-brasileiros-sao-colocados-em-classes-especiais-no-japao-sem-conhecimento-dos-pais/?fbclid=IwAR34WdGw9z-vchdnHf5Q6qN3_wIuhcTJlXVwGDW6oQc-T7LMML5fnZPnjWM>. Acesso em: 20 dez. 1999.

mas que ele no mínimo considera perda de tempo ter que ensinar aos estrangeiros o que todo japonês já sabe: a língua.

Nas cidades com mais estrangeiros, há a possibilidade de intérpretes na escola, há também aulas de japonês oferecidas gratuitamente por voluntários; além de intérpretes voluntários que podem auxiliar nas consultas médicas, nos problemas jurídicos e em qualquer problema cotidiano que surgir, mesmo que sem garantia, pois trata-se de voluntários. Porém, mesmo quando há ajuda do governo, de voluntários e da escola, os problemas enfrentados pelas crianças brasileiras não são poucos, pois além da barreira linguística, há os diversos códigos sociais que também não são nada fáceis de serem desvendados. Se já é difícil para um adulto entender como proceder no dia a dia no Japão, imagina para uma criança que está começando a entender como a sociedade em que nasceu funciona e de repente é colocada em um mundo completamente diferente do que estava sendo preparada para viver. Ou ainda, como aprender essas normas sem ninguém para explicá-las? Pois muitas vezes nem os pais as conhecem, e mesmo que as conheçam, não têm o devido tempo para explicá-las aos filhos. Como viver entre esses dois mundos, com regras tão distintas, entre o abismo das duas normas, algumas vezes entre idas e vindas (pois muitas famílias vivem no movimento pendular entre Brasil e Japão), e na maioria das vezes sem muito preparo. A grande dificuldade de se viver na sociedade japonesa gera diferentes respostas.

> Nesse ambiente, a interculturalidade acontece naturalmente nas situações de contato com os moradores locais e com outros imigrantes, porém é necessário ressaltar que ainda há os que preferem, por comodismo, dificuldades e/ou estímulos externos, permanecer distantes dessas trocas, num contexto sociocultural bem delimitado, normalmente dentro da comunidade brasileira, ou em alguns casos, na própria comunidade japonesa local; mas em ambas as situações a característica marcante é a tendência de ficarem longe das fronteiras da diversidade (DIAS, 2017, p. 609).

Qualquer mudança é sempre desafiadora, mas para as crianças que pouco puderam optar nesse movimento migratório, justamente por serem crianças, pode ser traumático. Segundo Dias (2017), "muitos outros sofreram ou ainda sofrem com os processos de mudanças que muitas vezes culminam em crise de identidade"[115]. É verdade que dependendo da idade, a criança pode ter mais facilidade para aprender uma nova língua. Por isso, quando os filhos são pequenos, a maioria dos pais brasileiros preferem colocá-las na escola japonesa. Porém, para as crianças mais velhas, onde todos os seus novos colegas de sala já têm o domínio da linguagem japonesa e das regras sociais, atravessar as "fronteiras culturais e sociais" significa definitivamente arriscar-se, sem falar no grande esforço em tentar aprender uma nova língua e um mundo que ainda tão pouco conhece.

---

[115] Dias, 2015, pp. 79-80.

Os pais, conscientemente ou não, arriscam seus filhos, uma vez que os tiram de sua zona de conforto, e os colocam em um mundo novo onde não manejam a linguagem, muito menos as regras sociais. Por isso, muitos pais preferem colocar seus filhos em escolas brasileiras, pois mesmo que provavelmente não aprenderão japonês, o que limitará bastante suas vidas no Japão, ao menos não serão expostas ou constrangidas socialmente. Portanto, muitas vezes para se proteger[116], as pessoas se fecham dentro da comunidade e acabam construindo muros cada vez mais altos.

> Observando o cotidiano escolar e a vida diária de estudantes japoneses e, em particular, de filhos de brasileiros que vivem no Japão, constata-se que os mesmos estão expostos a um contexto repleto de fronteiras invisíveis. Essas fronteiras podem ser interpretadas como portas abertas para novos ambientes, novas experiências, novas conquistas; mas também podem ser transformadas em muralhas que garantem a proteção do indivíduo dando-lhe uma garantia de estabilidade, ou seja, uma permanência na sua zona de conforto. A tomada de consciência e, consequentemente, a ação de cruzar as fronteiras ou ficar estático diante delas depende, entre outras coisas, do nível de autoestima de cada pessoa, da sua capacidade de lidar com situações de risco e aceitar as diferenças (DIAS, 2017, p. 609).

É esperado que os adultos se arrisquem, e que estejam dispostos a tentarem ultrapassar essas barreiras, afinal foram eles que decidiram migrar, mas é injusto cobrar esse risco das crianças. Muitas vezes por não falarem japonês, ou por não saberem os códigos sociais, a etiqueta, ou simplesmente por serem diferentes, as crianças estrangeiras sofrem bullying. Há um ditado popular no Japão que diz que "se há um prego torto, a gente martela pra ficar igual", ou seja, a uniformidade ainda é o ideal social da sociedade japonesa, fazendo com que o estrangeiro cause um distúrbio nessa "harmonia social" aos olhos japoneses. O que torna a situação diferente do caso em que Arendt (1961) analisou nos Estados Unidos da América, onde o imigrante era a nova ordem do mundo, pois representava a abolição do mundo velho[117]. No Japão, parece não haver uma vontade política de se criar um mundo novo com os imigrantes de que o país tanto necessita, embora haja mudanças graduais, inclusive comportamentais. Enfim, o bullying não é empregado exclusivamente aos estrangeiros, mas, infelizmente essa é uma narrativa comum, sendo uma das principais causa de suicídio infantil no Japão, especialmente na faixa dos 10 aos 14 anos de idade[118]. O bullying é muitas vezes praticado inclusive pelo professor, e infelizmente só torna-se público quando já é tarde de mais.

---

[116] Ver diário - dia 08/06 (página 113).

[117] É claro que a situação norte americana não é mais a mesma.

[118] ALTERNATIVA. Suicídio se torna a principal causa de morte entre crianças de 10 a 14 anos no Japão. Disponível em: < http://www.alternativa.co.jp/Noticia/View/79825/Suicidio-se-torna-a-principal-causa-de-morte-entre-criancas-de-10-a-14-anos-no-Japao>. Acesso em: 23 mar. 2019.

A educação no Japão que deveria preparar a criança para o mundo, independente de sua nacionalidade, a prepara para viver em um mundo de iguais. Do outro lado, os diferentes, nós brasileiros, no geral, possuímos pouco domínio do idioma japonês, e em alguns casos do próprio português, o que torna essa muralha difícil de ser ultrapassada. Situação essa que deixa os brasileiros no Japão parte de uma certa marginalização social, seja pela língua, ou pela falta de estudo. Tudo parece ser montado, consciente ou inconscientemente, para que os filhos de brasileiros continuem repondo o trabalho de seus pais, ou seja, o trabalho de baixa qualificação de que o Japão precisa.

No entanto, apesar de todos os contratempos, sacrifícios e muralhar, os brasileiros no Japão estão finalmente conseguindo desviar um pouco do caminho da fábrica e superar algumas barreiras. Mesmo sem tantas oportunidades, mesmo que ainda quase não haja política efetiva do governo[119], mesmo que a educação venha falhando, sempre haverá alguns pontos fora da curva. E se alguns brasileiros da atual geração já conseguem escolher um pouco mais o seu próprio caminho, as gerações futuras certamente desfrutarão um caminho menos árido.

[119] Recentemente o governo está tentando pensar um pouco mais nas questões dos imigrantes. Veremos nos próximos anos quais serão os resultados dessa nova fase.

6. Diário de Campo

6.1 Primeira parte: primeiras impressões

31/01

Começou uma nova jornada. Ainda não a sinto, embora o dia já tenha raiado. Enfim chegou o dia de mudar não só para o outro lado do planeta, mas também toda minha vivência. Hoje estou deixando para trás não só minha família e meus amigos, mas o mundo que conheço, que sei lidar. Ainda pouco sei do mundo que virá.

01/02

No dia seguinte à minha chegada, eu e o Kenji - meu companheiro - fomos resolver as coisas burocráticas. No meu primeiro dia tive também que ir ao hospital. Como eu ainda não tinha plano de saúde, nem o status de residente, eles nos permitiram fazer a consulta e levar os papeis posteriormente. Assim, fui atendida em um hospital perto da estação de Tachikawa.

Meu sobrenome é uma grande questão aqui. Aparentemente todos os japoneses têm apenas um sobrenome (que vem do pai). Eu tenho três (um de minha mãe, que veio do meu avô) e dois do meu pai. No final, acaba sendo os nomes que vieram dos homens da família, mas fico feliz que carrego o nome que também passou pela minha mãe. Eles colocaram no cartão somente o meu primeiro sobrenome. No hospital, qualquer um pode ser atendido e pagar o preço normal, mas os japoneses, no geral, pagam 30% das consultas, pois ou têm convênio da empresa, ou têm subsídio do governo. A consulta foi rápida, mas a médica falou bastante sobre cuidados e tratamentos, diferentemente da médica que eu havia passado no dia anterior em São Paulo, que em menos de um minuto já me receitou anti-inflamatório e me deu tchau. De aparência, os hospitais são simples, cara comum de hospital público. No entanto, eles têm instrumentos e jeitos que eu nunca havia visto. Alguns tecnológicos, outros só para trazer mais conforto e agilidade.

Fomos para a prefeitura de Tachikawa registrar minha residência. Na repartição pública, o espaço de atendimento era enorme e tudo aberto. É possível ver as pessoas trabalhando até o final do espaço. Assim que eles fazem o cartão de residência no aeroporto, você tem 14 dias pra registrar onde vai morar. Se eu me mudar, preciso voltar aqui para avisar da mudança e ir na nova prefeitura fazer o registro de entrada. Todos os atendentes sempre são muito simpáticos, tentando ajudar muito além do que pedimos. Se você perguntar uma coisa sobre o formulário, eles te ajudarão a preenchê-

lo inteiramente. Muitas vezes, mesmo sem perguntar, eles tentam te auxiliar. Não há atendimento sem ser em japonês. O Kenji teve que fazer tudo pra mim. Eu imagino a dificuldade dos imigrantes sem ajuda e sem saberem falar japonês.

No meio do estabelecimento, enquanto aguardamos o nosso número, há uma TV ligada passava coisas sobre comida. Os japoneses realmente parecem ser fascinados pela culinária. Boa parte da vida japonesa parece ser sobre alimentação, em especial sobre como ser saudável.

03/02

Hoje fomos uma clínica de manhã. O Kenji tinha hora marcada. Acho que não demorou nem 20 minutos lá. As clínicas aqui tem *reviews* na internet. Ele escolheu a clínica pela reputação. Depois fomos mais uma vez para a prefeitura de Tachikawa pois nos esquecemos de um documento. Mas dessa vez, como era só um documento, fomos a um estabelecimento menor, integrado com a estação de Tachikawa. Mais uma vez eles nos explicaram como preencher o documento inteiro. O que me deixou intrigada se eles são muito prestativos, ou se os documentos é que são muito complicados. O atendimento é impressionantemente rápido, mesmo nos sábados de manhã. Você mal pega o número é já é chamado. Das duas vezes, gastamos cerca de 15 minutos, incluído o preenchimento do formulário e o pagamento.

04/02

Estamos morando com os meus sogros até nos mudarmos. Hoje fomos à imobiliária acertar tudo. Havia cerca de 5 atendentes, dois quais três estavam desocupados, mas mesmo assim eles fizeram uma ligação pela internet com um outro atendente. Não sei exatamente o porquê, talvez para gravar. O senhor explicou para o Kenji linha por linha do contrato. Acho que assinar um documento aqui se dá de uma forma muito mais minuciosa do que no Brasil. Digo isso por experiência própria com imobiliárias, ou de diversos documentos que eu já assinei e não tive o cuidado de ler. Fui quase que completamente ignorada pelos homens. Somente a mulher que nos trouxe chá e ficou no final conosco tentou trocar algumas palavras comigo. Para os homens eu parecia ser invisível. É claro que tem o fato de eu não falar japonês, mas para além disso, há certamente o machismo. A vida das japonesas não deve ser nada fácil. Depois de tudo assinado, eles já nos deram as chaves e nos levaram de carro para tomarmos as medidas do apartamento. A senhora que nos levou me disse diversas vezes que qualquer coisa, eu poderia contar com ela. Mesmo que ela não falasse inglês, ela

me ajudaria. Confesso que eu estava com um pouco de medo, pois li diversos relatos de que os japoneses não gostam de alugar para estrangeiros. Já vim preparada para um possível tratamento xenófobo, mas nada aconteceu. Para a minha surpresa, não só todos sabiam que eu brasileira, como pareciam não ligar. Acho que se há um japonês, eles confiam. Infelizmente, não ocorre o mesmo quando se trata de alugar somente para estrangeiros.

05/02

Aqui estamos na parte mais tenebrosa do inverno. Claro, tenebrosa pra mim. Mas mesmo pra quem gosta, a vida aqui se torna um pouco mais difícil. Quando neva, alguns trens param, os ônibus e os trens que continuam a funcionar circulam vagarosamente e carregados de pessoas apressadas. Eles não sabem quanto tempo demorarão para chegar ao seu destino final. O tom do imprevisível, que parece se comparar ao de nossas enchentes, toma lugar na terra da previsibilidade.

Hoje vim para a sala de estudos pela primeira vez desde que cheguei. A dificuldade começa só em preencher o formulário de entrada (tipo de um caderno de visitantes) que devo colocar meu nome, meu bairro, dia, que horas cheguei e até que horas pretendo ficar. Mas, mais uma vez, o moço que trabalha lá me ajudou a preencher todos os campos, mesmo com uma comunicação precária.

Da janela é possível ver pessoas passando, além de um cartaz horrível de um político. Horrível porque sou obrigada a olhar para ele o tempo todo. Nem sei de que partido ele é, mas achei péssima a localização de seu cartaz [cheguei a ver esse cartaz até no topo da montanha Mitake].

06/02

Segundo dia que estou sozinha na sala de estudos. Não sei se é pelo horário ou pela temporada. Estou com o adesivo que esquenta nas costas e nos pés. Essas engenhocas realmente funcionam. Só porque escrevi, chegou uma senhora que me deu bom dia e perguntou o que eu estava estudando. Essa sala de estudos é frequentada por crianças, adolescentes e idosos. Talvez eu seja a única pessoa de 30 anos. Ao final, ela me desejou boa sorte e falou para eu dar o meu máximo [Gambatê] no estudo de japonês.

Eu obviamente sou facilmente percebida em qualquer lugar, embora não recaiam muitos olhares sob mim. A não ser aquele rápido e surpreso, mas que logo se desvia. Sendo mulher, me sinto mais confortável nas ruas daqui do que em São Paulo.

07/02

Ontem fui na loja 100 iene (mesmo que a loja de R$1,99, mas com uma qualidade e variedade maior). Quando eu estava esperando na fila única para pagar, uma senhora ignorou a minha presença e simulou que ia pegar alguma coisa no caixa e por lá ficou, atrás da moça que estava sendo atendida. No Brasil é comum darmos preferência aos idosos, mas aqui é difícil, pelo menos pra mim, julgar a idade das pessoas, o que ao invés de ser uma gentileza, pode tornar-se uma ofensa. Eu obviamente não me importei que a senhora cortou a fila, mas a mulher do caixa ficou extremamente incomodada e a reprimiu seriamente. Tive que falar centenas vezes "tudo bem" [daijobu] para que a caixa atendesse a senhora. No final, o desconforto causado foi tão grande, que eles fizeram questão de abrir um novo caixa só para me atender.

08/02

Hoje fui ao supermercado com a minha sogra. Lá, para pegar o carrinho, você deve colocar uma moeda de 100 iene e depois na saída - ao colocar o carrinho de volta - você pega de volta sua moeda. Se nem no Brasil tem esse controle, eu me pergunto o que exatamente eles estão controlando? Mas, enfim, eu e Kenji sempre pegamos o carrinho, para não termos que carregar as compras. No entanto, minha surpresa foi descobrir que a minha sogra, que tem mais de 60 anos, nunca pega. Eu percebi que ela estava receosa. Peguei o carrinho, demonstrando como fazê-lo. Quando conversamos sobre isso mais tarde, eu descobri que meu sogro também não pega o carrinho. O que me fez pensar que muitas vezes eles tem um pouco de medo do novo, ou talvez de demonstrar que não conhecem esse novo. Me lembrei da pesquisa que eu li sobre o espaço público no Japão, a pesquisadora ao perguntar o que eles achariam de uma nova praça em sua área, afirma que eles simplesmente respondiam: "Eu vivi minha vida toda sem isso, porque eu precisaria disso agora?" [Depois de um ano morando aqui, finalmente pensei que talvez o controle seja para evitar o trabalho de recolher os carrinhos].

09/02

Hoje fui pela primeira vez na classe de japonês oferecida gratuitamente por voluntários em Tachikawa. Foi um pouco difícil pois a minha professora não fala outra língua que não a japonesa. Mas ela me fez ler e repetir até eu me cansar. Embora eu não concorde muito com seus métodos, foi bom para tentar memorizar os dois alfabetos japoneses, o hiragana e katakana.

Depois fui para a estação de Tachikawa, coloquei minha bicicleta no estacionamento e fui procurar alguma coisa para comer. É claro que o medo tomou conta de mim. Ao caminhar e tentar encontrar algum lugar, eu pensei em desistir diversas vezes, em comprar alguma coisa na loja de conveniência[120]. Mas devido ao frio, eu queria alguma coisa quente. Então depois de andar muito nos entornos da estação, eu decidi arriscar. Entrei em um lugar que vi pessoas entrando nas duas vezes em que passei pela frente. Entrei após um senhor. O lugar estava cheio. A moça convidou o senhor a dividir a mesa com outro cliente. Ainda bem que eu não tive que dividir, pois não sei ao certo se eu deveria falar alguma coisa nesse caso, ou não. O cardápio tinha foto. Pedi da maneira mais simples (apontando e pedindo por favor). Depois fui para um café que normalmente as pessoas ficam estudando e conversando. Aqui ainda há muitos lugares em que as pessoas vão para estudar. Eu adoro esses lugares. Esse café fica no alto no shopping na estação de Tachikawa. De lá, você pode ver as montanhas ao redor da cidade, tem até a identificação de cada montanha nas mesas. Não há muitos prédios na cidade, e os poucos que existem não são tão altos, o que te permite enxergar facilmente as montanhas que cercam a cidade.

Quando o sono começou a apertar, fui dar um volta no subsolos do shopping/estação onde há diversos tipos de comidas e doces, que no geral são para viagem. O dia dos namorados está chegando, mas aqui há uma diferença, no dia 14/02 (mesmo data que nos EUA) as mulheres dão chocolates aos homens (não é exclusivo aos namorados, muitas vezes elas presenteiam também amigos e colegas de trabalho), que estranhamente só retribuem no dia 14/03 chamado white day (dia branco). Ao pesquisar sobre a data, pois achei tudo muito estranho, descobri que foi inventando por uma fábrica de marshmallow, por isso "dia branco". Havendo inclusive diferentes tipos de chocolate para diferentes tipos de relação. Meus sogros disseram que muitas mulheres fingem comprar pra alguém, mas na verdade estão comprando para si próprias. Deve haver uma imposição social bastante forte para que elas simulem o presente. Eles me contaram também que na escola quando a menina gosta do menino, ela dá chocolate nesse dia. Se o menino também gostar dela, ele aceitará e retribuirá no mês seguinte. Se não for o caso, ele não aceitará. Imagino que deve ser uma tarefa difícil todo esse espetáculo.

---

[120] Aqui a loja de conveniência além de ser espalhada por toda a cidade, conta com todo tipo de produto. De problemas emergenciais, como capa pra chuva, saco de lixo, escova de dente; até comidas para o almoço, café, doces, etc. O preço, no geral, é um pouco mais caro do que o supermercado. Mas não é absurdamente mais caro, como é o caso das lojas de conveniência em São Paulo.

Quando cheguei na casa dos pais dele, todo mundo estava preocupado com meu primeiro dia sozinha nas ruas de Tachikawa. Eles ficaram impressionados com os lugares em que fui sozinha. Me parece que por mais que a infância japonesa seja muito livre, a vida adulta é um pouco temerosa, por isso comemoraram meu dia como um grande feito.

10/02

Enquanto foi carnaval no Brasil, aqui estamos com temperaturas em torno de 0º celsius. Mas cada momento tem sua beleza. Na minha primeira viagem ao Japão, vi as folhas ficando avermelhadas. Agora posso observar as plantas que conseguem sobreviver com um frio desse. Além disso, há outras coisas que eu realmente gosto na vida japonesa, uma delas é o ofurô. Ele é utilizado como parte vital do dia. Você só entra nele depois de tomar banho, ou seja, você tem que estar limpo. Esse momento de relaxamento cotidiano é praticamente realizado por todos, sendo muito popular até hoje a ida às casa de águas termais.

11/02

Regressamos ao hospital com os papeis, eles fizeram uma nova carteirinha com meu nome inteiro (3 sobrenomes) e impressionantemente nos devolveram 70% do dinheiro.

12/02

Hoje foi feriado nacional - nascimento simbólico do Japão. Aproveitamos para fazer a compra do mês, fomos ao "*home center*", como eles chama aqui. Como de práxis o nome ou parte dele é em inglês, até em livros eles colocam o título em inglês, mesmo que o conteúdo seja inteiramente em japonês. Ele vendem de tudo lá, de comida à madeira. Aliás, o estilo "faça você mesmo" é muito comum. Além de ter diversas produtos na loja de 100 iene para que você faça suas próprias coisas, há diversas lojas desse tipo. No próprio shopping, há uma loja que vende de tudo para você fazer sua própria bijuteria, outra com diversos tecidos… Não acredito que seja a mesma cultura do "self made man", mas é inegável que o trabalho manual é mais comum e incentivado. Na mudança de casa fui surpreendida pelo estojo de costura do Kenji, foi assim que descobri que meninas e meninos têm aula de costura na escola, além de culinária e artesanato.

13/02

Eu ainda fico impressionada como as pessoas gostam de coisas "fofinhas" aqui, chamada de *kawaii*, inclusive homens. Para se ter uma ideia, o mascote da cidade de Tachikawa é um bichinho super

bonitinho. Todos os documentos OFICIAIS que tiramos lá vieram com o bichinho e plantinhas na parte inferior do documento. A primeira vez que vi, não consegui acreditar que tratava-se de um documento oficial.

14/02

Hoje aconteceu uma coisa estranha. Eu tinha que ir na loja de 100 ienes pra comprar algumas coisas que faltavam para a casa nova. Cheguei 9:10, estava fechada, mas como havia movimento lá dentro eu pensei que em breve eles abririam. Comprei um chá quente na máquina pra esperar. Essas máquinas estão em absolutamente todos os lugares aqui. Às vezes há até 4 delas, uma ao lado da outra, cada uma com mais de 20 opções. Chegou um senhor e começou a puxar assunto. Ele esperava a abertura do supermercado, que é praticamente integrado com a loja de 100 ienes. Obviamente eu não consegui entender muito, mas ele não se importou e continuou falando. Parte do que entendi era me perguntando de onde eu era, onde morava, se eu tinha filho. Com a resposta negativa, ele me disse "se apresse", ao que eu respondi que cado coisa ao seu tempo. Me parece que tanto aqui quanto no Brasil, as pessoas esperam que partilhar uma vida com alguém significa necessariamente e apressadamente ter filhos.

O supermercado finalmente abriu. E somente ai percebi que a loja que eu estava esperando abriria somente às 10h. Mas pensei, já tomei um chá, já conversei com um desconhecido, agora vou esperar. Fui então olhar os produtos no supermercado. Ainda faz parte de um entretenimento para mim, pois os produtos são muito diferentes. Andei por aqui, acolá, recebi centenas de "seja bem vinda" [*Irashaimasê*]. Até que noto um moço pegando cerca de 5 pacotes de pães de uma maneira um pouco estranha. Fingi que nada vi e voltei minha atenção aos produtos. Um minuto depois ele volta com uma cesta e pega mais meia dúzia. Pensei, bom ele deve trabalhar em um restaurante. Mudei de fileira. Me deparo com ele novamente. Em todos os momentos que o vi, ele estava sempre no chão, dando a impressão que estava escondendo seu rosto. Fiquei com um pouco de medo, mas continuei. Paguei minha compra, e dei de cara de novo com ele. Fui para fora para esperar a loja abrir. Agora faltavam somente 5 minutos. Terminei de tomar meu chá e eles abriram. Eu sabia onde estavam as coisas que queria então fui direto para o final da loja. Eu estava com a impressão de que tinha alguém me seguindo. Olhei abruptamente pra trás e lá estava ele, o moço do pão. Ao ser notado, ele deu meia volta e saiu apressadamente.

No sábado havíamos visto uma menina com gestos atípicos. Ela mexia o corpo como um robô. Estávamos na fila para entrar no trem, ela parou no meio da fila e por lá ficou. Ao passo que a fila foi se adentrando ao trem, ela se moveu como se fizesse parte do corpo da fila desde o começo.

Outro dia o Kenji chegou reclamando de um cara da empresa dele que ele não conhece e que ficou dando chutes no ar atrás dele na loja de conveniência.

Esses incidentes me fizeram pensar que a loucura japonesa talvez tenha o seu tom. Talvez a sociedade seja tão repressiva socialmente que muitas pessoas começam a se deslocar completamente.

15/02

Hoje ao entrar na sala de japonês me perguntaram alguma coisa que eu não entendi muito bem. Só entendi que era alguma coisa relacionado à escola e que eles estavam me perguntando se eu queria ir. Ao que afirmei que sim, eles me pediram para esperar depois da aula. Até a atividade de fato começar, eu não fazia ideia do que estaria por vir. Mas desde o começo pensei que estava recebendo aula de graça, portanto o que eu pudesse fazer para ajudar, eu faria. Depois da aula, fomos almoçar e a minha professora pagou nosso almoço. Já que é uma sociedade extremamente hierarquizada, aqui é comum os chefes, ou que os que estão em uma posição "acima" pagarem a refeição. Nos dirigimos então à escola. Pegamos um ônibus na estação e fomos até uma das divisas de Tachikawa. O longe para eles não durou nem 15 minutos no ônibus. Veio o diretor conversar com a gente e nos explicar que a cada equinócio eles comem uma comida diferente para celebrar. Achei incrível e talvez confirma uma sensação de que, no geral, eles têm um conhecimento sobre a natureza que se mistura com a tradição. O futon[121] por exemplo, você não pode posicionar a parte em que coloca a cabeça ao norte, pois são como os mortos são colocado (cabeça ao norte e face oeste). Para evitar o mau presságio, eles têm que saber pelo menos onde está o norte. Enfim, são pequenos gestos, mas demonstram a necessidade da noção da posição geográfica.

Finalmente fomos à sala de aula que lembra um pouco a nossa. Comigo havia dois chineses, sendo um deles de Taiwan, além da professora voluntária. Ao me apresentar perante a sala, um dos alunos falou: Eh, Neymar. Ser brasileira no exterior parece sempre seguir uma associação direta com os jogadores de futebol.

---

[121] Tipo de um acolchoado usado para dormir ao invés da cama.

Finalmente eu entendi a atividade. Os alunos começaram a apresentação nos mostrando algumas tradições do Japão, em especial brinquedos. A apresentação foi em inglês e eu pude perceber os grupos, assim como no Brasil. Eles nos explicaram sobre o kimono e yukata (vestimentas tradicionais japoneses); cerimônia do chá; beigoma (pião); *kendama* (bilboquê); *otedama* (saquinhos de feijão); *taketombo* (bambu-cóptero); e o ábaco.

16/02

Na Sexta, o meu companheiro tirou o dia de folga, acordamos cedo e fomos para o estabelecimento oficial de Akishima para registrar que havíamos nos mudando. O estabelecimento público de Akishima, pelo menos o perto de nossa nova casa, é bem menor e mais simples do que o de Tachikawa. Há somente um balcão e cerca de 3 pessoas trabalhando. Mas eles nos ajudaram a preencher todo o formulário da mesma forma. Procuraram o guia de lixo em alguma língua que eu pudesse entender, e o que eles não tinham no momento, mandaram por correio, que impressionantemente chegou em nossa casa cerca de uma hora depois. A agilidade em que as coisas funcionam aqui é desconcertante. A reciclagem do lixo também é uma coisa surpreendente. No livro que me deram há o tratamento exato para cada objeto, além do calendário de recolhimento.

19/02

Na segunda foi meu primeiro dia sozinha na casa nova. Fui lavar roupa e não consegui entender os botões da máquina, não consegui aquecer água para fazer chá, não consegui ler as instruções na embalagem para cozinhar. Após memorizar o hiragana e katakana, eu ainda tenho que vencer o kanji, ou pelo menos uma parte dele, para conseguir entender um pouco da vida aqui. Os japoneses também não sabem todos os kanjis. Outro dia contei aos meus sogros que estava fascinada com o livro que achei em português na biblioteca de Tachikawa e eu estava lendo. O livro era do Haruki Murakami. Eles ficaram impressionados falando que era muito difícil. Meu sogro disse que ele, que é professor e estuda todos os dias, tem dificuldades em ler esse tipo de livro, pois há muitos caracteres que ele não conhece. Fiquei consternada com essa afirmação.

23/02

Há muitos programas educativos na TV japonesa. Alguns são somente educativos, mas muitos são uma mistura de curiosidade e aprendizado. A figura do professor está constantemente lá, embora seja inteiramente masculina. Se não houver um professor, há alguém explicando extensivamente o

que está acontecendo, como, quando, a origem, etc. Aliás, a minuciosidade parece ser comum na vida japonesa. No jornal da manhã, o moço do tempo, além de falar a temperatura máxima e a mínima, fala também a sensação térmica, e qual é o tipo de roupa mais adequado para cada momento do dia, além de falar o melhor horário para lavar roupa, etc. Há uma outra diferença também, a maioria dos programas parecem ser de comédia. Eles parecem ser os principais atores japoneses, fazendo boa parte inclusive dos comerciais, e aqui as mulheres são incluídas. A admiração pelo estrangeiro (principalmente caucasiano) também é facilmente perceptível em comerciais e programas. Por fim, como já dissemos, há inúmeros programas e momentos sobre comida, cultivo, tradição, como ser saudável, viagens, e estrangeiros no Japão.

24/02

Outra questão importante sobre a vida no Japão são os pontos. Uma vez fui à uma loja japonesa em São Paulo e vi um porta cartão, ao abrir me assustei com a quantidade de plásticos que havia para colocar cartões. Depois de uma breve estadia aqui, eu entendi. Você pode ter o cartão de quase todos os estabelecimentos comerciais. Alguns deles com a função crédito, outros só para acumular pontos e trocar por descontos, bônus ou produtos. Sei que no Brasil também há um sistema de pontos, mas sinto que aqui é muito mais generalizado. Por exemplo, há uma loja de eletrodomésticos que tem uma máquina na entrada, ao colocar o cartão lá, você pode ganhar pontos. Uma vez fomos lá para comprar pilhas para o fogão e percebi que algumas pessoas entram na loja só para bater o cartão e ganhar pontos. Depois fomos jantar nos meus sogros. A mãe dele fez *gratan* (pasta gratinada) pra gente. As porções são sempre individuais e feitas para serem consumidas em uma única refeição. Eles cozinham o tempo todo.

28/02

Ontem minha sogra quis me ensinar a fazer alguns pratos japoneses que eu gosto. Para minha sogra, todos os problemas têm um alimento para solucionar: para o cansaço, para o intestino preso, para o período menstrual, e assim por diante. Eles não só sabem os nutrientes de cada alimento, como os frutos de cada a estação, as regiões produtoras, etc.

01/03

Eu percebi que já utilizo algumas técnicas em minha casa. A primeira delas, que acabei de descobrir que é também compartilhada com o meu companheiro, é lavar roupa para colocar na varanda como

proteção. Aqui a varanda não é espaço de descanso, ou contemplação, essa é exclusivamente funcional: lugar para secar a roupa. Ao colocar a roupa lá, podemos abrir as cortinas sem que os vizinhos vejam dentro de nosso apartamento, nos deixando mais à vontade em casa. Depois de descobrir que esse sentimento era partilhado, tentei observar como são as outras casas. No geral, a maioria das janelas estão fechadas, mesmo que haja pessoas na casa, pelo menos a cortina está sempre posta. Eu nunca vi uma pessoa sequer na varanda contemplando o dia.

13/03

Os dias já começam a seguir uma rotina. No entanto, coisas que eu nunca havia visto em minha vida não cessam. Essa semana fomos jantar em um lugar que tem vários restaurantes, e um amplo espaço em frente. Eis que ao chegarmos, e demos de cara com um enorme grupo de homens em seus 30, 40 anos com camisetas um tanto quanto infantil - aparentemente de uma banda - em frente a um palco. Embora eu não soubesse do que se tratava, eu achei tudo muito estranho. Mas esse sentimento não se deu somente por ser um ambiente em que só havia homens, mas também pelo comportamento um pouco estranho desses. É claro que foi um julgamento a priori. Na entrada do restaurante, você paga para máquina, e entrega o papelzinho para o cozinheiro. Ao sentarmos havia três homens na mesa ao lado, também com as camisetas, que me olharam de uma forma estranha. A comida chegou, ouvimos que o show havia começado, bem como os gritos, um tanto quanto infantil. Pelo som e comportamento dos homens pareciam ser “ídolos" (*idols* em japonês): crianças, adolescentes ou jovens que são famosos. Quando fomos embora entendemos o que estava acontecendo. Se tratava de meninas de 12 anos cantando e dançando e um plateia de homens com no mínimo três vezes a idade delas delirando. Eu sei que a pedofilia existe em qualquer lugar, inclusive fortemente no Brasil, mas eu achei essa cena muito pesada e não consegui parar de pensar em como as pessoas aceitam isso.

19/03

Notei esses dias que as casas novas parecem pré-fabricadas. Além de serem exteriormente iguais, o são nos mínimos detalhes, nas janelas, nas fechaduras, nas portas, etc. Mas há mais uma coisa interessante sobre as casas que eu ainda não consigo entender muito bem. Eu pensei que só as casas das pessoas mais velhas fossem abarrotadas de coisas, mas cada vez que eu conheço uma nova casa no Japão, eu me surpreendo com a acumulação, inclusive de jovens. Talvez no estilos de

acumulação estadunidenses, mas sem um grande espaço como garagens e porões. Ou será que é trauma da guerra?

Outra coisa que também me chama a atenção constantemente é a diferença quanto à limpeza. Para eles, a limpeza é muito importante, ao mesmo tempo que é extremamente diferente, por exemplo, é fundamental tirar os sapatos antes de entrar na casa, o banho antes de dormir também é de suma importância, as roupas devem ser lavadas diariamente, etc. Ao mesmo tempo, as casas não são tão limpas quanto as casas no Brasil, não é que sejam sujas, mas parece que a convivência com a poeira e com a gordura do fogão são mais aceitas. A organização também não parece ser tão crucial. Acredito que haja uma grande questão por trás disso, certamente há uma mentalidade escravista que persiste no Brasil e faz com que a limpeza seja minuciosa já que muitas vezes conta com a mão de obra alheia para tal, ou mesmo quando não há mão de obra alheia, a aparência ideal segue o estilo da casa burguesa. Essa casa, dessa forma, parece não existir aqui.

23/03

Fui a uma "festa do chá" organizada pela TIFA (Associação Internacional de Amizade de Tachikawa). No convite estava que iriamos olhar as cerejeiras no parque. Os japoneses têm um gosto particular pelas cerejeiras. Compreensível, já que o florescimento dessa muda a cara da cidade inteira por uma semana, ou duas semanas, além de marcar o começo do novo ano. Durante esse período, que vem depois do inverno, é comum sair para admirar as cerejeiras, ou para fazer um piquenique debaixo dessas, havendo até um termo para essa ação: 花見 [hanami], sendo o primeiro kanji flor e o segundo "olhar", "admirar". O jornal mostra diariamente onde as cerejeiras estão florindo. De repente, os lugares próximos aos rios lotam-se de curiosos buscando apreciar a beleza e efemeridade das cerejeiras. Eu nunca havia vivido essa efervescência em torno de uma árvore.

Chegando lá só havia a professora que havia me convidado. Logo percebi que talvez eu fosse a única estrangeira. Não me importei pois sei das dificuldades em se organizar uma atividade. Logo depois chegou uma senhora muito simpática. Ela disse que tem um familiar no Brasil e que sua neta está ajudando um grupo de brasileiros na universidade. Ela trouxe uva passa do Uzbequistão. Obviamente havia chá, e algumas comidinhas. E claro, não podia faltar o doce da estação, tradicionalmente feito de arroz e feijão doce, enrolado em uma folha de cerejeira. Os outros professores chegaram, todos possivelmente com mais de 80 anos. Um deles era médico; um diz ser

viajante; as senhoras não falaram sobre suas ocupações. Todos falavam um pouco de inglês. Fomos ao parque ao lado. A senhora, que me fez lembrar minha vó, carregava um doce olhar, cheio de ternura, olhar que só atingimos com uma certa idade. Ela me contou várias histórias, uma das mais bonitas é que quando sua filha estava no jardim de infância um dia chegou em casa falando: "mamãe, mamãe, muito muito muito lindo" se referindo às cerejeiras. O que a faz sempre lembrar de sua filha caçula durante a primavera. A professora que me convidou pagou meu café. Muitas vezes eu não sei se devo aceitar ou não, eu nunca sei também se estou agradecendo o suficiente, pois eles repetem muitas vezes o agradecimento, assim como o pedido de desculpa. De toda forma, me senti feliz em poder participar de um espaço assim.

31/03

Para fechar o mês, hoje fomos encontrar os amigos do meu companheiro do ensino médio e suas famílias. São relativamente frequentes os encontros com os grupos do ensino médio e do fundamental, que no geral é o mesmo do infantil. Os bares japoneses não são bem como os nossos, para eles é inconcebível ir à um lugar só para beber, e a maioria dos bares tenta dar privacidade ao grupo. Nesse, ficamos em um espaço totalmente separado. Fiquei surpresa que todos trouxeram os filhos. As idade variavam de 8 meses à 6 anos. No final, essa mistura de crianças fez o evento ser bem engraçado. Logo no começo as crianças vieram nos perguntar onde havíamos nos conhecido. Depois que começaram a se soltar, pegaram fogo pelo espaço, transformando as pessoas ora em anjo, ora em demônio. Todos os amigos deles fizeram questão de vir falar um pouco comigo, o que fez eu me sentir muito acolhida. Eles sempre me perguntam sobre a minha adaptação, e sobre os planos futuros. Ao que eu sempre respondo que ainda não sabemos sobre o futuro. Será que eles realmente se planejam o tempo todo?

02/04

Conversando com meus sogros sobre nosso final de semana, eu contei sobre meu estranhamento ao ver tantas crianças no bar. Eles estranharam meu estranhamento, e me perguntaram se no Brasil era comum ter babá. Ao que respondi que podia ser, mas que também é comum os pais deixarem com os avós, ou com os tios. Me parece que aqui as responsabilidades não são tão divididas na família. Cada um tem um papel bem definido e deve cumprir rigorosamente. Talvez pedir ajuda é

demonstrar que não está dando conta, o que representa um fracasso para eles. Talvez, por isso, eles nunca a peçam, pois acreditam no esforço individual.

05/04

Ontem meu companheiro reclamou que eu já estava abrindo o presente que havíamos acabado de receber. Nota: as pessoas que nos deram não estavam mais conosco. Era dos novos vizinhos, e teremos que retribuir em breve. Aqui há uma troca constante de presentes. Meus sogros vivem recebendo presentes dos vizinhos, alunos e ex-alunos, das pessoas com quem trabalham, etc. Quando ele reclamou da minha pressa em abrir, eu o questionei o porquê não. Nem ele sabia ao certo, mas começamos a pensar e chegamos a conclusão de que não se abre de imediato o presente no Japão porque no geral as casas têm um pequeno "altar" onde estão as fotos dos entes falecidos, onde eles ascendem incensos e oferecem comida e principalmente as coisas que ganham.

09/04

Hoje conversei com meus sogros sobre a situação no Brasil. Eles sempre recortam o jornal quando sai alguma coisa sobre o Brasil. Contei sobre a morte da Marielle e do Anderson, e sobre o risco que qualquer ativista político corre no Brasil. A noite, meu sogro me trouxe um dos meus doces favoritos no Japão, pois percebeu minha tristeza ao falar do que está acontecendo no Brasil. Antes de vir para o Japão, eu temia que eles julgassem minhas posições políticas, principalmente pelo machismo tão forte da sociedade japonesa. Porém, além de me respeitarem, sempre acham que os japoneses deveriam ser um pouco mais combativos. Uma vez fomos juntos a um ato contra a mudança na lei que permitiria ao Japão participar de guerras. Assim que chegamos lá, havia uma diferença substancial comparada as manifestações que eu estava acostumada a ir em São Paulo. Ao invés de adolescentes e jovens, a manifestação era composta majoritariamente por idosos, talvez pelo tema, ou pelo tempo livre, não sei dizer. Mas é fato que são os idosos que têm a memória viva das desgraças da guerra. Outra diferença é que tem sempre alguém puxando o grito de ordem, assim como nos intervalos dos jogos em que o Japão participa, parece que eles precisam de alguém para conduzir em qualquer situação coletiva. Por fim, o que me chamou a atenção também é que mesmo nas manifestações, eles não fazem nada "fora da lei". Não sei se é sempre assim, pode ser que haja momentos de estopim. Eles seguiram a manifestação na calçada para não atrapalhar o trânsito, perguntei aos meus sogros se eles não iriam ocupar as ruas pois a manifestação estava bem cheia,

eles me responderam que não poderiam, pois a polícia não deixaria. Eu falei que no Brasil muitas vezes a polícia também não permite, mas isso não se torna necessariamente um impeditivo. Eles sorriram educadamente e continuaram respondendo ao grito do locutor da manifestação.

17/04

Eu já entendi que o senso de coletividade deles é diferente do nosso. Mas não paro de me surpreender, principalmente com os idosos no Japão. Ontem vi um senhor de social pegando bitucas no chão ao lado de um supermercado. E quando voltava pra casa vi outro senhor tentando tirar as plantas que nascem entre os pequenos buracos de uma parede dentro um túnel. Teoricamente, aparentemente, nenhum dos dois estavam "trabalhando".

27/04

Ontem teve outro encontro do TIFA. Dessa vez com a sala lotada para a cerimônia do chá. No Brasil, uma fala recorrente é "sem cerimônia". Aqui, a cerimônia é guardada a sete chaves. A cerimônia do chá 茶の湯 [chanoyu], que literalmente significa "água quente [para o] chá"; conhecida também como 茶道 [chadô ou sadô] (o caminho do chá) tem origem no taoismo e no zen budismo. A cerimônia verdadeira pode durar até 4 horas. Até o entrar na sala e a limpeza das peças devem seguir a cerimônia. Antigamente era praticada pelos nobres, assim como a apreciação das cerejeiras. Me lembrei do dia em que fomos ao parque perto de casa, e fomos experimentar o chá verde em pó em uma casa de chá. O chá veio acompanhado de um lindo doce feito de arroz. Começamos a comer e beber, até que fomos interrompidos por um casal japonês de aproximadamente 60 anos Eles começaram a nos explicar como devíamos proceder. Quando eles perceberem que meu companheiro é japonês, ficaram surpresos e perguntaram há quanto tempo ele morava fora do Japão, o que o fez pedir desculpas por não seguir o jeito "certo". Uma cena inconcebível no Brasil. Assim que eles saíram deixamos de seguir a tradição e comemos misturando tudo, do jeito que queríamos.

06/05

Mesmo meus sogros sendo super progressistas, ontem eles "formalizaram" em um jantar de família que quando estiverem doentes, ou precisarem de cuidados, serão o meu cunhado e sua esposa os

responsáveis por eles. Não se trata de afinidade, ou de proximidade, trata-se das responsabilidades do primogênito.

17/05

Hoje o almoço nos meus sogros foi interessante. Eu falei que havia descoberto que Estados Unidos (eles chamam de América) poderia ser escrito em kanji 亜 米利加. E fiquei surpresa ao saber que todos os países podem ser escritos em kanji, até então eu só havia lido em katakana. Mas no geral eles só sabem a escrita de alguns países, como por exemplo China, Coreia, EUA, Inglaterra, etc. Ninguém sabia o kanji de Brasil. Então meus sogros procuraram no dicionário de kanji. Ao acharmos, eles não conseguiam ler, pois desconheciam o último kanji: 伯 剌 西爾.

Voltando pra casa pelo caminho habitual, há uma casinha que sempre me pareceu abandonada, com alguns lixos em sua volta, eu sempre me perguntava até guando ela duraria. Hoje minha pergunta foi respondida. Ela está sendo destruída. Será que estamos vivendo um boom imobiliário na região em que moro?

08/06

Comecei a frequentar as aulas oferecidas por voluntários em Hachioji, uma cidade próxima da minha. Lá há aulas, ao invés de uma orientação individual. Hoje depois da aula fomos almoçar. Fomos eu, uma outra brasileira, uma tailandesa, e dois filipinos. Conversamos em inglês, porque é mais fácil para todos. A brasileira trabalha em uma fábrica; a tailandesa é escritora de viagem; um dos filipinos é engenheiro; e a outra é professora de tênis. Como de praxe, acabamos desabafando sobre as nossas dificuldades. A brasileira é descendente de japonês, e embora os pais falassem japonês, em casa eles sempre falaram somente em português. Ela por sua vez, não quis ensinar português aos seus filhos, ensinando apenas inglês, e agora eles estão aprendendo japonês na escola pública japonesa. Ela estava curiosa em saber como são as famílias japonesas. Na verdade, essa discussão surgiu porque na aula aprendemos a falar coisas que fomos ou somos obrigados a fazer, o que fez a professora nos perguntar sobre o Japão e nossas famílias. A maioria das mulheres da classe são casadas com japoneses e falaram sobre seus sofrimentos causados pelas sogras, as imposições, o controle na vida do marido e até de seus filhos. Eu fui a única a falar que não fui obrigada a fazer coisa alguma, e que de forma alguma posso reclamar de meus sogros. Meus sogros

sabem que eu não gosto muito de cozinhar, então muitas vezes preparam a janta pra gente. Eles também o fazem, quando acham que eu estou cansada, ou quando ficamos doentes. Quando eles acham que eu possa estar triste, compram doces. Além de sempre comprarem frutas, porque sabem que eu sinto muita falta, e as frutas no Japão são muito caras. Eles me convidam sempre para almoçar com eles, mesmo que sem o meu companheiro. Mas não foi a primeira vez que eu ouvi relatos assustadores sobre as sogras japonesas.

Outra questão foi o que os japoneses esperam da gente. Elas afirmaram que minha vida deve ser mais fácil, pois ninguém espera que eu fale japonês. No entanto, eu sinto que meu privilégio não para por aí, pois além de não ser cobrada, porque claramente eles sabem que eu sou estrangeira, absolutamente qualquer coisa que eu faça de bom, coisas banais, eles se surpreendem. Como por exemplo, um dias estávamos no trem quando ofereci meu lugar à uma senhora que segurava uma criança no colo. Estranhamente eles me acharam muito educada por esse ato. Ou em um outro dia em que eles haviam compraram um doce só pra mim e eu quis dividir com todo mundo. Eles até contaram para o meu cunhado, impressionados por minha gentileza. Mas por trás disso, há uma ideia de que os estrangeiros não sejam tão educados quanto os japoneses. Por isso, a cada gesto que eles se impressionam, eu sempre afirmo que a gentileza não é exclusividade dos japoneses.

24/06

Ao chegar em casa, e olhar pela janela, reparei que havia um senhor admirando o que nada que ficou no lugar da casa que havia há poucos dias. Ele ficou uns bons minuto olhando para a terra, e eu olhando para ele. Me pergunto o que se passou por sua cabeça. Será que lembrou da casa, dos antigos moradoras, das coisas que viveram juntos? Será que está pensado como as novas casas estão tomando de assalto a cidade, e talvez o modo de viver? Ou será que ele simplesmente está pensando no que vai ser desse espaço?

06/07

Às vezes eu sinto que não são só os japoneses que são “fechados” em grupos, pois desde pequenos tiveram uma educação coletivista, visando seu funcionamento na comunidade, mas a própria comunidade brasileira aqui também segue esse regra. Aliás, por ser brasileira não descendente, muitas vezes sinto que é mais difícil entrar no mundo dos brasileiros do que no dos japoneses, por mais estranho que isso possa parecer. Digo isso, pois desde que cheguei estou tentando contanto

com as escolas e organizações sociais brasileiras, e praticamente fui ignorada em todas as circunstâncias, até na tentativa de ser voluntária.

09/07

Fui ao bar com uma professora que conheci acidentalmente, e que lecionou a vida toda no Japão. Éramos 3 brasileiras, 3 japonesas e 1 filha de uma japonesa com um pai metade brasileiro, metade francês. Foi a primeira vez que conversei sobre tópicos mais abstratos. Só por isso já foi tão prazeroso. Mas não foi só isso, como faz falta conseguir se expressar inteiramente. Como de costume, no final, abracei todo mundo. Estou fazendo do abraço um ato político no Japão.

Descobri também que 主人 [shujin] que significa marido é super machista, pois o primeiro kanji significa "chefe, mestre, principal coisa, principal". Os dois kanjis juntos, além de marido, significam, chefe (de uma casa); proprietário (de uma loja); proprietário; senhorio; (um) empregador; (um) mestre; anfitrião. As japonesas me falaram que hoje em dia quase ninguém mais usa *shujin*, quase todas usam 夫 [otto]. No entanto, para se referir ao marido da outra pessoa, você ainda tem que falar ご主人 [goshujin], ou seja, ainda faltam palavras para nos livrarmos do machismo da linguagem.

13/07

Tenho pensado e lido bastante sobre as crianças japonesas e brasileiras no Japão. Me parece que as crianças carregam uma liberdade imensa. No entanto, com a mesma força, as crianças aqui carregam uma responsabilidade muito grande por seus atos. Parece que a doutrinação da obediência e da ordem caminham lado a lado com a ideologia do trabalho. Quanto aos brasileiro, às vezes eu tenho a impressão de que o descaso para com as crianças é feito justamente para que as crianças reponham seus pais nas fábricas, pois lhes é dado o direito à educação, mas a não obrigatoriedade do ensino e a falta de preparo para esse novo contigente que não fala japonês faz com que haja muitas crianças brasileiras fora da escola. Parece que já que não foram aptas à adaptarem-se na escola japonesa, tampouco o serão dentro da sociedade, por isso só têm um caminho: a fábrica.

20/07

Eu dou aula de sábado também para crianças a partir de 2 anos. Muitas vezes eu percebo o cansaço delas, pois além da semana na escola, elas também passam o sábado em atividades. Me parte o

coração fazer parte dessa rotina maçante. Alguns pais permanecem na sala de aula e aproveitavam para dormirem ou usarem o celular. Outros deixavam os filhos perto da entrada e esses, mesmo que tão pequenos, vêm sozinhos para a aula de inglês.

12/08

Hoje fomos para um restaurante chinês aqui perto de casa. Esse já é um velho conhecido nosso, mas eu não consigo parar de me impressionar com a rapidez em que os trabalhadores se movem, e obviamente com a falta de trabalhadores. Hoje era um feriado, portanto havia mais clientes do que o habitual. Havia 7 cozinheiros e 1 garçonete (entre eles alguns idosos) para atender cerca de 60 pessoas que mudavam a cada 20 minutos. Geralmente, o caixa fica vazio, alguém só vem atender se há a presença de algum cliente. Na década de 70, havia um pensamento comum de que a tecnologia pouparia o trabalho. Hoje vivendo em um dos países mais tecnológicos do mundo, percebo que a tecnologia poupa trabalho, mas não o trabalhador. Aqui, o homem tem que ser uma máquina, ágil, sem descanso, sem idade para parar. Por isso, aqui a escola tem um papel fundamental, pois faz com que as crianças se acostumem ao trabalho extremamente árduo sem hesitação, nem reclamação.

24/08

8:20 da manhã de um sábado: uma legião de jovens uniformizados invade os trens, as ruas. Alguns com o uniforme escolar, outros com o uniforme esportivo da escola. Porém não é só a vestimenta que é uniforme, eles o são até na maneira de andar. Praticamente parecem um corpo só que se move conjuntamente. Eu me pergunto se essa disciplina lhes foi pedida no dia, ou se ela é formada "automaticamente" pelo costume. Aliás, os uniformes são extremamente sociais desde o ensino fundamental II.

25/08

Minha concunhada estava nos contando uma história de quando um moço estranho a seguiu. Ela se referia a ele como *onissan* (irmão mais velho), o que me deixou inconformada já que tratava-se de situação de perseguição. Ela o chamava assim para falar a idade aproximada do rapaz que a seguia. Só depois me dei conta que eles fazem isso o tempo todo, o que me levou a pensar que é mais uma forma de tratar a sociedade japonesa como família.

05/09

Em muitos países em que a imigração se tornou a chave para solucionar o problema da falta de mão de obra, como por exemplo no Canadá e na Austrália, não espera-se que o imigrante aja igualmente aos nacionais, embora espera-se respeito. A maioria dos meus amigos tentam cotidianamente se tornarem japoneses. Eles tentam falar, vestir, trabalhar como um japonês, como se fosse possível essa entronização. Até quando eles falam comigo, que sou brasileiríssima, eles falam como japoneses, mesmo que em inglês. É claro que com o tempo, você acaba pegando o jeito de falar do lugar em que mora, mas eles estão aqui há 2, 3 anos e ainda aprendendo a língua. Eu entendo a vontade de querer se encaixar, não é que eu não faça nada para não ser julgada, mas eu não consigo deixar de ser eu. Por exemplo, para qualquer um que me apresento, me apresento apenas como Bruna, não me apresento pelo sobrenome como eles fazem, mesmo em situações formais. Na escola em que leciono, desde o começo me apresentei somente como Bruna. Só falo meu sobrenome quando eles me pedem, e faço questão de falar ele inteiro, pois como é muito grande para eles, eu sempre acrescento "só Bruna é melhor, né?". Ao que eles sempre concordam.

07/09

Vim para a biblioteca pública de Tachikawa. Não é uma biblioteca muito grande, mas tem bastante títulos em outras línguas. Há uma estante de português, outra de espanhol, e algumas de inglês. A maioria dos livros são romances comerciais, mas você pode ter a felicidade de esbarrar com grandes nomes da literatura. O terceiro andar e uma parte do segundo andar são para as crianças. Há também um espaço dedicado à leitura de jornal, disputada principalmente por pessoas com mais de 70 anos. É impressionante como as bibliotecas aqui se mantêm cheias. É sempre difícil achar lugar para estudar. No segundo andar há mesas para estudo, disputadíssimas por jovens de até 20 anos. Mais uma vez, eu devo ser a única pessoa de 30 anos. Só havia dois lugares em uma mesa grande. Fiz, como eu sempre fiz em minha vida, perguntei se havia problema em me sentar naquela cadeira vazia. Todos me olharam assustados e um deles, que tentei fazer contato visual porque percebi que talvez ninguém me responderia, me respondeu um seco sim (hai) e voltou rapidamente para o seu livro. Percebi que havia algo de estranho. A próxima pessoa que se sentou não perguntou nada. Ao chegar em casa perguntei para ao meu companheiro e ele me disse que os japoneses no geral evitam ao máximo falar com estranhos, ainda mais com estrangeiros.

Na biblioteca, como em toda a cidade, há avisos sonoros. Que além de nos avisar quando a biblioteca está próxima de seu fechamento, avisa também as crianças que é o horário delas irem

para suas casas (antes das 17h). Nas ruas, além desse aviso para as crianças, há o aviso para quando as crianças do ensino fundamental I estão deixando a escola (na minha cidade 14:30) para a comunidade ficar de olho. Os avisos sonoros são também utilizados em caso de emergência (terremoto, tufão, tsunami, etc.) e em caso de desaparecimento (no geral de idosos com Alzheimer).

15/09

A preservação da tradição está presente em todo lugar, seja no parque, na montanha, na biblioteca, na rua, no shopping, etc. Hoje fomos caminhar em um parque e no meio dele havia uma casa tombada. Você pode ver como as pessoas viviam na época de Edo sem nem se dar ao trabalho de ir ao museu, pois a história está em todo lugar.

6.2 Segunda parte: as escola japonesas

14/04

Fui contratada para ser professora assistente de inglês em duas escolas públicas japonesas. Ao assinar o contrato, fui convocada para uma reunião com o Conselho de Educação da cidade. Fiquei nervosa antes da reunião porque a empresa contratante[122] pouco me explicou o que aconteceria. No entanto, no final só fomos apresentadas e seguimos para o grupo de professores japoneses de inglês das escolas em que seremos assistentes. No meu caso, ambas escolas eram de ensino fundamental II. As professoras dividiram a minha agenda. Dois dias depois eu fui para o treinamento. Ao entrar, de cara, a senhora já me pergunta se eu me incomodaria que parte da conversa fosse em tagalog, pois eu era a única brasileira. Ao que, sem opção, afirmei que não haveria problema. A primeira palestra foi dada por uma carismática professora que mora há cerca de duas décadas no Japão. Ela nos explicou como funciona o sistema público japonês. Nos afirmou que as crianças não podem estar fora da escola em horário de aula. Se alguém ver na rua algum estudante, certamente ligará para a escola. As crianças não podem comprar coisas nas lojas, nem na loja de conveniência se estiverem de uniforme. Se a criança se comportar mal, eles ligam para a escola e não para a família. As crianças não repetem de ano, para se manterem no mesmo grupo. Os alunos do ensino fundamental I não usam uniforme, o uso ocorre somente partir do fundamental II. O uniforme é usado por três anos, por isso você vê algumas crianças com uniformes tão largos. Eles têm aulas de ciência sociais e educação moral. Têm trabalhos de campo e clubes que tomam conta de boa parte de suas rotinas. Eles têm uma prova para continuarem os estudos no ensino médio. Muitas empresas

[122] No Japão é comum empresas terceirizadas acharem professores de inglês paras as escolas públicas.

têm suas próprias escolas. Se você falhar na prova para o ensino médio, você pode ir para a escola privada. Mas além do alto custo, as melhores escolas são as públicas. Na escola, os alunos são encorajados à lealdade e a respeitar a hierarquia. Mesmo durante o período de férias, as crianças continuam na escola, principalmente nos clubes de que fazem parte.

07/05

O meu primeiro dia de aula foi como professora assistente substituta. Pegar o trem e ônibus para um lugar desconhecido no Japão já é por si só uma aventura, mas nada comparado ao entrar em uma escola e tentar se comunicar. Ao entrar é preciso trocar os sapatos, pois dentro da escola só é possível usar os "sapatos internos". A entrada é praticamente livre, ninguém me impediria de entrar. Perguntei ao senhor, que estava empenhado no conserto de alguma coisa, onde era a sala dos professores e se a coordenadora de inglês lá estava. Ele gentilmente me levou e chamou a outra professora que me conduziu à uma sala adjacente para esperar a professora responsável. Quando ela chegou, me explicou como seria o dia em um minuto. Fomos para a aula. A primeira aula foi muito estranha. Eu senti que o professor não desejava a minha presença. Ele demorou um bom tempo para me deixar entrar em sala. Eu me apresentei em inglês. Essa era a minha primeira aula na vida como professora assistente. No embaraço, falei pouca coisa. Depois disso ele me perguntou como se escrevia uma palavra em inglês e já errei de cara. O que me faz pensar "o que é que eu estou fazendo aqui?". A segunda classe foi com a professora coordenadora. Ela, além de ser engraçada, soube me "usar" em sala, perguntou as coisas de que eu gostava, pediu para eu ler as frases e fazer diálogo com ela. Foi uma aula divertida, pois eu pude conversar com os alunos para ajudá-los na pronúncia. A terceira aula foi com um professor que tinha uma pronúncia muito boa. Ele também me perguntou as coisas que eu gostava e as crianças me perguntaram meu mangá e personagem da Disney favorito, ao que eu não soube responder. A quarta aula foi dada por uma professora que estava com medo de me ter na sala dela. Ela até assistiu a segunda aula para reproduzir o mesmo em sua sala. Embora ela fosse muito gentil, ela saiu do sério porque um menino não quiz reproduzir do diálogo do livro. Ele repetiu umas 10 vezes " o que?". A professora o fez ficar na frente de todo mundo por um bom tempo. Ao final, a professora me pediu mil desculpas e os alunos me aplaudiram como que um pedido de desculpa, o que foi bastante inesperado, além de um pouco constrangedor.

Mas o que marcou o meu primeiro dia em sala de aula foram duas coisas. A primeira foi a disciplina. No começo e no final de cada aula, os alunos levantam-se e fazem os cumprimentos. A segunda foi como a aula é exatamente igual. Não é só que o conteúdo das aulas fosse, exatamente iguais, mas as atividades também o eram, pois todos os professores seguiram exatamente o "passo-a-passo" que estava no livro. Em parte justificável uma vez que se tratava de uma escola de ensino fundamental I e os professores não têm necessariamente a obrigação de falarem inglês.

Primeira escola - 21/05

O sinal bate, a cena muda. Foi isso que aprendi no meu primeiro dia de aula oficial. O dia é medido pelos sinais. O primeiro bate às 8:09 para você se preparar para o segundo das 8:15. Para a minha surpresa, ao tocar do sino todos os professores também se levantam, assim como os alunos fazem no começo e final de cada aula. Os professores desejaram então bom dia e se sentaram, e assim a reunião começou. Alguns professores falaram e então a professora de inglês que estava conduzindo a reunião falou de mim e pediu para eu me apresentar. Eu só disse o meu nome e muito prazer, é claro que também me curvei como sinal de respeito aos professores. Eles aplaudiram. O terceiro sinal bateu às 8:25, os professores saem apressados para as classes, mesmo que a aula só comece às 8:50. Então, os professores voltam para a sala dos professores e 5 ou 10 minutos antes, seguem para as classes. Quando o sinal da aula bate, todos os alunos se levantam, ficam em posição de soldado e cumprimentam o professor. Eles se sentam e a aula começa. No final, segue-se o mesmo ritual.

Assim como a prefeitura, a sala dos professores também segue mais ou menos o mesmo desenho. O diretor e o vice estão em uma posição em que conseguem ver a sala inteira. Na minha frente sentou-se uma outra assistente de inglês. Ela morou nos EUA por cinco anos, e é assistente de inglês e matemática há mais de 15 anos. Me contou muito sobre o sistema de ensino japonês, sobre a sala especial. Me disse que as salas especiais nos colégios públicos têm dois tipos de alunos, os com problemas emocionais e os com problemas intelectuais. Disse também que os professores novos são mandados para as salas com alunos especiais sem nenhum treinamento.

22/05

Hoje uma das aulas foi para o primeiro ano. Eles acabaram de vir do ensino fundamental I, portanto ainda são espontâneos. Me perguntaram de tudo que eu gosto: animais, comida, anime,

personalidades… Eles me perguntaram até se eu acredito em fantasmas. Mas a bagunça é feita basicamente pelos meninos. As meninas, no geral, são extremamente tímidas.

23/05

Hoje os alunos foram mais curiosos sobre o português. Foi engraçado. Em uma aula eu ensinei a fazer tapioca, e na outra eu me apresentei em português. É claro que eles não entenderam nada, mas eles só queriam ouvir como era a minha língua materna. Eles estranhamente aplaudiram no final. Além da divisão de gênero presente em quase toda classe, há outras divisões. Me pergunto se os professores reparam nisso.

Os alunos vêm o tempo todo na sala dos professores para entregar alguma coisa, para pedir chave de algum lugar, ou conversar com algum professor. No geral, eles não podem entrar na sala, então devem pedir licença, falar o que querem ou quem estão procurando e esperar na porta. Na saída, devem pedir licença mais uma vez e fechar a porta.

A sala dos professores é mais descontraída do que eu havia imaginado, o que não quer dizer que ele consigam fazer suas tarefas tranquilamente, eles passam o dia atarefados, correndo para lá e para cá.

Hoje foi a primeira aula na sala especial. Confesso que estava ansiosa para esse momento. Segundo fui advertida pela outra assistente, eles seriam mais lentos. Previsão que não se confirmou. Foi certamente a aula mais bacana que tive até então. Primeiramente, porque a professora é genial. Em segundo lugar, porque os estudantes não tinham medo de participar. As meninas ficaram encantadas com a minha história de amor, e fizeram mil perguntas sobre a minha vida amorosa. Além da professora, havia dois assistentes que iam de carteira em carteira ajudar os alunos. Havia cerca de 10 alunos, dos quais 6 participaram ativamente da aula.

28/05

Hoje tive aula com o professor mais antigo da escola. Ele vem ensinando inglês há 30 anos. Confesso que eu estava um pouco receosa pois ele é bem sério. Antes da aula começar, um aluno veio à sala dos professores para perguntar se o professor precisava de alguma ajudar. O professor deu alguns materiais e ele foi para a sala. Fomos em seguida. Chegando na sala, eu já percebi a diferença. Bastou chegarmos para que a sala ficasse em completo silêncio. O sinal bateu e ao invés dos estudantes falarem "bom dia", eles falaram "*onegaishimasu*" que significa por favor, no caso, é um pedido para que o professor os ensine e se curvaram para o professor. Nas outras salas, os

estudantes demoravam para falar, mas acabavam falando. Nesta sala, eu fazia perguntas para eles adivinharem como “de que país vocês acham que eu sou?”, “que língua é usada no Brasil?”, etc. e os estudantes permaneciam em um silêncio intimidador. Então, o professor falou para eu direcionar a pergunta para alguém. O que fez eu me sentir parte do terror. Como ainda tínhamos bastante tempo, ele me pediu para explicar alguma coisa de geografia. Eu expliquei a diferença entre as estações do ano no Brasil e no Japão e acabou surgindo também a questão sobre a diferença do horário em ambos países. O diretor havia entrado de surpresa e assistiu a aula também. Ao chegarmos na sala dos professores, o diretor falou pra todo mundo que eu era professora de geografia e que conseguia entender japonês depois de um ano. No Brasil, quando você fala que é professor, no geral as pessoas perguntam se você é “só professor”, como se fosse fácil ter uma outra profissão além de ser professor. Embora, aqui também não seja fácil, os professores ainda são muito respeitados. [Depois de um tempo acompanhando a aula desse professor, eu percebi que ele é o professor mais dedicado. É o único que leva o dicionário para a sala de aula e que me faz perguntas gramaticais o tempo todo, mesmo com uma vasta experiência. Me parece que os seus alunos são os que mais aprendem].

28/05

Temos menos de 30 minutos para almoçar. O que é uma loucura pra mim, pois nesses 30 minutos está incluso o momento de se servir, de comer e a devida separação do lixo após o almoço. Quando eu entrego minha bandeja nos últimos cinco minutos finais, a área para a separação do lixo e retorno dos utensílios utilizados no almoço se torna uma loucura, cheia de estudantes carregando panelas e bandejas. Às vezes, não consigo sair devido ao trânsito de alunos. O que me faz entender o porquê dos japoneses no geral comerem tão rapidamente.

30/05

Uma das melhores coisas sobre a educação japonesa é certamente ver os meninos limpando a escola. Eles também têm aula de costura e de culinária. Mesmo que o Japão continue sendo um país extremamente machista, e que no geral os afazeres domésticos ainda são responsabilidades das mulheres, não é tão incomum ver os homens limpando a casa. Meu sogro, por exemplo, é um senhor de 70 anos que diariamente cumpre sua tarefa doméstica. Todo dia ele lava a roupa e faz o almoço. Ele também é responsável por limpar o ofurô (banheira) duas vezes por semana. Minha

sogra limpa o resto da casa e faz a janta, além de sempre recolher os pratos e lavá-los. É claro que o peso das tarefas domésticas para as mulheres ainda é bem maior, e que infelizmente parece haver uma aceitação maior. Além das tarefas domésticas, não é tão incomum ver os homens passeando sozinhos com os filhos. Sei que os homens japoneses têm uma média baixíssima no cuidado aos filhos, mas realmente me impressiona o número de homens sozinhos com crianças.

11/06

Eu fico sempre feliz e triste quando vou para a sala especial. Feliz porque eu realmente gosto dessa sala e sempre me divirto muito com eles. Triste porque não acho justo com eles. Nas aulas de inglês, enquanto nas salas comuns os alunos aprendem gramática, praticam conversação, leitura e têm prova o tempo todo; na sala especial, o livro tem apenas figuras.

Acabei de ver o professor de ciências sociais conferindo a limpeza. Primeiro os estudantes se curvaram. Depois o professor começou a bronca. Não entendi muito bem o motivo, mas me pareceu que era pelo jeito que se dirigiram ao professor.

18/06

Hoje os estudantes do 3º ano fizeram suas apresentações sobre a cultura japonesa, a maioria falou sobre comida, e a alguns poucos alunos falaram sobre kimono e yukata, teatro kabuki, anime, etc. Algumas vezes era perceptível um certo orgulho japonês. Fico imaginando se frases cheia da palavra orgulho seriam proferidas pelos estudantes brasileiros.

19/06

Acabei de conversar com a professora mais gentil da escola. Ela me explicou um pouco mais sobre o sistema de ensino japonês. Eles trabalham diariamente aproximadamente das 7h às 20h, mas só recebem das 8:15 às 16:50, ou seja, eles trabalham diariamente 4 horas ou mais sem serem pagos. Quando estávamos conversando sobre como os japoneses aceitam longas horas de trabalho sem serem pagos, ela me perguntou sobre o povo brasileiro. No começo eu não entendi onde ela queria chegar, até que ela perguntou especificamente sobre as etnias no Brasil. Expliquei para ela que os portugueses quase dizimaram os povos nativos, mas que ainda há alguns povoados e muitos descendentes, e que além dos portugueses e nativos, a população brasileira é basicamente composta por descendentes de africanos, europeus e em menor número de asiáticos. Para ela, essa é a justificativa: por sermos uma sociedade multiétnica somos mais sucetíveis às mudanças. Embora

haja mil questões sobre isso, ela quis dizer que o povo japonês é praticamente um só, um pensamento, uma visão, por isso é tão difícil de mudar o que já está consagrado. Para ela, o povo brasileiro seria mais plural, com ideias diferentes por ser composto por povos diferentes, por isso mais fácil de mudar. É claro que seu pensamento é extremamente questionável, mas acho que demonstra um pouco como que eles enxergam a si mesmos.

Conversei com um outro professor também. Na verdade, ele me perguntou como é a vida dos professores no Brasil. Eu disse que não é fácil também, pois além de viverem sobrecarregados, ganharem mal, não há o respeito da sociedade. Porém, no Brasil os professores não são constrangidos a ficarem no trabalho, nem a não tirarem férias. Ele me perguntou sobre os clubes em que os professores são obrigados a gerir no Japão. Ele ficou em estado de choque quando eu falei que no Brasil essa mistura tão grande de funções não ocorre. Ele estava exausto e disse que não é mais tão novo para aguentar tanto trabalho. Além de todo trabalho próprio de professor, há burocracias, reuniões, constante atendimento aos alunos, treinos do clube que ocorrem no período da tarde e de finais de semana, etc.

20/06

A sociedade japonesa parece vigiar constantemente a escola. Outro dia, durante a aula, entraram cerca de 10 senhores e senhoras. Eu imagino que faziam parte da comunidade. Eu achei estranho, obviamente. Eles assistiram a aula por 10 minutos e foram embora. Hoje vieram dois funcionários do governo assistir a aula. Eles ficaram quase que a aula inteira. Quando eu comecei a falar, suas anotações foram à loucura, o que me deixou um pouco nervosa. Depois perguntei ao professor o que ele achava, e ele me disse que é difícil para todo mundo, mas que infelizmente é frequente. Ele me disse que eles vêm analisar em especial as aulas de inglês e de matemática. Pois essas são aulas prioritárias para o governo. Portanto, as salas não podem exceder 20 alunos e são constantemente fiscalizadas.

01/07

O estranho mundo do atendimento constante ao aluno. A cada intervalo, ou depois da aula, os alunos vêm incessantemente pedir alguma coisa na sala dos professores. Os professores constantemente têm que atendê-los, seja para pegar a chave de algum lugar, ou devolvê-la, seja para conversar com algum professor, ou simplesmente para entregar ou pegar alguma coisa, o número de

alunos pedindo licença e pedindo alguma coisa não cessa, a não ser quando estão em atividade. É claro que talvez isso aproxime os estudantes dos professores. Mas por outro lado, além de todo excesso de trabalho que há com a burocracia, com os clubes, e com as aulas, há mais essa tarefa constante e interminável.

Às vezes acontece de eu ficar sozinha na sala dos professores. Um dia desses, um aluno veio devolver a bola que havia pego emprestado. Ele não percebeu que eu estava na sala, pois eu estava sentada em seu ponto cego. Mesmo achando que a sala estava completamente vazia, ele usou toda a polidez que normalmente os alunos usam para entrar na beirada da sala e devolver a bola, a mesma cerimônia foi usada para sair.

03/07

Hoje dei uma aula sobre migração para uma sala do terceiro ano. Perguntei o que eles sabiam sobre migrações. Eles me responderam sobre o muro de Trump. Perguntei o que eles achavam sobre migração. Alguns alunos me disseram que era bom porque você poderia aprender uma língua sem sair do seu país, ou sobre a cultura de um país que você quer visitar. Uma menina disse que se você quer morar em outro país, você deve ir. Sobre as coisas ruins, eles disseram violência e terrorismo. Eu sei que esse discurso sempre aparece, independentemente do país. Mas me incomodou eles falarem isso na minha cara, exatamente por estar na condição de estrangeira. Não fiquei brava, é claro, mas perguntei em tom de brincadeira se ela achava que eu era terrorista. Ela ficou sem entender, e o professor também. Tentei explicar o mito do terror, mas eles entenderam menos ainda, então tentei seguir em frente como se nada tivesse acontecido. Mas no final, acho que minha atitude não agregou, pois perdi a participação dessa estudante.

04/07

Hoje fomos para os primeiros anos, o que me fez pensar novamente que quanto mais tempo eles passam no ensino fundamental II no Japão, menos participativos eles se tornam. As aulas nos primeiros anos são sempre mais espontâneas e engraçadas. Talvez o peso da sociedade japonesa ainda não seja tão grande para eles, o que os permite falar o que pensam.

11/07

Embora a precarização não seja o tom da escola, há problemas principalmente porque a estrutura é antiga. Os vazamentos no banheiro por exemplo, parecem ser constantes como pude observar nas

duas escolas. No entanto, a rapidez com que eles resolvem os problemas mais sérios é impressionante. A geladeira da sala dos professores quebrou ontem e hoje já havia uma geladeira nova.

3º parte: as cidades e escolas brasileiras

14/09/2018 - Gunma

Ao chegarmos em Gunma, senti um certo estranhamento. Não só por ser mais interiorano do que eu imaginava, mas por não haver gente na rua. Foi a primeira vez no Japão em que senti que a cidade parecia pertencer aos carros, onde só eles circulam, só eles ocupam as ruas. Fomos em três escolas em Gunma e uma em Saitama. Algumas das escolas pareciam uma fábricas, talvez o tenham sido um dia. Parece não haver muita opção para a criança brasileira. Assim como em Tóquio, as crianças andam sozinhas, só que aqui elas podem ir de bicicleta pois a distância até a escola é maior.

Gunma é uma das prefeituras com maior número de brasileiro próximo à Tóquio. Portanto, há diversos tipos de empreendimentos brasileiros, como por exemplo, padaria, supermercado, lojas de tatuagem, restaurante, pizzaria, etc. Em Saitama, pudemos ver um grupo de pessoas saindo da fábrica de uniforme, cena não tão usual em Tóquio. Das escolas que visitamos, infelizmente a escola em Saitama era a única que se parecia uma escola, com espaço próprio para brincar.

06/10 - Ibaraki

Hoje vamos em busca de mais uma "cidade brasileira" Ao procurarmos um estabelecimento brasileiro, encontramos um supermercado-restaurante do lado da estação de trem Mitsukaido. No estabelecimento misto, os preços são mais caros do que em Gunma, mas não resistimos e matamos um pouco a saudade da comida brasileira.

Enquanto esperávamos observei as mesas ao lado. Havia 3 mesas ocupadas: a primeira por duas mulheres japonesas; a segunda por 3 brasileiros de aproximadamente 50 anos; e terceira mesa provavelmente estava misturada. Não pude compreender se eram brasileiros ou japoneses porque as pessoas que moram há muito tempo no Japão costumam utilizar japonês no meio do português, criando um vocabulário próprio. Eu só pude conversar com o atendente em português, mas só de ouvir a minha língua nativa me bateu uma felicidade.

Depois disso, fomos procurar a escola brasileira. Mais uma vez, somente depois de atravessarmos vastas plantações, chegamos à escola que parecia querer se esconder entre duas casas. Uma placa antiga mostrava que era lá. Mais uma escola que parece uma fábrica.

16/02 - Yokohama

Estamos indo para os arredores do meu lugar favorito no Japão até então, Yokohama. Mas hoje, um pouco mais ao norte, em Tsurumi, onde há muitos brasileiros vivendo. Já estou animada só de pensar em ouvir português. Essa empolgação também se dá por ser a primeira cidade que visitamos em que não se situa no interior. Ao chegarmos, avistamos um restaurante peruano de esquina fechado pelo horário. Era naquela rua em que encontraríamos o estabelecimento brasileiro.

Dessa vezes não estava no meio de plantações, mas pra minha surpresa a rua guardava um ar de abandono não muito típico do Japão, pelo menos por onde andei até então. Havia muito lixo no chão, o que eu nunca havia visto por aqui. O cinza predominava na paisagem. Eu fui ao mercadinho que carregava o ar de precário, talvez esse seja o melhor adjetivo para a vida brasileira aqui: precária. Sai com uma tristeza por mais uma vez ver que a comunidade brasileira no geral ocupa as áreas mais degradadas desse país. Depois fiquei pensando o porquê daquela rua carregar o ar de tão triste. E me lembrei que quase toda casa no Japão tem flores e plantas na entrada, além de árvores. Ali não havia uma flor sequer. Eu perguntei pro Kenji o que ele achava, e ele me disse que aquela área era parte de uma área industrial e que é assim mesmo, não havia muito como fugir disso.

19/07/2019 - Yamanashi

Fomos para Yamanashi visitar uma das escolas brasileiras na região. Segundo o site do consulado, há duas escolas na região. Por fora a escola parece mais uma vez uma antiga fábrica. Mandei e-mail para a escola e marquei de visitar. Toquei a campainha e uma das professoras acompanhada de crianças de 5 anos abriu a porta. Falei que gostaria de falar com a diretora, e ela foi chamá-la. A diretora, que é também professora, ao me ver, abriu um sorriso. Ao entrar, percebi que as luzes estavam todas apagadas. Pensei que havia acontecido alguma coisa recentemente, até olhar para o teto e ver que as lâmpadas haviam sido retiradas. A diretora estava dando aula de matemática, e deixou as crianças fazendo exercício para conversar comigo. Me mostrou cada parte da escola. Na primeira sala, havia cerca de 15 alunos do ensino fundamental, sem divisão pela série, tendo aula de história. Na segunda sala, havia 4 alunos também do ensino fundamental, resolvendo problemas de matemática. A terceira sala era composta por alunos do ensino infantil, também todos juntos.

Embora nessa classe, a faixa etária não parecia ser tão discrepante. Por fim, subindo as escadas, havia uma pequena sala, onde os alunos do ensino médio assistiam a um filme sozinhos, sem professor. Descemos para conversar para o que talvez fosse a sala das professoras.

A escola fazia parte de uma rede de ensino que tinha 6 unidades no Japão. Em 2009, depois da crise, resolveram fechar 3 unidades. Em alguns lugares uma outra escola assumiu; naquela, as próprias professoras assumiram a escola. Perguntei qual era a relação com a comunidade, a professora me disse que eles faziam os festivais juntos, realizado uma vez por ano, e que algumas vezes eles chamavam os estudantes brasileiros para mostrar os brinquedos tradicionais japoneses. Mas ela falou que depende muito do diretor da escola. Perguntei sobre as perspectivas dos estudantes brasileiros e ela me falou que há alguns casos isolados, mas que acredita que 90% vai para a fábrica. Os pais não exigem muitos dos filhos, nem da escola, pois sabem que se exigirem terão que se dedicar mais, ou pagarem mais, o que raramente querem. Ela também me disse que muitos pais já vêm com a ideia de colocar as crianças para trabalhar em fábrica. Ela afirmou que na escola, ninguém trabalha. Mas mesmo assim, elas não conseguem prepará-los para a faculdade. [Durante a aula descobri que alguns trabalham].

Ela também afirmou que a região em questão é uma porta de entrada, pois muitos brasileiros chegam direto do Brasil, mas depois mudam para outras cidades que tem um salário melhor. No entanto, ela afirmou que na região o emprego é mais estável, pois as fábricas são menores. As crianças pagam 30,000 ienes[123] por mês mais a taxa de transporte.

A escola tinha 6 professoras em 2011, depois do tsunami, três voltaram para o Brasil. Hoje são cinco professoras, mais dois que dão aula pela internet do Brasil. Além de três professores voluntários de japonês. As professoras também fazem o transporte dos alunos. Desde a mudança do nome em 2010, a escola está esperando o parecer do MEC. Recentemente, a escola aceitou ajuda de uma ONG japonesa que passou a cuidar do financeiro, mas ainda não houve mudanças. Nas escolas japonesas nas redondezas todas têm intérpretes. Em uma das escolas há 60 alunos estrangeiros. Mas o intérprete não dá conta de inserir os alunos estrangeiros no mundo escolar japonês.

Entre os principais problemas que a diretora abordou estão a falta de um material didático adequado para as crianças que são brasileiras, mas que moram no Japão há muito tempo; a falta de incentivo ou suporte para a qualificação de professores brasileiros; os problemas e deficiências das instalações, por tratar-se de locais improvisados; a falta de ajuda do governo japonês e brasileiro; a falta de suporte dos pais; a falta de ajuda psicológica, especialmente para os estudantes que

[123] Considerando que o salário médio é 200,000 ienes, a sensação é de 300 reais, mas se convertermos para o real hoje será aproximadamente R$1.000,00.

encontram dificuldade no aprendizado; os problemas contemporâneo comuns como o enorme vício no uso de celulares, etc.

Ao terminamos a conversa, fui conversar com os estudantes do ensino médio. Ao chegarmos, eles não estavam mais assistindo ao vídeo sobre o homem na lua, mas tampouco entendi o que faziam. A diretora me apresentou e falou que eles poderiam perguntar qualquer coisa sobre o vestibular, ou sobre as universidades no Brasil. A maioria quer prestar vestibular no Brasil. Em geral, eles querem áreas relacionadas à artes, em especial design. As únicas que destoaram foram duas meninas, uma quer nutrição, e a outra, engenharia química. Enquanto eles estavam tímidos, eu comecei a perguntar sobre a vida deles, há quanto tempo estavam no Japão, se falavam japonês, se eles sabiam o que eles queriam para os próximos anos, etc. Até que eles começaram as perguntas sobre o vestibular, Enem e a vida universitária. Sem nem perceber eu me tornei a defensora da universidade pública do Brasil. É certo que se essa conversa fosse feita em outros tempos, talvez os rumos tivessem sido diferentes. Mas hoje com a destruição de um espaço que foi e é tão importante em minha vida, o mínimo que eu posso fazer é contar um pouco da minha experiência. Para além disso, tentei mostrar que não é impossível, pois para alguns a universidade pública parece um sonho distante. Por fim, eu ganhei ameixa em conserva [*umeboshi*] feito pela professora voluntária de japonês, e pêssego - abundante na região - também do pé da casa de uma professora. Assim me ofereci para dar aula também no colégio brasileiro. Embora só o tenha feito durante as minhas férias, esse momento de troca forneceu parte substantiva do sentido dessa dissertação.

Aula na escola brasileira - 28/08

Madruguei para conseguir chegar na parte da manhã em Yamanashi. Comprei o bilhete de trem especial - que me permitiu economizar uma hora no transporte. Eu, como a maioria dos brasileiros no Japão, já consigo me virar pois adquiri um "japonês de rua" que me permite perguntar e entender em caso de dúvida. O trem praticamente segue o rio Katsura, e depois o rio Jinego, até que deixa o caminho do rio para cruzar as montanhas ao norte, e continua cruzando outros importantes rios da região. É claro que eu poderia simplesmente começar pela escola. No entanto, gostaria de compartilhar não só o caminho visto do trem, mas também um pouco de como são as cidades no Japão. Por mais urbana que essas sejam, os rios e florestas continuam fazendo parte do cenário. Chegando na estação de Kofu, eu tive que esperar o próximo trem — cerca de 40 minutos — para não ter que pagar mais 1.000 ienes por um trajeto de 30 minutos.

A diretora foi gentilmente me buscar na estação de trem, pois não havia muitas opções de transporte até a escola. Até começar a aula, eu teria mais 30 minutos. Ficamos conversando, as outras professoras me deram boas-vindas. Elas me falaram mais sobre a escola. Descobri ser

verdade o que suspeitava: o local da escola era uma fábrica. Entrei em sala de aula. Eles já esperavam por mim. A diretora mais uma vez me introduziu como estudante de mestrado da Universidade de São Paulo e falou para eles aproveitarem ao máximo essa oportunidade. Obviamente não era como eu gostaria de ser apresentada, mas não tive muita escolha.

Dei uma aula sobre vestibular. Abordei alguns temas de geografia na redação. Conversamos sobre mobilidade urbana, o que me permitiu fazer inúmera perguntas sobre a vida em São Paulo, Tóquio e Yamanashi. Todos os estudantes são provenientes do São Paulo, com excessão de uma aluna que nasceu no Japão e outra que é argentina. Eles não conseguiram responder nenhuma das questões. Tentei trazer o tema mais para o cotidiano deles, e perguntei sobre o transporte público, quais são os problemas que o população enfrenta em São Paulo, como é voltar pra casa depois do trabalho ou da escola, como é em Tóquio ou em Yamanashi, etc. Eles não conseguiram pensar no problema, muito menos nas causas, só afirmavam que não era tão eficiente quanto em Tóquio, mas não conseguiam desenvolver mais que isso. Mesmo sobre a região deles, Yamanashi, eles pouco conseguiram também. Depois me dei conta de que a maioria está há muito tempo no Japão para conseguir pensar a realidade brasileira, e que talvez o desconhecimento da região em que morem se dá por não falarem japonês, por não andarem sozinhos e por viverem em uma bolha social.

05/09

Hoje perguntei se eles acreditavam que a ciência é neutra e 90% dos estudantes responderam que não. Não sei se acabei os induzindo, ou se é consequência do mundo em que vivemos, onde a ciência perdeu um pouco de sua credibilidade. Tenho que pensar em formas de fazê-los pensar criticamente por si próprios. Por fim, a maioria afirmou que o senso comum não é suficiente para explicar o mundo em que vivemos.

No debate sobre migrações, embora eles se coloquem enquanto imigrantes e falem das dificuldades desse processo, da discriminação e xenofobia que sofrem; ao falarem sobre o Brasil reproduzem o mesmo argumento xenófobo que é usado contra os estrangeiros aqui. A maioria afirmou que o Brasil não tem condições de abrir as portas aos estrangeiros, principalmente aos não qualificados. Seria cômico, se não fosse trágico.

19/09

Todos os alunos brasileiros têm um certo encanto com a escola japonesa. Admiram a cultura escolar, em especial a responsabilidade que as criança têm, fazem até o elogio da rigidez. Todos os alunos afirmaram pensar em fazer faculdade, mas a maioria pensa em fazer depois de juntar dinheiro trabalhando na fábrica. Alguns também sentem uma dívida com os pais, afirmando que ao

juntar dinheiro, darão uma vida melhor aos seus pais. Torço para que eles não desistam dos sonhos no meio do caminho árduo da fábrica.

7. Considerações Finais

Do lado de cá[124]

O Tama é mais belo que o rio que corre pela minha cidade
Mas o Tama é mais belo que o rio que corre pela minha cidade
Porque o Tama não é o rio que corre pela minha cidade,
No Rio Tama ainda há pesca.
Ainda inunda-se os pés d'água,
O descompasso do cotidiano ainda se compassa com a natureza,
Nele ainda percebe-se a chegada das estações e dos tufões.
O Tama segue um dos caminhos da migração
Nasce na região de montanhas e pereiras
Todo japonês sabe isso
Mas poucos sabem sobre o rio da minha cidade
De onde vem, pra onde vai, ou sua retificação
Conhece-se as marginais, o trânsito, o cheiro
Mas o rio, sua vivência,
Só aos antigos pertence
E por isso, porque esse sentimento escorreu
É mais urgente e maior o rio da minha cidade.
Pelo Tama, pelo trem, chega-se à baía de Tóquio
É lá que está a torrente do Moderno.
E a fortuna de quem lá habita.
Já o rio de minha cidade,
Ninguém mais nem esperança tem.
O rio da minha cidade não faz pensar em nada
Quem está ao pé dele só consegue olfatear a escassez da vida na periferia do sistema.

[124] Paródia ao grande poeta.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia.** Tradução da 1º edição: Alfredo Bosi. Martins Fontes: São Paulo, 2007.

AGUIRRE, Isabel; ALFRED, Iwona; CLERMONT, Johane Et al. **Public Space in Japan: A catalog of typologies and brief discussion of the role of public space.** Pratt Institue's Graduate Center for Planning and the Environment: Nova York, 2014.

ALTOÉ, Sônia (org). **René Lourau: analista institucional em tempo integral.** Hucitec: São Paulo, 2004.

ARENDT, Hannah. **A condição Humana.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

_____. A crise da educação. In: **Entre o passado e futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

AUGUSTO, André Guimarães. **Modo de produção asiático**: um balanço da controvérsia. VII Encontro de pós graduação em história econômica e 5º Conferência Internacional de história econômica. 2014

BAITZ, Ricardo. **A implicação**: um novo sedimento a se explorar na Geografia? IN Boletim Paulista de Geografia, nº 84, julho de 2006, p. 25-50. São Paulo:AGB.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Paris : Difusão europeia do livro, 1970.

BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada**. Editora Perspectiva: São Paulo, 1972.

BENJAMIN, W. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

CABALLERO, Jorge Almanzán; TSUKAMOTO, Yoshiharu. **Tokyo Public Space Networks at the Intersection of the Commercial and the Domestic Realms Study on Dividual Space**. In: Jounal of Asian Architecture and Building Engineering, nov, 2006.

CASTRO, I.E.; GOMES, P. C. C; CORRÊA, R. L. (org.). **Explorações Geográficas: percursos no fim do Século**. Bertrand Brasil, 1997.

DAMIANI, A.L.; BAITZ, R. (org.) **Atravessando a Geografia, Marx, Lefebvre e os Situacionistas.** Vol 1. São Paulo: Tiragem Livre, 2017.

DAMIANI, Amélia Luisa. A metrópole e a indústria: reflexões sobre uma urbanização crítica. In: **Revista Terra Livre**, São Paulo, n. 15, 2000.

_____. Introdução a elementos da obra de Henri Lefebvre e a Geografia. In: **Revista do Departamento de Geografia – USP**, Volume Especial 30 anos. São Paulo: p. 254 - 283, 2012.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIAS, Nilta. **Crianças e jovens brasileiros no Japão**: educação, cultura e inquietudes. Em Quaestio, Sorocaba, SP, v. 19, n. 3, p. 607-629, dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org 10.22483/2177-5796.2017v19n3p607-629>. Acesso em: 19 set. 2019.

DUSSEL, Enrique. **A produção teórica de Marx (um comentário aos Grundrisse).** Tradução José Paulo Netto. 1º edição. Expressão Popular. São Paulo: 2012.

DIAS, Nilta. **"Não há lugar para mim na casa de Deus?**: Identidade e espiritualidade de lésbicas brasileiras na região Kanto, Japão," Conexión Queer: Revista Latinoamericana y Caribeña de Teologías Queer: Vol. 1 ,(2018) 15-48.

_____. Dekasseguês: **Um português diferente? Variações linguísticas e interculturalidade nas migrações contemporâneas dentro do sistema-mundo moderno.** Horizontes Decoloniales. Volume 1, No. 1 (2015): pp. 62-101.

GAUDEMAR, Jean-Paul de. **A mobilidade do trabalho e acumulação do capital.** Lisboa: Estampa, 1977.

GIROTTO, Eduardo Donizeti. **Escola, lugar e poder**: as aventuras de um professor-pesquisador entre o subúrbio e a periferia. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

HARVEY, David. **O enigmado capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. "A liberdade da cidade". In: **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 26, pp. 09-17, 2009.

HENSHALL, Kenneth. **História do Japão**. 2º ed. Ed.70, 2004.

HOBSBAWM, E. e RANGER, T. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KIKUCHI, Wataru. **Relações hierárquicas do Japão Contemporâneo**: um estudo da consciência de hierarquia na sociedade japonesa. 2012. 221 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

KOJIMA, Lina. **Migração Repetitiva entre o Brasil e o Japão**. 2012. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

LEFEBVRE, Henri. **A Produção do Espaço**. Trad. Grupo "As (im) possibilidades do urbano na metrópole contemporânea". Belo Horizonte, 2006.

_____. **A vida cotidiana no mundo moderno.** São Paulo: Ática, 1991.

LÓPEZ-MARCOS, Marta. **Contraespacios públicos:** Procesos y miradas desde Oriente. Universidad de Sevilla. Sevilla, España. Cidades: Volume 11 Número 19. 2014

MATOS, Maria Izilda S. de. São Paulo: Entre as Paredes e na Cidade. In: SOLLER, Maria A. MATOS, Maria I. S. (Orgs.). **A cidade em debate**. São Paulo: Editora Olho d'água, 2000.

MATOS, Olgária Chain Féres. **Benjaminianas**: cultura capitalista e fetichismo contemporâneo. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

_____. "A crise da representação e a perda do espaço público". In: **Fórum Rumos da Cidadania**.

MATSUDA, T; KAWANO, A; XIAO, L. **Educación Social en Japón**. Sips - pedagogia social. revista inter universitaria 1139-1723. (2016) 27, 253-280.

MARX, Karl. **A Dominação Britânica na Índia**, 1853. Artigo publicado no New York Daily Tribune de 25 de Junho de 1853. Fonte:TheMarxistsInternetArchive

_____. **Contribuição à Crítica da Economia Política**, 2008. Fonte:TheMarxistsInternetArchive

_____. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política / Karl Marx ; supervisão editorial Mario Duayer ; tradução Mario Duayer, Nélio Schneider (colaboração de Alice Helga Werner e Rudiger Hoffman). – São Paulo : Boitempo ; Rio de Janeiro : Ed. UFRJ, 2011.

_____. **O capita**l [recurso eletrônico] : crítica da economia política : Livro I : o processo de produção do capital / Karl Marx ; [tradução de Rubens Enderle]. - São Paulo : Boitempo, 2013.

NAITO, Akira. **Edo, The City That Became Tokyo**: An Illustrated History. Tokyo: Kodansha, 2003.

NAKAMOTO, Ana Luisa Campanha. **De volta para casa**: Um estudo sobre brasileiras e brasileiros retornados do Japão. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Sociologia. Área de concentração: Sociologia.

NAKANE, Chie. **Japanese society**. Tokyo: Charles E. Tuttle Co.,2º edição, 1973.

ODA, Ernani. **Interpretações da "cultura japonesa" e seus reflexos no Brasil**. RBCS Vol. 26, nº 75 fevereiro/2011.

NASSER, Ana Cristina. FUMAGALLI, Marlene. **A opressão da equivalência, as diferenças.** In: MARTINS, José de Souza. Henri Lefebvre e o retorno à dialética. São Paulo: Hucitec, 1996.

ORTIZ, Renato. **O Próximo e o Distante**: Japão e Modernidade-Mundo. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

PASSIN, Herbert. **Society and Education in Japan**. Tokyo: Kōdansha, 1987.

REISCHAUER, Edwin O. **Japan – The Story of a Nation**. 3ª Edição. Tokyo: Charles E. Tuttle Co. 1º edição: 1981.

ROCHA, Alexandre Souza da. **Objetos, atos e situações no morar na periferia da metrópole. Momentos e implicação Autoconstrução Jandira (SP)**. Tese de doutorado, São Paulo, 2007.

SAKURAI, Célia. **Romanceiro da imigração japonesa**. FAPESP, Jan 1, 1993.

SASAKI PINHEIRO, Elissa Massae. **Ser ou não ser japonês? A Construção da Identidade dos Brasileiros Descendentes de Japoneses no Contexto das Migrações Internacionais do Japão Contemporâneo**. 2009. 667 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009.

SILVA, Uiran Gebara da. Os modo(s) de produção asiático(s) e o orientalismo em Marx. **Revista de Estudos Orientais,** nº8, pp 119-130, São Paulo, 2010

SOARES, Alessandra Garcia. **O Brasil na Irlanda**: vidas em deslocamento na mobilidade contemporânea. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Programa de Pós-graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SUGAI, Mari. **Encontros e desencontros na paisagem cenográfica de Tóquio**. 2010.150 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SUGUIURA, Marcos Hiroyuki. **Relações entre a rede social e as migrações Brasil**- Japão. Dissertação (Mestrado). / Marcos Hiroyuki Suguiura; orientadora Slyvia Duarte Dantas. - São Paulo, 2009.

TASHIMA, J N; TORRES, C V. **A emigração brasileira para o Japão**: passado, presente e futuro. Cadernos OBMigra V.2 N.1 2016

THOUNY, Cristophe. **Mapping Tôkyô: cartography and modernity in Japan in the Early Meiji Period**. Master degree. Mc Gill University, Montreal, 2002.

TONGU, Érica Ayaco Sacata. **Migrações, processo educacional e os dekassegui**: um estudo da rede de relações em torno da criança nikkei na escola brasileira no Japão. Prientação Roseli Fischmann; co-orientação Sei Hirano. São Paulo: s.n., 2010. Tese (Doutorado - Programa de Pós-graduação em Educação. Área de Concentração: Cultura, Organização e Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

TSUJIMOTO, MASASHI & Yoko Yamasaki. **The history of education in Japan (1600-2000).** Routledge, 2017.

YAMASHIRO, José. **Pequena história do Japão.** Editora Herder: São Paulo, 1964.

Mídia Digital:

AKIRUNO (Cidade). Disponível em: < http://honyaku.j-server.com/LUCAKIRUNO/cdata/lucakiruno0_jaen.html>. Acesso em: 19 set. 2019.

ALTERNATIVA. Suicídio se torna a principal causa de morte entre crianças de 10 a 14 anos no Japão. Disponível em: <http://www.alternativa.co.jp/Noticia/View/79825/Suicidio-se-torna-a-principal-causa-de-morte-entre-criancas-de-10-a-14-anos-no-Japao>. Acesso em: 23 mar. 2019.

BBC news. A casta oculta dos intocáveis no Japão. Disponível em: https://www.bbc.com/news/world-asia-34615972. Acesso em: 05 Out. 2019.

BRASIL. Brasil tem 1,5 milhão de cidadãos de origem japonesa. jun. 2017. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/turismo/2017/06/brasil-tem-1-5-milhao-de-cidadaos-de-origem-japonesa>. Acesso em: 25 ago. 2017.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Censo IBGE estima brasileiros no exterior em cerca de 500 mil. jan. 2017. Disponível em: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/noticias/censo-ibge-estima-brasileiros-no-exterior-em-cerca-de-500-mil/impressao>. Acesso em: 20 jul. 2017.

CRUZ, Antonio. Serão necessários alguns anos para ajuste das contas públicas, diz Temer. mai. 2017. Disponível em: <http://correiodopovo.com.br/Noticias/Pol%C3%ADtica/2017/5/617121/Serao-necessarios-alguns-anos-para-ajuste-das-contas-publicas,-diz-Temer>. Acesso em: 20 dez. 2017.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: https://www.dicio.com.br/instituicao. Acesso em: 8 mar. 2019.

EMBAIXADA DO JAPÃO NO BRASIL. Artigo 26 da Constituição Japonesa. Disponível em: <http://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/constituicao.html>. Acesso em: 20 out. 2017.

FUKUI (prefeitura). Lei da Nacionalidade. Disponível em: < http://info.pref.fukui.jp/kokusai/tagengo/html_p/konnatoki/5kekkon/c_hou/hou.html>. Acesso em: 5 set. 2019.

HAGIWARA, Yuki. No Japão, 1 em cada 6 crianças vive na pobreza, colocando em risco a educação e o futuro. Disponível em: < https://www.japantimes.co.jp/news/2015/09/10/national/

social-issues/one-six-japanese-children-live-poverty-threatening-education-future/#.XYGYxS35SqQ>. Acesso em: 15 ago. 2019 (título original: In Japan, 1 in 6 children lives in poverty, putting education, future at stake).

IPC DIGITAL. Cerca de 90% dos japoneses aprovam o papel do imperador como simbolo do estado japonês. Disponível em: https://ipc.digital/cerca-de-90-dos-japoneses-aprovam-o-papel-do-imperador-como-simbolo-do-estado-japones. Acesso em: 20 nov. 2019.

IPC DIGITAL. O sistema educacional do Japão: tudo que você precisa saber. Disponível em: <https://https://ipc.digital/o-sistema-educacional-do-japao-tudo-o-que-voce-precisa-saber/>. Acesso em: 18 out. 2019.

ITO, Masami. Heart of darkness: Nostalgic Tokyo disappearing amid construction boom.nov, 2015. Disponível em: <https://www.japantimes.co.jp/life/2015/11/07/lifestyle/heart-darkness-nostalgic-tokyo-disappearing-amid-construction-boom/>. Acesso em: 20 out. 2017.

JAPÃO. Departamento de Estatística, Ministério de Assuntos Internos e Comunicações. Disponível em: < https://www.e-stat.go.jp/en/regional-statistics/ssdsview>. Acesso em: 20 set. 2019.

JISHO. Dicionário de Japonês Online. Disponível em: < https://jisho.org>. Acesso em: 20 jan. 2019.

KATO, Masashi. Encerramento de escolas. Disponível em: <https://www3.nhk.or.jp/nhkworld/en/news/editors/3/2014121702/index.html >. Acesso em: 20 dez. 2017.

LIES, Elaine. Faculdade do Japão fraudou notas para admitir menos mulheres em medicina. Disponível em: <http:// https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2018/08/faculdade-do-japao-fraudou-notas-para-admitir-menos-mulheres-em-medicina.shtmlr>. Acesso em: 8 ago. 2018.

MAEDA, Masamichi. Entra em vigor no Japão lei que reduz tempo mínimo de contribuição da aposentadoria de 25 para 10 anos. ago. 2017. Disponível em: <http://www.alternativa.co.jp/Noticia/View/70761/Entra-em-vigor-no-Japao-lei-que-reduz-tempo-minimo-de-contribuicao-da-aposentadoria-de-25-para-10-anos. >. Acesso em: 25 ago. 2017.

MEIJI. Disponível em: http://44041790.weebly.com/meiji-industries.html. Acesso em: 02 Out. 2019.

MINAMI ALPS (cidade). Disponível em: < https://www.city.minami-alps.yamanashi.jp/fs/3/7/3/5/6/_/population_201909.pdf>. Acesso em: 20 set. 2019.

MURDOCH, J e YAMAGATA, I. Uma história do Japão durante o século das primeiras relações estrangeiras (1542-1651), 1903. Disponível em: http://www.maproom.org/00/05/present.php?

m=0003. Acesso em: 02 Fev. 2019 (título original: A History of Japan during the century of early foreign intercourse).

NHK. A igualdade de gênero no Japão continua em segundo plano. Disponível em: < https://www3.nhk.or.jp/nhkworld/en/news/backstories/335/>. Acesso em: 26 dez. 2018 (título original: Gender equality in Japan remains bottom)

OMENA E SILVEIRA SILVA, 2008. Disponível em: < https://www.pucsp.br/revistanures/revista9/nures9_omena.pdf>. Acesso em: 25 Nov. 2018.

OMS. Cartilha. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/136083/9789275318508_spa.pdf;jsessionid=01558442D9885E9854A744D38E1808A1?sequence=1>. Acesso em: 02 Out. 2019.

ONU. Organização Internacional para as Migrações. Relatório Internacional sobre a migração, 2017. Disponível em: <http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/docs/MigrationReport2017.pdf>. Acesso em: 10 out. 2017.

_____Glossário sobre Migração. Disponível em: < http://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf >. Acesso em: 10 out. 2017.

PROJETO KAERU. Alunos brasileiros são colocados em classes especiais no Japão sem conhecimento dos pais. Disponível em: <https://projetokaeru.org.br/2019/09/09/alunos-brasileiros-sao-colocados-em-classes-especiais-no-japao-sem-conhecimento-dos-pais/?fbclid=IwAR34WdGw9z-vchdnHf5Q6qN3_wIuhcTJlXVwGDW6oQc-T7LMML5fnZPnjWM>. Acesso em: 09 set. 2019.

TÓQUIO (Metrópole). Disponível em: <https://www.toshiseibi.metro.tokyo.jp/eng/index.html>. Acesso em 20 de maio de 2017.

YOMIURI. Abe planeja usar aumento de imposto sobre consumo para educação gratuita. set. 2017. Disponível em: <http://www.portalmie.com/atualidade/noticias-do-japao/sociedade-2/2017/09/abe-planeja-usar-aumento-de-imposto-sobre-consumo-para-educacao-gratuita/>. Acesso em: 10 out. 2017.

ANEXO 1

No início não havia nada, a não ser um vasto mar oleoso do Caos, que continha uma mistura de todos os elementos. Havia três espíritos ou kami 神 no céu, que olharam para o mar e decidiram que um mundo devia ser criado. Os espíritos produziram muitos deuses e deusas, incluindo Izanagi いざなぎ ("o macho que convida") e Izanami いざな み ("a fêmea que convida"). Izanagi recebeu uma lança mágica incrustada com jóias para esta obra [Ama no Nuhoko 天の沼矛]. Izanagi e Izanami desceram do céu e Izanagi mexeu a lança dentro do mar. Quando ele a retirou do caos, algumas gotas coagularam na ponta da lança. Então as gotas caíram de volta no mar, onde formaram uma ilha. Os dois deuses, Izanami e Izanagi começaram a criar, então, as ilhas do arquipélago nipônico e muitos elementos da natureza, como as cachoeiras e as montanhas. Mas quando Izanami criou o espírito do fogo, este queimou seu coração e ela adoeceu. Do seu vômito nasceram o príncipe e a princesa da fonte de todas as minas: a montanha de metal. Suas fezes se tornaram argila, e sua urina, o Espírito da Água Fresca. Enquanto Izanami descia na Terra da Noite, Izanagi chorou e implorou para que ela voltasse, mas ela não podia, pois tinha comido alimentos do mundo inferior. Então Izanagi decidiu ir até ela na Terra da Noite6. Quando chegou, ficou tão aterrorizado com a imagem de sua esposa apodrecendo que saiu correndo imediatamente. No seu caminho, muitas outras coisas foram criadas como as uvas e os brotos de bambu. Depois da fuga, Izanagi estava muito cansado e refrescou-se tomando banho num rio para limpar-se das impurezas da terra dos mortos. Enquanto se banhava, muitos deuses e deusas foram produzidos como Tsukiyomi-no-Mikoto 月夜見の尊 , quando lavava o olho direito, Susano-O 須左之男 , o Deus da Tempestade, lavando o nariz e quando lavava o olho esquerdo nasceu a Deusa Sol Amaterasu Ōmikami 天照大神 – a mais venerada divindade do panteão xintoísta até hoje, ancestral do primeiro imperador. (Sasaki Pinheiro, 2009, pp. 33,34)